



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

André Bruno Teixeira de Olim

FREI BERNARDO DA ANUNCIADA - O MARTÍRIO MÍSTICO

A experiência mística no caminho do martírio para Deus.

Dissertação Final

sob orientação de:

Prof. Doutor António Abel Rodrigues Canavarro

Porto

2014

«...Estes, em verdade, por muito tempo
e de muitos modos sofreram martírios»

Isti vero longa et multimoda

traxere martyria

(Bernardo de Claraval, PL 184)

FREI BERNARDO DA ANUNCIADA - O *MARTÍRIO MÍSTICO*

A EXPERIÊNCIA MÍSTICA NO CAMINHO DO MÁRTIRIO PARA DEUS

SIGLÁRIO

AVP – Arquivo da Vice-Postulação de Frei Bernardo da Anunciada OSB, Abadia de São Bento de Singeverga

BFB – Boletim Frei Bernardo

Cx. – Caixa

Doc. – documento

LG – *Constitutio Dogmatica de Ecclesia*. In: ACTA SYNODALIA SACROSANCTUM CONCILIUM OECUMENICUM VATICANUM II – Vol. III, Pars VIII. Vaticano, 1964

Mons. – Monsenhor

PL – Patrologiae Cursus Completus, Series Latina, Ed. J. P. Migne, Paris 1844-1865

POS – POSITIO SUPER VITA, VIRTUTIBUS ET FAMA SANCTITATIS – *Congregatio de Causis Sanctorum, Beatificationis et Canonizationis Servi Dei Bernardus ab Annuntiatione*. AVP. Roma, Tipografia Nova Res s.r.l., 2004.

PRO – BEATIFICATIONIS ET CANONIZATIONIS SERVI DEI FR. BERNARDI DE VASCONCELOS, CLERICI MONACHI BENEDICTINI. *Transumptum Processus Informativi super Vita, Virtutibus et Fama Sanctitatis*. AVP. Braga, 1987.

RB – BENEDICTI, SANCTI – *Regula Monachorum*. Editio Altera Emendata. Belgique, Editions Maredsous, 1955

s/d – sem data

SUMÁRIO

SIGLÁRIO	4
INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO I	
OS BENEDITIDOS EM PORTUGAL: UMA PRESENÇA DESDE OS PRIMÓRDIOS DO REINO E VICISSITUDES DE UM MONAQUISMO EMERGENTE	11
1. Breve exposição sobre a Ordem de São Bento em Portugal	12
2. Espiritualidade Beneditina	23
CAPÍTULO II	
FREI BERNARDO DA ANUNCIADA, O HOMEM E O MONGE	35
1. A vida de Frei Bernardo: Infância – Casa do Marvão	35
2. Vocação	44
3. Percurso na Ordem Beneditina	49
4. A Causa	59
CAPÍTULO III	
A SANTIDADE DE FREI BERNARDO: UMA MÍSTICA QUE SE REVELA MARTÍRIO	63
1. Virtude ou santidade?	63
2. A mensagem da Obra Bernardeana	76
3. Martírio Místico	88
CONCLUSÃO	97
ANEXO DOCUMENTAL	101
BIBLIOGRAFIA	109
ÍNDICE	121

INTRODUÇÃO

Aqueles que conheceram Frei Bernardo da Anunciada, ou que possivelmente ficarem a conhecer, pela curiosidade passageira do nome sonante nas plêiades dos santos portugueses, ou simplesmente no campo da historiografia religiosa, pelo aparecimento nas suas mãos da vida e obra, terão diante de si a figura do monge, «de poeta e de santo»¹ que honrou e se destacou na igreja do século XX. A sua mensagem é considerada por muitos como pura vivência apaixonada do cristianismo, articulada pela espiritualidade beneditina, deixando no testemunho da sua obra e na saudade de todos, a sua terna imagem destacada pelos seus traços característicos de poeta, pela preciosidade da experiência humana e cristã.

O apreço por Frei Bernardo da Anunciada que seus contemporâneos expressaram pelas repetidas homenagens, o interesse da sua Ordem Beneditina e dos amigos e devotos, fizeram-nos lançar, nas pobres mãos de quem é tão parco nas lides poéticas e ainda menos nas artes da mística num estudo sobre a sua pessoa. Este trabalho que agora como conclusão do Mestrado Integrado de Teologia apresentamos à Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa, visa a obra e mensagem de tão ilustre monge. A sua santidade não deixa

¹ FERREIRA, JORGE - *Bernardo Vasconcelos, O monge-Poeta*. Viseu, Ora & Labora, 2002. p. 5.

folgas nem margens, mas completa-se na questão: nas adversidades Deus toma quem suspira e geme de amor por Ele? E nesta questão não depomos as nossas armas numa resposta, nem possível nem impossivelmente escrevendo, humana; apenas Deus a poderá responder pela experiência que Bernardo nos testemunha – testemunho este semelhante aos que seguem Cristo. Numa total disponibilidade de configuração, a vida de Bernardo encontra-se com aquelas palavras de ETTY HILESIUM, no seu despertar espiritual, que dizia «As regiões da alma e do espírito são tão vastas e intermináveis que este bocadinho de desconforto físico e sofrimento não importam realmente muito, não me sinto despojada da minha liberdade»², e sem que o tom espiritual na disponibilidade/liberdade entrem em contradição, ou em negação activa ou passiva, nem tão pouco escondida sob o véu de uma piedade normalizada e vulgar.

A obra de Frei Bernardo da Anunciada, por outro lado, aufere tanto de místico como de trabalho e esforço intelectual. Sem dúvida, que sendo um *Cântico de Amor*, canta a história de alguém que se sente na conta dos pecadores a quem Deus encheu as medidas humanas com coisas divinas e como o jornaleiro Divino «tomou os pecados (...) sobre si, e lançou-os às Suas próprias costas»³, deixando um jugo mais leve aos privilegiados que tomaram o seu Amor como o *tudo* desta passagem terrena.

Para uma boa compreensão do trabalho que aqui apresentamos, e pelo nosso dever diante das circunstâncias do trabalho, apontamos algumas razões quanto ao plano da realização, pela qual queremos demonstrar a figura de Frei Bernardo, sem as reservas de um trabalho limitativo, isto é, circunscrevendo apenas um aspecto da sua mensagem. A primeira ideia que sempre esteve no horizonte do esquema de trabalho, no que toca ao primeiro capítulo, foi de facto atendermos à história e espiritualidade da Ordem de São Bento. No primeiro aspecto tivemos por precaução a consulta das muitas fontes históricas de trabalho, que se repercutem também no elemento espiritual, sendo que toda a espiritualidade se apresenta muitas vezes também num caminho prático mas cuidadoso, paralelo à própria História. Ora, a situação histórica da Ordem em Portugal, quanto às fontes não foi de todo fácil, uma vez que procuramos, sem vanglória o afirmamos, as fontes originais, descobrindo a riqueza dos manuscritos antigos do Arquivo do Mosteiro de Singeverga, o que muitas das vezes nos dificultou o caminho quanto ao tempo disponível.

Nas próprias características deste contacto com as fontes, salientamos a dificuldade da escrita paleográfica dos manuscritos que, algumas vezes, dificultou a leitura dos mesmos.

² HILESIUM, ETTY – *Cartas 1941-1943*. Coleção Teofanias. Lisboa, Assírio & Alvim, 2009. p. 143.

³ ALMEIDA, AVELINO; LOURENÇO, M. SANTOS – *O Livro de Ouro do Padre António Vieira*. Porto, António Dourado, Editor Catholico, 1897. p. 83.

Contudo ajudados e confirmados pela comparação dos dados bibliográficos, o nosso trabalho prosseguiu o seu ritmo. Foram cruciais os dados recolhidos em particular para as notas de rodapé. A riqueza da informação e a sua localização tornam-se por excelência o supra-sumo de todo este labor de contacto histórico-cultural do primeiro capítulo.

Na espiritualidade da Ordem Beneditina optamos pela incidência do ponto fundamental e básico em que ela assenta: a Regra de São Bento. Entretanto, achamos conveniente desenvolver um pouco da realidade prática dessa espiritualidade, na repercussão das suas ideias, que muitas figuras ao longo da história destacaram, como Hildegarda e Bernardo de Claraval; na santidade de vida em que o monge opta como caminho e na vertente martirial pela prova constante da fé, sendo todos os dias testemunha, um aspecto muitas vezes, cremos, esquecido no âmbito do cristocêntrismo da vida monástica.

Para apresentar a figura de Bernardo determinamos os vários dados da sua vida. Assim no segundo capítulo traçaremos, passando pelos elementos biográficos, com rigor, os pontos chave da sua vida. Ao procurarmos esses pontos deparámo-nos com uma vida de simplicidade e, ao mesmo tempo, de inegável grandeza, com uma alma jovem e profundamente mística. Ainda no mesmo capítulo abordamos, embora de forma sumária, a questão da Causa de Beatificação, sendo que a pessoa de Frei Bernardo, com o processo há vários anos entregue na Congregação para a Causa dos Santos, é oficialmente na Igreja Servo de Deus, razão essa pela qual a sua figura é amplamente apreciada e conhecida dos fiéis.

Quanto ao terceiro e último capítulo, e seguindo uma propensão natural de pesquisa, faremos a devida abordagem da sua mensagem, em concreto nas cartas e particularmente na sua poesia. De nada serviria este trabalho sem uma incisiva manifestação de identificação dos aspectos teológicos do pensamento de Frei Bernardo. Acreditamos que dessa maneira podemos, como a pepita de ouro na gruta acabada de reluzir aos olhos do mineiro, estabelecer a ideia chave que nos levou à escolha deste trabalho de dissertação: a como novidade que existe quer na obra epistolar, quer da obra poética, e que é necessária reconhecer para compreendermos a classificação porque desde há muitos anos é conhecido o autor poeta místico – e atendermos à sua profundidade. O segundo aspecto é a via da renúncia e de imolação por via da qual quanto a nós, e pela leitura dos seus poemas escritos, surgiu o tema do martírio. Para isso, recorreremos à análise da sua mensagem, com particular atenção às referências ao sofrimento, de facto, numa leitura mais livre, ficaríamos apenas pelos aspectos teóricos, sempre realizados pela leitura desafogada, mas estes nas entrelinhas podem nos ajudar à conclusão daqueles aspectos relacionados com sofrimento.

Nesta escolha de Frei Bernardo, o nosso trabalho é, na riqueza de análise, protótipo e novidade. Ele é a primeira abordagem no campo teológico-universitário, contanto para isso com todas as responsabilidades que um trabalho desta natureza acarreta. Sem pretensiosismos, procurámos subsidiar este estudo nas fontes de que dispusemos. Para isso, foram essências no II e III capítulos os manuais da Causa e obras de referência póstuma a Frei Bernardo. Tentámos conduzir esta última parte, assim como a primeira, razão já mencionada, sempre pelo maior rigor possível, quer de dados, quer nas ideias escritas afim de manter a informação original. Era indispensável nos poemas uma obra crítica, mas tal não foi possível devido à sua inexistência, o que esperamos que um futuro breve, seja colmatado com a devida atenção e publicação. Para a análise dos poemas, seguimos a edição do Cinquentenário da morte de Frei Bernardo, trabalhada pelos monges de Singeverga, assim como, para toda a escassa biografia, a utilização das obras que a editora Ora & Labora dispõe e que foram importantíssimas para este trabalho.

Quanto às dificuldades, mencionamos que no ponto nuclear desta dissertação, a ideia de *martírio místico* poderá ter sido pouco aprofundada, mesmo que a nossa opção de argumentos fosse pouca. Queremos também mencionar um caso peculiar: em todas as obras publicadas, são presentes depois ao público as manifestações da crítica. Com Frei Bernardo aparece-nos, por comentários orais, a possível existência de um breve trabalho de Daniel Faria, que consistia numa observação e análise da obra *Ideal Cristão*. Ficámos apenas com as referências orais, e embora tivéssemos feito uma análise comparativa, sempre sumária, quanto às fontes dessa obra, não encontrámos, em nenhuma ocasião as folhas de papel, possivelmente perdidas do Arquivo de Daniel Faria no Mosteiro de Singeverga, ao qual tivemos acesso, por breves horas.

Por isto, temos consciência de que este trabalho debate-se como novidade no campo académico, pois que é o primeiro desta natureza sobre o monge poeta. Mas deste lamento ou impotências para escrever sobre um «anjo que aos anjos ascendeu»⁴, ainda que essas impossibilidades nos ultrapassem em saber, fica-nos o desejo de que este esboço sobre Frei Bernardo de alguma coisa possa servir a todos aqueles que, em trabalhos futuros no campo da espiritualidade, ou noutros campos multidisciplinares, se dedicarem à obra do monge e poeta possam retirar deste trabalho o melhor que ele tiver para oferecer.

⁴ NEVES, MOREIRA – *O Monge que morreu cantando*. Porto, Ora & Labora, 2010. p. 54.

CAPÍTULO I

OS BENEDITINOS EM PORTUGAL: A PRESENÇA DESDE OS PRIMÓRDIOS DO REINO E VICISSITUDES DE UM MONAQUISMO EMERGENTE

Atender aos factos e dados da origem da Ordem Beneditina em Portugal, assim como da sua permanência até a extinção e restauração, pelos multiformes estudos que dela existem, sempre numa linha dupla entre as vertentes histórica e espiritual, pareceu-nos importante inseri-lo neste trabalho, sendo a matéria deste primeiro capítulo. A religiosidade beneditina tem a sua tónica na prática e observância do evangelho, que é dado aos homens cristãos e apresentado como caminho de perfeição aos monges, chamados a testemunhar o amor de Deus. A corrente monástica perpassou os séculos da nossa história como um cometa, não menos brilhante em ideias e objectivos, numa interrupta capacidade vivencial em sintonia com os desejos do povo lusitano.

A indelével figura de Bento⁵ de Norcia⁶ a que a Europa chama “Pai” e Santo, deixou na história e para o futuro uma tradição vivencial, sempre actual, dos valores do Evangelho. Se dizemos que os monges civilizaram a Europa, a afirmação encontra veracidade na própria história do nosso continente. O monaquismo no desenvolvimento de infraestruturas, pessoas e locais orientou-se, *grosso modo*, como escola para o que hoje chamamos Europa. O movimento beneditino tornou-se veículo de cultura, de valores sociológicos e políticos do

⁵ A vida de São Bento (entre 405-547) crê-se ter sido escrita por São Gregório Magno e mais tarde divulgada através da obra «*De Vitae et Miraculis Patrum Italicorum et de aeternitate animarum*» conhecido comumente por *Livro dos Diálogos*, dividido em quatro volumes. O segundo Livro narra a vida e milagres do Patriarca dos Monges, São Bento de Norcia (Cf. GREGORII MAGNI, *S. P. Benedictus Monacharum Omnium Occidentalium. Prolegomena*, ed. J. P. Migne (PL 66), Paris 1859. Col. 125-204).

Acerca da vida São Bento contam-se muitas monografias editadas ao longo dos anos, citamos algumas: LOJENDIO, LUIS MARÍA – *San Benito, Ayer y Hoy*. Zamora, Ediciones Monte Casino, 1985; NESMY, CLAUDE JEAN – *St. Benoît, et la Vie Monastique*. France, Éditions du Seuil, 1983; PIÑEDO, RAMON MOLINA – *San Benito Fundador de Europa*. Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 1980; PRADO, LOURENÇO DE ALMEIDA – *São Bento, O eterno no Tempo*. Rio de Janeiro, Edições Lumen Christi, 1994; SOUSA, GABRIEL – *São Bento, Patriarca dos Monges e Pai da Europa*. Singeverga, Edições Ora & Labora, 1983. Alguns estudiosos, como Kassius Hallinger e Francis Clark, discutem a autenticidade gregoriana dos Diálogos (Cf. CLARK, FRANCIS – *The pseudo-Gregorian Dialogues*. In: *Studies in the History of Christian Thought*, nº 37-38. Leiden, Brill Academic Pub, 1987).

⁶ Cidade natal de São Bento.

cristianismo, que apartam o homem das muitas e variadas éticas oferecidas pela sociedade hodierna como rumo possível de felicidade, sendo a maioria delas facções do efémero que resultam, por fim, em arredar o sentido de Deus da vida do homem.

1. – Breve exposição sobre a Ordem de São Bento em Portugal

A Ordem de São Bento em Portugal⁷ remonta ao séculos XI e XII⁸, aquando da criação e refundação de vários mosteiros⁹ no reino, tendo como princípio básico e potencial a “Regula Monachorum” atribuída a São Bento, patriarca dos monges. Ora, encontrávamos, anteriormente ao séc. XI pela Hispânia um monacato pouco organizado a partir de vários pontos referenciais geográficos e, também, registo de alguns nomes de religiosos¹⁰, como o caso de Bachiarius e Egéria¹¹.

Para o desenvolvimento e expansão do beneditinismo, os reis Fernando Magno e Afonso VI adoptaram para os seus mosteiros a Regra de São Bento e os costumes da grande Abadia de Cluny¹², fundada pelo duque de Aquitânia e sob a protecção directa de Roma. A Península Ibérica, que até então possuía referências monásticas, como já dissemos, receberá novas influências do império, geradas pela acção dos reis e pelo Concílio de Coyanza em 1055¹³, procurando nos centros monásticos existentes uma uniformidade de costumes e

⁷ Sobre a Ordem de São Bento em Portugal: BRITO, FREI BERNARDO – *Monarquia Lusitana*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004. Vol. II; BRANDÃO, FREI ANTÓNIO – *Monarquia Lusitana*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2008. Vol. III; LINAGE, ANTÓNIO CONDE – *S. Bento e os Beneditinos* (Tradução de Dom Gabriel de Sousa). Braga, Edição da Confraria de S. Bento da Porta Aberta, 1989-1996. 6 Vols; OLIVEIRA, PAULO JOÃO DA CUNHA – *A Congregação Beneditina Portuguesa no percurso para a extinção (1800-1834)*. Viseu, Palimage Editores, 2005; SOUSA, BERNARDO VASCONCELOS (Cor.) – *Ordens Religiosas em Portugal, Das Origens a Trento - Guia Histórico*. Lisboa, Livros Horizonte, 2005; TOMÁS, FREI LEÃO DE SÃO – *Benedictina Lusitana*. Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Lisboa, 1974.

⁸ Cf. MATTOSO, JOSÉ (Dir.) – *Monges Sacerdotes. História de Portugal*. Lisboa, Editorial Estampa, 1993. pp. 183-189; *Beneditinos I. Idade Média*. In: AZEVEDO, CARLOS MOREIRA (Dir.) – *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. Lisboa, Círculo dos Leitores, 2000. Vol I, pp. 202-205.

⁹ Cf. VILAR, HERMÍNIA VASCONCELOS – *A procura da perfeição longe do mundo: da reforma beneditina à influência Cluniacense*. In: AZEVEDO, CARLOS MOREIRA (Dir.) – *História Religiosa de Portugal*. Lisboa, Círculo dos Leitores, 2000. Vol I, p. 207.

¹⁰ Cf. JORGE, ANA MARIA C. M. – *A vida monástica na Hispânia durante a Antiguidade Tardia*. In: AZEVEDO, CARLOS MOREIRA (Dir.) – *História Religiosa de Portugal*. Lisboa, Círculo dos Leitores, 2000. Vol I, p. 203.

¹¹ Cf. ÉGÉRIE – *Journal de Voyage (Itinéraire)*. In: SOURCES CHRÉTIENNES, n° 296. Paris, Les Editions du cerf, 1982.

¹² Cf. SCHMITZ, PHILIBERT – *La liturgie de Cluny*. Convegni del Centro di Studi Sulla Spiritualità Medievale. Todi, Presso L'Accademia Tudertina, 1960. pp. 85-99; Cf. LECLERQ, JEAN – *Spiritualité et Culture à Cluny*. Convegni del Centro di Studi Sulla Spiritualità Medievale. Todi, Presso L'Accademia Tudertina, 1960. pp. 103-151.

¹³ Este Concílio Ibérico, depois impulsionado pela realeza leonesa e por São Rosendo, possibilitou uma grande reforma: revisão das observâncias; condenação dos mosteiros familiares; adopção de uma Regra de vida, S. Isidoro ou São Bento (Cf. VILAR, HERMÍNIA VASCONCELOS – *A procura da perfeição longe do mundo: da*

adoção duma única regra de vida para a comunidade, deixando de parte a tendência, então praticada, de observar a vida comum a partir de várias regras conventuais.

Os sucessivos desenvolvimentos do reino de Portugal, consolidação e reconhecimento, fizeram com que os monarcas concedessem importantes benefícios e privilégios à Ordem Beneditina sendo desde o princípio acarinhada, tal como aconteceu com a sua congénere Cisterciense. As Cartas de Couto, constante até ao século XIII, que implicavam como privilégio a autonomia da terra coutada, afim de poder prover às necessidades e à subsistência material dos Mosteiros, são exemplo de que não só eram queridas pelo rei as comunidades monásticas, como o bem estar era essencial para o desenvolvimento das mesmas comunidades, que paulatinamente consolidavam o território conquistado, desenvolvendo o cultivo das terras e provendo às populações formas de sobrevivência, elaborando e coordenando¹⁴ os ritos e as festas da religião popular. Veja-se, por exemplo, o caso do Mosteiro de Santa Maria de Pombeiro que em boa hora granjeou as benesses dos Reis: recebeu da Infanta D. Teresa, mulher do conde D. Henrique, o couto, de qual existe uma cópia na Torre do Tombo. O documento original foi entregue nas Cortes no ano de 1519, por ocasião duma Provisão Régia¹⁵.

Depois de tanto favoritismo por parte dos reis e ilustres do reino, a Ordem de São Bento desenvolver-se-á, chegando a conhecer-se monges¹⁶ que se destacaram pela notabilíssima cultura, passando pelo tempo maléfico dos comendatários até à sua transformação em Congregação. De facto já se tinham passados seis anos desde a tentativa de reforma por dois monges de Monserrat: Fr. Pedro Chaves e Fr. Plácido Vilalobos. O primeiro era de terras espanholas, quanto ao segundo, era português natural de Lisboa¹⁷.

reforma beneditina à influência Cluniacense. In: AZEVEDO, CARLOS MOREIRA (Dir.) – *História Religiosa de Portugal*. Lisboa, Círculo dos Leitores, 2000. Vol I, pp. 208-209; GARCÍA GALLO, A. – *El Consilio de Coyanza*. In: ANUARIO DE HISTORIA DEL DERECHO ESPAÑOL. Madrid, 1950. pp. 275-633).

¹⁴ Cf. MATTOSO, JOSÉ – *Identificação de um País, ensaio sobre as Origens de Portugal 1096-1325*. Lisboa, Editorial Estampa, 1991. p. 204.

¹⁵ Cf. MEIRELES, FREI ANTÓNIO DA ASSUNÇÃO – *Memórias do Mosteiro de Pombeiro*. Academia Portuguesa da História. Publicações Comemorativas do duplo Centenário da Fundação e da Restauração de Portugal. Lisboa, 1942. p. 6.

¹⁶ Destacamos uma figura ímpar da vivência monástica antes da criação da Congregação, que se notabilizou na música: Dom Frei André Dias, monge de Rendufe, escritor e Bispo de Mégara (Cf. MARTINS, MÁRIO S. J. – *Laudes e Cantigas Espirituais de Mestre André Dias* (Coligidas, anotadas e comentadas). Lisboa, Oficinas de Ramos, Afonso & Moita, 1951).

¹⁷ Cf. DIAS, GERALDO COELHO – *Quando os Monges eram uma Civilização, Beneditinos: Espírito, Alma e Corpo*. Porto, Edições Afrontamento, 2011. p. 166.

1.1 – Fundação da Congregação

Os mosteiros beneditinos foram Constituídos como Congregação no ano de 1566¹⁸, pelo Papa Pio V, sendo rei de Portugal D. Sebastião. Por razões conhecidas, governou o reino o Cardeal Dom Henrique, que resolveu pedir dois monges do Mosteiro de Valladolid¹⁹, Espanha, para reformarem os mosteiros portugueses, numa segunda tentativa, sendo a primeira defraudada seis anos antes. Do esforço do Cardeal resultou a reforma da vida monástica que implicou também a confederação²⁰ dos mosteiros numa Congregação de modo a favorecer governo mais directo e unitário. Para isso, seguiram o modelo jurídico das constituições das congregações italiana de Santa Justina e espanhola de São Bento de Castela. Nomeado Fr. Pedro de Chaves Abade de Tibães, *Reformador & Geral*²¹, por dez anos, os monges negros no Reino de Portugal ficaram constituídos como congregantes dos vários Mosteiros²² e o Abade de Tibães com plenos poderes para estabelecer superiores com o intuito de governar os mosteiros, neles implementar a reforma²³, debandando os comendatários e estabelecendo a Regra de São Bento na vida dos monges portugueses.

¹⁸ Cf. DIAS, GERALDO COELHO – *Quando os Monges eram uma Civilização, Beneditinos: Espírito, Alma e Corpo*. p. 166.

¹⁹ Os dois monges foram Fr. Allonso de Zorilla e Fr. Juan de Guzmán (Cf. DIAS, GERALDO COELHO – *Quando os Monges eram uma Civilização, Beneditinos: Espírito, Alma e Corpo*. p. 167).

²⁰ Cf. *Livro dos Instrumentos de posses que se tomarão dos Mosteiros da Ordem de S. Bento deste Reino de Portugal e donde estão trasladadas as Bulas de Reformação do Papa Pio V com otras Provisões pertencentes a dita Reformação* – Auto de posse de 1569. Livro Manuscrito de 1596, Arquivo Mosteiro de Singeverga. Caixa 18, Fls. 1-5.

²¹ TOMÁS, FREI LEÃO DE SÃO – *Benedictina Lvsitana*. Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Lisboa, 1974. Vol. I, p. 392.

²² Lista dos Mosteiros existentes na altura da fundação da Congregação: São Martinho de Tibães; Santo André de Rendufe; Santa Maria de Pombeiro; São Salvador de Travanca; São João de Arnóia; São Miguel de Refojos de Basto e Colégio Mosteiro de São Bento de Coimbra (a ele agregado); São Romão do Neiva; São João de Cabanas; São Salvador de Ganfei; São João Baptista de Alpendurada; Santo Tirso de Riba d’Ave; São Miguel de Bustelo; São Martinho do Couto de Cucujães; São Salvador de Palme; Santa Maria de Carvoeiro; São Cláudio de Lima; São João D’Arga; Santa Maria de Miranda; São Salvador de Paço de Sousa (Cf. DIAS, GERALDO COELHO – *Quando os Monges eram uma Civilização, Beneditinos: Espírito, Alma e Corpo*. pp. 170-176).

²³ Na primeira acta do Capítulo Geral escreve o relator (Fr. João Mansilha): «e estando todos assentados, e feita por nosso muy R^{do} Padre geral frey Pedro Chaves súa breve pratica, persuadindo a todos que com bom animo, e com vontade aparelhada recebessem a reformação, e que não fossem ingratos atamgrande mercê como nosso snor lhes avia feito en seu tempo nem o que nunca neste reino virão, e aneguem lhe desse preceptos eregras mediante as quaes podessem viver a serviço de nosso sor, e com edificação do povo tirando de diante a ignominia e desprezo emq antes erão tidos, logo por hum Religioso foy lida a bulla de reformação tresladada em lingoare paraq melhor fosse de todos entendida, aqual acabada de ler, nosso muy R^{do} Padre nomeou para examinar os poderes dos procuradores aos R^{dos} Padres o Padre Prior de Pombeiro frey Hieronimo de Guimarães, e frey Paulo Prior de Sam Joam dalpendorada os quaes poderes acharão ser suficientes e conformes a como nossas constituições mandao que serião, e asi os ditos procuradores forão admitidos a celebração do capitulo geral...» (*Livro dos Capitulos Geraes da Congregação do Glorioso P. S. Bento de Portugal e de suas definições e lições* – Capítulo Geral de 10 de Setembro de 1570. Livro Manuscrito de 1570, Arquivo Mosteiro de Singeverga. Livro nº15, Caixa 14. Fls. 2,v-3).

A Congregação nos primeiros tempos teve como principal luta a restauração de alguns mosteiros que estavam em considerável ruína. Solucionar o número de elementos de algumas comunidades que estavam em défice e, sobretudo, cuidar e revitalizar a formação de novos candidatos, afim de prover uma maior consolidação da vida espiritual e cultural, foram as linhas de orientação do novo impulso reformador.

O 1º Capítulo²⁴ geral da Congregação aconteceu a dez de Setembro do ano de 1570, participando nele os abades e priores da congregação, religiosos capitulares e conventuais. Neste capítulo ficou decidido que se deveriam realizar as visitas, nomeando alguns monges para acompanharem o Padre Geral. Tratou-se ainda da resolução de algumas questões litúrgicas e das diferenças e variantes de mosteiro para mosteiro, de observações sobre os votos de obediência, pobreza e castidade, entre outros assuntos. No 2º Capítulo Geral, que reuniu em Tibães, tal como o primeiro, a treze de Fevereiro de 1575, encontramos nas actas a necessidade de se assegurar a uma maior formação dos monges. Os padres capitulares foram de comum acordo em criar várias escolas nos mosteiros para sustentar os estudos: língua latina em São Miguel de Refojos, artes em São João de Alpendurada e teologia em Coimbra²⁵.

A Congregação Beneditina tornou-se referência no reino, por várias e boas razões: organização hierárquica com o Geral e seu conselho; notáveis pregadores²⁶; mestres nos ofícios e artes, denominados comumente de «Padres Mestres»; Bispos²⁷, doutores e professores na Universidade de Coimbra, sendo o mais iminente Dom Frei Francisco de São Luís Saraiva²⁸; e ainda escritores²⁹ e autores dos mais diversos assuntos³⁰. A formação

²⁴ Acerca dos Capítulos Gerais diz-nos Aurélio de Oliveira: « O órgão máximo donde partia toda a orientação da casa de Tibães (como, aliás, das outras casas da Congregação), era o Capítulo Geral, que de três em três anos se reunia (...) O capítulo Geral intervinha ao nível mais elevado na orientação geral da política económica deixando, porém, a cada casa a orientação específica» (Cf. OLIVEIRA, AURÉLIO – *Terra e Trabalho, Senhorio e Gentes no Vale do Cávado durante o Antigo Regime*. Vol. I. Porto, Edições ISMAI, 2013. p. 145).

²⁵ Cf. *Livro dos Capítulos Geraes da Congregação do Glorioso P. S. Bento de Portugal e de suas definições e lições* – Fls. 28-v, 29.

²⁶ Cf. DIAS, GERALDO COELHO – *Quando os Monges eram uma Civilização, Beneditinos: Espírito, Alma e Corpo*. p. 184.

²⁷ Lista dos monges que foram Bispos ao tempo da Congregação: D. Frei Gonçalo de Moraes (1543 – 1617), D. Frei Gaspar Cardoso (? – 1615), D. Frei António de Jesus Maria (? – aprox. 1648), D. Frei Pedro Sousa (1599 – 1668), D. Frei António da Paz (? – 1671), D. Frei António da Luz (1620- 1679), D. Frei António Teles da Silva (? – 1682), D. Frei Manuel Pacheco (1620 – ?), D. Frei Jerónimo de S. Tiago (1644 – 1720), D. Frei João de Seixas (1691 – 1738), D. Frei António do Destêrro (1694 – 1773), D. Frei João de S. José Queiroz (1711 – 1764), D. Frei José Sofia da Natividade (? – 1812), d. Frei José de Santa Escolástica (1742 – 1814), D. Frei Joaquim de Santa Clara Brandão (1740 – 1818), D. Frei António de S. José Bastos (? – 1819), D. Frei Vicente da Soledade e Castro (1763 – 1823), D. Frei Francisco de S. Luís Saraiva, depois Cardeal-Patriarca (1766 – 1845), D. Frei António de Santa Rita Carvalho (1782 – 1839) (Cf. ANDRADE, ANDRÉ M. – *Episcopológico Beneditino Português*. In: MENSAGEIRO DE SÃO BENTO. Ano XI, nº 7. Mosteiro de Singeverga, 1942. Pp. 277-292; SARAIVA, FREI FRANCISCO DE SÃO LUIS – *Apontamentos Beneditinos, Lista de Bispos depois da Reforma*. Livro Manuscrito, Arquivo Mosteiro de Singeverga. Caixa 21, Fl. 120-v).

²⁸ Sobre o monge Cardeal ver: PAIXÃO, V. M. BRAGA – *Sobre alguns Políticos que foram Académicos*. Memórias da Academia das Ciências de Lisboa. Lisboa, 1980. pp. 280-286; QUEIROZ, FRANCISCO – *O Cardeal*

académica era cautelosa, conquanto se proporcionasse aos estudantes da congregação formas novas de aprendizagem, e métodos³¹ que inovassem o conhecimento.

Constatamos que ao tempo das *Descobertas* o Capítulo Geral decidiu o envio de religiosos para as novas terras como Índia e Brasil³², não só demonstrando uma atenção para com os desejos da governação e expansão portuguesa, mas também o interesse em expandir a tradição monástica.

Apesar de bem constituída e organizada, nem tudo foi agradável para a Congregação, abater-se-ão sobre ela questões relativas a bens, cedências económicas que nos levam a referir casos como o Mosteiro de Paços de Sousa³³, onde foram disputadas rendas entre a comunidade e a Companhia de Jesus, e o famoso Mosteiro de Santa Maria de Pombeiro, onde durante largos anos cederam dinheiro aos Jerónimos de Belém.

Quando foi concedido aos reis de Portugal o direito do padroado dos Mosteiros de São Bento, o Rei D. Sebastião cedeu esse mesmo honroso benefício a 22 de Janeiro de 1578, à Congregação, beneficência essa cedida por Pio IV, confirmada sucessivamente por Gregório XIII e Sisto V. Mas Filipe II de Espanha, tomando o trono de Portugal, furtou para si o benefício do padroado e vendo que os encargos da Coroa tinham prejuízo, anexou por pedido ao Papa as rendas de Pombeiro como forma de aliviar a Fazenda Real. Por destinos enigmáticos e artimanhas eclesiásticas, os monges de Belém conseguiram arrecadar a mesa abacial de Pombeiro³⁴, por esta, na altura, não ter abade. Os *procuradores belamitas*, como lhe chama Frei António da Assunção Meireles, fizeram o que mais podiam para arrecadar

Saraiva na *Universidade de Coimbra*. In: «Mensageiro de S. Bento». nº 11-12. Mosteiro de Singeverga, 1945. pp. 221-231.

²⁹ Cf. SOUSA, GABRIEL – *Escritores Beneditinos Naturais da Cidade do Porto*. Porto, Comemorações do IVº Centenário da Fundação do Mosteiro de São Bento da Vitória, 1997.; DIAS, GERALDO COELHO – *Frei João dos Prazeres, OSB - A polémica Monástica e a Literatura Emblemática*. Separata da «Revista de História». Centro de História da Universidade do Porto. Porto, 1979. pp. 5-18.

³⁰ Algumas obras dos monges da congregação: BOAVENTURA, FR. JOÃO DE S. – *Resposta aos Anonymos de Lisboa, ou Tunda Geral sobre os Pedreiros Livres*. Lisboa, Impressão de J. M. Torres. 1823; CORREIA, F. CARVALHO – *A Organização dos Estudos no Mosteiro de Santo Tirso*. In: HUMANITAS. Coimbra, 2011. Vol. LXIII, pp. 427-450; FREY GIL, DE S. – *Satisfação Apologetica, e quinta essência de Verdades averiguadas e apuradas todas*. Lisboa, 1651; PRAZERES, FR. JOÃO – *Abecedario Real*. Lisboa, Oficina de Miguel Deslandes, 1692; SARAIVA, FREI FRANCISCO DE S. LUIS – *Ensaio sobre alguns Synonymos da Lingua Portuguesa*. Lisboa, 3º Edição, 1838.

³¹ Cf. *Plano de Estudos para a Congregação de São Bento de Portugal*. Lisboa, Na Regia Oficina Typografica. 1776.

³² Cf. *Livro dos Capitulos Geraes da Congregação do Glorioso P. S. Bento de Portugal e de suas definições e lições* – Capítulo Geral de 10 de Setembro de 1570. Livro nº15, Caixa 14. Fl. 35-v.

³³ Cf. MEIRELES, FREI ANTÓNIO DA ASSUNÇÃO – *Memórias do Mosteiro de Paço de Sousa*. Academia Portuguesa da História. Publicações Comemorativas do duplo Centenário da Fundação e da Restauração de Portugal. Lisboa, 1942. p. 57.

³⁴ Cf. MEIRELES, FREI ANTÓNIO DA ASSUNÇÃO – *Memórias do Mosteiro de Pombeiro*. Academia Portuguesa da História. Publicações Comemorativas do duplo Centenário da Fundação e da Restauração de Portugal. Lisboa, 1942. p. 51.

tudo o que dizia respeito a rendas, foro e privilégios. Estas situações, tão díspares e contraditórias, mancharam a reforma levada a cabo com tão bom intento pelos monges congregantes, sinal de que nem sempre os grandes do reino, embora favoráveis, dispuseram de acessibilidades ao ideal reformador.

Nos anos de 1808-1810 ocorrem em Portugal as *Invasões Francesas*, tendo à cabeça do exército francês o General Junot. Os mosteiros foram prejudicados pela tropa invasora que destruiu e saqueou, deixando algumas comunidades no desespero da sobrevivência. Essa situação agravou-se com novas causas e situações pontuais mais ou menos idêntica de mosteiro para mosteiro, tendo acontecido fugas por parte de alguns monges. A *Invasão* desarticulou grandemente o andamento da Congregação que restaurava alguns mosteiros com grande esforço e estabilizava as comunidades: o Mosteiro de São Bento da Vitória, por exemplo serviu de Hospital Militar³⁵ na campanha francesa, tendo os monges depois de 1819, tentado reabilitar os espaços consagrando-os de novo à clausura e à vida monástica, empenho esse defraudado pelos anos consequentes; Santa Maria de Pombeiro, outro exemplo, aquando da segunda retirada da *Invasão* das tropas francesas, em 1809, sofre um gravoso incêndio que acabou por destruir grande parte do mosteiro.

As *Invasões Francesas*, no contexto intelectual português, foram diversivas, isto é, demarcaram com a sua influência e intromissão no pensamento português ideias laicistas, entre outras, que foram, aliás bandeira fundamental na Revolução Francesa, e por cá tiveram eco. Digamos com toda a justiça, que o tal conceito laicista encontrou por parte de algumas classes sociais do panorama português, em especial no ideário liberal, uma oportunidade para descompor as bases de governação. As instituições deviam tornar-se liberais³⁶, a nobreza deveria tornar-se liberal, clero e o povo deviam seguir o exemplo dos primeiros do reino. Muitos sonhavam, com grandíssimas expectativas e ilusões, com um Estado Constitucional. A maçonaria ganhava entusiastas entre os duvidosos e, com incrível rapidez, os seus membros colocavam-se nos lugares de destaque, acabando por influenciar a sociedade³⁷ no seu todo. Os

³⁵ Cf. DIAS, GERALDO COELHO – *Os Beneditinos e as vicissitudes do Mosteiro de S. Bento da Vitória*. In: ACTAS DO CICLO DE CONFERÊNCIAS – Comemoração do 4º Centenário da Fundação do Mosteiro de S. Bento da Vitória. Porto, Arquivo Distrital do Porto, 1997. p. 39.

³⁶ Cf. ARAÚJO, ANA CRISTINA BARTOLOMEU – *As invasões francesas e afirmação das ideias Liberais*. In: MATTOSO, JOSÉ – *História de Portugal, O liberalismo*. Lisboa, Editorial Estampa, 1999. Vol. V, Pp. 17-43.

³⁷ Fr. João de São Boaventura diz o seguinte: «Que se devia pois esperar de mim, no meio do triunfo da Religião, e da legitimidade? Que levantasse a minha voz, ainda com mais força, e energia, para descobrir aos Portuguezes, que os Conjurados de 24 de Agosto de 1820, erão hum ecco dos Revolucionarios Francezes em 1789; dos Revolucionarios Hespanhoes em 1812, e 1820. Que fizesse clara, e palpável a todos os meus ouvintes, a grandeza dos males que soffremos com o jugo dos Pedreiros Iluminados; e os bens que goza, e pôde gozar debaixo da Soberania do melhor dos Reis. Assim o tenho feito em todos os templos, para onde a devoção dos Fieis me tem convocado como Orador, e interprete dos seus Chatolicos sentimentos» (BOAVENTURA, FR.

benedictinos de então tomaram duas posições: uns concordavam com o liberalismo, destacando-se Fr. Francisco de São Luís Saraiva³⁸, depois Cardeal de Lisboa e Fr. Francisco da Soledade e Castro, Presidente das Cortes, ambos na linha de equilíbrio quanto ao factor Igreja e Estado. Os discordantes desta posição, tal como Fr. Mateus da Assunção Brandão, acabariam por tomar o lado absolutista como frente de batalha.

Os mosteiros acabariam por suportar a luta entre poder, Liberais e Absolutistas, contribuindo para o erário público, na recolha faminta dos meios financeiros, em suma procedendo a liquidação duma economia parca e fragmentada por tantas outras coisas. Assim, as comunidades contribuiram³⁹ para o regime através das chamadas *Décimas*, ordinárias e as extraordinárias. Começou-se, assim, o fadado destino das Ordens Religiosas.

1.2 – A Extinção

O processo de extinção dos mosteiros, assim como conventos, colégios e hospícios das Ordens Religiosas iniciara-se com o *Decreto* de 5 de Agosto de 1833 que determinava a expulsão de noviços das casas religiosas e a não admissão de novas vocações⁴⁰. O artigo 1º considera traidores todos os religiosos que abandonaram as suas instituições e seguiram o partido de D. Miguel. Por outro lado, o artigo 2º menciona como traidores, os mosteiros ou conventos, que receberam partidários de D. Miguel, com pena de supressão e os bens conventuais declarados como pertencentes ao rol dos bens nacionais.

Efectivamente alguns dos mosteiros beneditinos encontrava-se abaixo do número requerido de elementos por um Decreto do ano de 1822 que suprimia casas com menos de 12 religiosos. Tratando-se disto, tomemos a situação do Mosteiro de São Martinho de Tibães, pois, na altura desse Decreto tinha apenas 12 monges, o que significava o seu encerramento. Naturalmente, os irmãos da pequena comunidade foram recolher-se a outras casas.

JOÃO DE S. – *Resposta aos Anonymos de Lisboa, ou Tunda Geral sobre os Pedreiros Livres*. Lisboa, Impressão de J. M. Torres. 1823. p. 7).

³⁸ O Cardeal Fr. Francisco de São Luís Saraiva apadrinhou a publicação, antes da implementação do Liberalismo, um obra intitulada «Os Frades Julgados no tribunal da Razão» (Cf. DIAS, GERALDO COELHO – *Quando os Monges eram uma Civilização, Beneditinos: Espírito, Alma e Corpo*. p. 219).

³⁹ Cf. *Livro Manuscrito de Visitas, Ordens e Pastorais do Mosteiro de S^{ta} Maria de Carvoeiro* – Acta de 1825. Livro Manuscrito, Arquivo Mosteiro de Singeverga. Caixa 18, Livro 24. Fl. 49-v.

⁴⁰ Cf. ALMEIDA, FORTUNATO – *História da Igreja em Portugal*. Porto-Lisboa, Livraria Civilização - Editora, 1970. Vol. III, p.146.

O último Capítulo Geral, talvez manietado pelos confrontos políticos, apenas nos descreve em acta⁴¹ que os participantes reunidos pelo Abade Geral⁴², Frei Bento do Pilar, procederam à eleição abacial para o Mosteiro de Miranda. Portanto, quando é conhecido o decreto de 28 de Maio de 1834, a Casa-mãe dos beneditinos⁴³ encontrava-se em estado de inventariação dos seus bens para venda em hasta pública. Os bens mais valiosos, como pratas (alfaias litúrgicas), paramentos, livros da biblioteca, pinturas, estampas e documentos do cartório, estavam em avançado processo de inventariação antes da assinatura do Decreto de Extinção⁴⁴.

Assinado o Decreto de Extinção por Dom Pedro e Joaquim António de Aguiar, efectivou-se, propriamente dito, a Extinção de todas as Ordens Religiosas em Portugal. Uma visão, dura, mas atenciosa aos factos leva-nos a crer que a Extinção em muitos casos resolveu o problema da decadência de algumas comunidades e casas que estavam há muitíssimos anos em lastimosa situação. Na verdade as reformas para as Ordens⁴⁵ foram consecutivamente adiadas, quer pelas perturbações sociais e económicas, quer pelo poder régio, onde as frentes maçónicas ganharam batalhas, mesmo que a maioria dos conselheiros do rei defendesse a reforma e não a pura extinção das Ordens Religiosas. Salvou-se contudo a Província Beneditina do Brasil⁴⁶, que se tornara independente em 1827⁴⁷, e daí viria anos mais tarde, por prodígios da providência, a refundação.

Nos anos posteriores os periódicos e demais publicações eram a voz de uma acesa discussão acerca da *Extinção*. Muitos escritores⁴⁸ foram a voz contra a multidão liberal que em lúgubres laivos espalhavam a doutrina reacionária a tudo o que era *frade*, defraudando, de

⁴¹ Cf. *Bezerro* – Actas do Capítulo Geral de 1833. Livro Manuscrito, Arquivo Mosteiro de Singeverga. Nº 13, Livro nº16, Caixa 14 . fls. 31-v.

⁴² Os Abades Gerais da Congregação entre 1798-1834: Frei Manuel de Santa Rita Vasconcelos (1798-1801); Frei José de Santa Rosa Vasconcelos (1801-04); Frei Francisco dos Prazeres (1804-07); Frei Manuel da Conceição (1807-10); Frei Manuel Inácio das Dores (1810-13); Frei Bento de Santo António (1813-16); Frei João do Rosário e Castro (1816-19); Frei Francisco de São João Baptista Moura (1819-22, 1822-25); Frei Bento de Nossa Senhora (1825-28); Frei Agostinho dos Prazeres (1828-31); Frei Bento do Pilar (1831-34) (Cf. DIAS, GERALDO COELHO – *Quando os Monges eram uma Civilização, Beneditinos: Espírito, Alma e Corpo*. pp. 203-212).

⁴³ Cf. OLIVEIRA, PAULO. *A Congregação Beneditina Portuguesa no percurso para a extinção* (1800-1834). Palimage Editores. Braga, 2005. p. 212.

⁴⁴ Cf. NETO, VÍTOR – *O Estado e a Igreja*. In: MATTOSO, JOSÉ – *História de Portugal, O liberalismo*. Lisboa, Editorial Estampa, 1999. Vol. V. pp. 17-43.

⁴⁵ Cf. OLIVEIRA, PAULO. *A Congregação Beneditina Portuguesa no percurso para a extinção* (1800-1834). Palimage Editores. Braga, 2005. p. 219.

⁴⁶ Cf. SOUSA, GABRIEL – *O voto ultramarino dos beneditinos portugueses*. In: Boletim da Academia Internacional da Cultura Portuguesa, Separata. Lisboa, Academia Internacional da Cultura Portuguesa, 1966.

⁴⁷ Cf. DIAS, GERALDO COELHO – *Quando os Monges eram uma Civilização, Beneditinos: Espírito, Alma e Corpo*. p. 237.

⁴⁸ Cf. LEMOS, J. DE – *Os Frades, Defeza, Justificação, e Apologia*. Centro de Propaganda Catholica em Portugal. Guimarães, Imprensa Comercial, 1884.; *Abaixo os Jesuítas e os Padres*. Porto, Editor Francisco Pereira d’Azevedo, 1879.

facto, as expectativas das correntes de opinião que via no liberalismo um refúgio para as tendências governativas. A Extinção foi fatal, mas não tanto como fora ao tempo do Marquês de Pombal no caso dos Jesuítas que destruiu, irremediavelmente, por muitos anos vindouros o ensino em Portugal. Contudo no caso presente de 1834 os problemas económicos sobrepuseram-se aos políticos, afundando sistemas de pseudo-salvação que desbarataram a sociedade a nível sociológico e cultural.

1.3 – Refundação

Com a Extinção de 1834 a Ordem de São Bento deixa de existir no panorama da Igreja lusitana, como aconteceu com as restantes Ordens Religiosas. Porém a devoção e a saudade da vida religiosa estavam vivas na lembrança e no coração dos *egressos*⁴⁹ assim como do povo, que nunca perdeu a devoção ao *Santo dos Cravos*. Os monges beneditinos, depois da extinção, procuraram refúgio em casa de familiares, ou em mosteiros da vizinha Espanha e os que eram sacerdotes tornaram-se vigários e curas paroquiais.

Frei Baltazar de St^a. Gertrudes Veloso de Sequeira⁵⁰, depois da extinção terá um papel relevante na vida beneditina oculta, isto porque iniciou a festa anual do *Glorioso Patriarca São Bento* na Igreja do Mosteiro de S. Bento da Vitória⁵¹. O interesse desta festa era juntar os antigos monges, agora *egressos*, que se encontravam por algumas terras e nas famílias. Na verdade é graças a estes homens que, ao longo dos anos, até à 1^o República, a devoção ao Patriarca dos monges tão pouco passou despercebida na religiosidade popular. O povo revia nestes homens a devoção e a história religiosa; combateram a própria *extinção do pensamento* que seria pela turba liberal perpetuamente esquecida. A esperança do regresso dos monges à vida das gentes era desejo reconfortante e sonho que deveria ser pensado.

Finalmente, corria o ano de 1875 quando, em Paços de Sousa, se estabelecia um pequeno Colégio com vista a recrutar vocações para a vida beneditina. O autor de tal façanha

⁴⁹ Cf. DIAS, GERALDO COELHO – *Quando os Monges eram uma Civilização, Beneditinos: Espírito, Alma e Corpo*. pp. 226-232.

⁵⁰ Foi Mestre no Colégio de Rendufe aquando do Decreto de Extinção. No Seminário do Porto examinou para *Ordens Menores* Camilo Castelo Branco, de quem era amigo (Cf. DIAS, GERALDO COELHO – *Quando os Monges eram uma Civilização, Beneditinos: Espírito, Alma e Corpo*. p. 229).

⁵¹ *Carta Manuscrita de um egresso – Acerca da festa de São Bento*. Memórias e trabalhos de D. Gabriel de Sousa. Arquivo de São Bento da Vitória. N^o 1, Livro n^o 2. fls. 12.

foi Dom João de Santa Gertrudes Leite Amorim⁵² (1818-1894) filho de pais portugueses, monge professo da Congregação Beneditina Brasileira no Mosteiro do Rio de Janeiro.

Do primeiro grupo de «recrutadas»⁵³, saíram dois monges, a saber: Frei Mauro Silva e Frei Plácido Gonçalves. Em termos canónicos o Mosteiro de Cucujães, entretanto comprado por Dom João com ajudas de amigos, nunca esteve afiliado a uma congregação, mas estava vinculado ao Mosteiro de S. Paulo extra -muros. Em 1888, Cucujães era elevado ao estatuto de Abadia sendo nomeado D. João Amorim abade⁵⁴ do mesmo, por graça de Leão XIII.

Por amizade com a Família Gouveia Azevedo, Dom João recebe, em doação de remanescente, a Quinta de Singeverga que, em 1892, era fundada como Cella dependente da Abadia de Cucujães. A comunidade religiosa fazia, assim, a vontade ao pedido dos senhores de Singeverga, fieis devotos de S. Bento, para que em terras do Ave se fundasse uma pequena comunidade dos filhos do Patriarca dos Monges. Foi seu primeiro Prior Dom José de Santa Escolástica Faria, natural do Brasil, vindo para Portugal em 1877 a mando da comunidade de São Paulo extra-muros que tinha abraçado a causa portuguesa. A restante comunidade: Fr. Manuel, sobrinho de Dom João, Fr. Baptista Ramos, Fr. Pedro Martins, Fr. Tiago Estanislau⁵⁵. Para ajudar esta nova fundação recorreram os monges portugueses ao Mosteiro de Beuron de onde Dom Hildebrando de Hemptinne dirigira-se ao Abade Primaz com a solução para resgatar o rebento monástico português após a morte de Dom João. Desse apelo, em 1894 a Congregação de Beuron filiou Singeverga⁵⁶ em Capítulo Geral.

A 5 de Outubro de 1910, Implantação da República, na casa de Singeverga tomaram-se precauções afim de não levantar suspeitas, para que fosse despercebida ao fervilhar republicano. Os novos monges⁵⁷ portugueses são enviados para a Bélgica, afim de poderem receber formação, pois em Portugal era impossível dada a situação política com a Implantação da República, desnorteando ideias. Singeverga não recebeu sentença de encerramento, o mesmo já não podemos dizer do velhinho Mosteiro de Cucujães que acabaria por ser confiscado pelo Estado. Da refundação portuguesa, jovem e corajosa, apenas se salvara a casa

⁵² Cf. SOUSA, GABRIEL – *Mosteiro de Singeverga. Cem anos, 1892-1902*. Singeverga, Edições Ora & Labora, 1992. p. 46.

⁵³ Dom Gabriel de Sousa utiliza mesmo o termo *recruta*. Talvez queria passar a ideia de um certo método de buscar e recolher, possivelmente, rapazes que tinham vocação ao sacerdócio, e que mais tarde com a formação, brotaria a vocação monástica (Cf. SOUSA, GABRIEL – *Mosteiro de Singeverga. Cem anos, 1892-1902*. p. 48).

⁵⁴ Cf. SOUSA, GABRIEL – *Mosteiro de Singeverga. Cem anos, 1892-1902*. p. 50.

⁵⁵ Cf. SOUSA, GABRIEL – *Mosteiro de Singeverga. Cem anos, 1892-1902*. p. 58.

⁵⁶ Cf. SOUSA, GABRIEL – *Mosteiro de Singeverga. Cem anos, 1892-1902*. p. 65.

⁵⁷ Eram eles: Frei Joaquim, irmão do seguinte, Frei Ildefonso, depois bispo missionário em Angola – Luso, e Frei António Coelho, o grande liturgista (Cf. DIAS, GERALDO COELHO – *Quando os Monges eram uma Civilização, Beneditinos: Espírito, Alma e Corpo*. p. 255).

de Singeverga por milagre. Mesmo assim, muitas dificuldades assombraram a pequena *casa mosteiro*.

Em 1922, a Sagrada Congregação dos Religiosos erigiu canonicamente o Mosteiro de S. Bento de Singeverga em Priorado Conventual, sendo o seu primeiro prior conventual D. Manuel Baptista Ramos que, desde 1897, e por tantos sobressaltos, vinha dirigindo com singular cautela, os destinos da casa de Singeverga⁵⁸, vindo depois a falecer em 1925.

Em 28 de Maio de 1926, o Exército sob o comando do General Gomes da Costa impunha a revolução Nacional com o lema «tudo pela nação». Foi esta lufada de ar fresco que permitiu a Singeverga iniciar o processo de formação própria em Portugal, trazendo para isso o grupo dos estudantes portugueses que, então no Mosteiro de Samos – Galiza – se preparava como reforço salutar. Assinalamos que neste grupo já se encontrava Bernardo Vasconcelos.

Cucujães, que voltaria a ter monges mas num outro local, tendo perdido o título de Abadia, era agora casa dependente, assim como Singeverga. O grupo dos alunos regressou a Portugal, mas instalou-se em Falperra, Braga, num antigo convento franciscano pertença duma irmandade, com o intuito de não chamar a atenção dos olhares políticos. Vivia-se num tempo diferente ao dos inícios da República, mas imprudente para realizar algumas decisões. Tardiamente chegaram os alvares da segurança e com ela a certeza da possibilidade de reunir a comunidade com as suas tipologias, e estabelecerem em Singeverga⁵⁹ a comunidade. Desta maneira viu crescer os seus filhos portugueses, que no seu íntimo sonharam com a vida monástica e, por conseguinte, o regresso do monaquismo às terras de Santa Maria.

⁵⁸ Cf. SOUSA, GABRIEL – *Mosteiro de Singeverga. Cem anos, 1892-1902*. p. 107.

⁵⁹ Singeverga foi elevada a Abadia a 1 de Junho de 1938 por Pio XI (Cf. PIUS XI – *Inter Ordinis Sancti Benedicti*. In: ACTA APOSTOLICAE SEDIS – Vol. XXX. Roma, 1938. Nº 284-285). Depois em 15 de Junho, o Santo Padre por um Breve, nomeava Dom Plácido Ferreira de Carvalho, primeiro Abade de Singeverga (1866-1948) (Cf. SOUSA, GABRIEL – *Mosteiro de Singeverga. Cem anos, 1892-1902*. pp. 151-156).

2. – Espiritualidade Beneditina

Quando falamos de espiritualidade cremos determinar ao certo um conjunto de características relativas ao contexto da vivência religiosa, formas de entendimento, correlação de conteúdos e a plena realização da vivência do cristianismo, centrado, como não poderia deixar de ser, no Evangelho de Jesus Cristo.

Precisamente no aspecto da espiritualidade da vida monástica observamos um encontro com o Evangelho⁶⁰, isto é, não sobrevive a vida do monge sem a auscultação, atenta, concentrada e real, da palavra de Deus. A própria figura do pai dos monges, São Bento, mostra-nos essa profunda identificação com Cristo, que fez a vontade do Pai, na obediência e na humildade, e por isso deixou-nos um exemplo de valores espirituais que o fizeram mestre e guia do monaquismo ocidental.

Apresentando este propósito pode ser-nos útil demonstrar os elementos básicos para compreender a vida beneditina que a Bernardo de Vasconcelos cativou. Para isso, devemos auxiliar-nos em particular da *Regra de São Bento*⁶¹, ou na nomenclatura medieval *Regula monachorum*⁶². Ela contém os princípios da vida monástica, tanto para uma vida funcional em comunidade, plenamente humana e cordial⁶³, mas também aberta à vida sobrenatural, propondo aquele que a quer viver, uma correspondência de maturidade e equilíbrio.

2.1 Regra de São Bento

Os monges que se reuniram debaixo da protecção espiritual de São Bento foram tantos ao longo do tempo que o próprio patriarca acabou por escrever uma *regra* de vida para as comunidades que viviam ao seu cuidado. Com efeito, puderam comungar dum mesmo texto, um guia prático, que possibilitava a verdadeira busca de Deus e assim alcançar os *culmina virtutum*⁶⁴.

⁶⁰ Cf. KURICHIANIL, JOHN – *A Biblical approach to The Rule of St. Benedict*. Nagasandra, ISBF Publications, 2010.

⁶¹ Traduções em Português: BENTO, SÃO – *Regra de São Bento*. Mosteiro de Singeverga, Edições Ora & Labora, 1992.; BENTO, SÃO – *A Regra de São Bento*. Rio de Janeiro, Lumen Christi, 1990.

⁶² Seguiremos, para o nosso estudo, a seguinte edição: BENEDICTI, SANCTI – *Regula Monachorum* (=RB), LXXIII. Editio Altera Emendata. Belgique, Editions Maredsous, 1955.

⁶³ Cf. BRASÓ, GABRIEL – *O humilde e nobre serviço do Monge*. Rio de Janeiro, Edições Lumen Christi, 1980. p. 154.

⁶⁴ RB, LXXIII. p. 140.

A Regra de São Bento (RB) articula-se por 73 capítulos. Inicia-se num convidativo Prólogo, sendo o último capítulo um Epílogo, como chave de ouro, da obra. Ora, por ventura de estudos filológicos⁶⁵, estudo da composição dos textos e do vocabulário temático, sabemos que a RB possui variantes redacções quando comparada com uma fonte próxima de estudo, a *Regra do Mestre*⁶⁶, ou outras⁶⁷ contemporâneas.

Num primeiro contacto, podemos dizer que a RB participa totalmente do contexto de uma “lex”, mas tal precisão seria gradualmente incerta, pois, naturalmente, mais do que um documento legislativo é, por assim dizer, testamento espiritual que São Bento lega aos monges. Sendo a Regra fruto de uma experiência pessoal, antes de tudo, o Santo Patriarca quer que se pratique nos mosteiros uma verdadeira *schola divini servitii*⁶⁸, ou seja, uma escola onde cada um, com as suas qualidades, serve a Deus, mediante os vários princípios da vida monástica: a oração, a leitura da sagrada escritura, o trabalho⁶⁹.

Ao analisarmos o texto da RB, apercebemo-nos de um esquema pouco rigoroso, mas que define os pontos chave para a vida monástica: no Capítulo I é-nos explicado em que consiste o cenobitismo em contraposição aos estados imperfeitos de vida monástica de então conhecidos; o governo do mosteiro é orientado por um Abade como demonstra o Capítulo II; sobre o conselho da comunidade descreve o Capítulo III que os irmãos devem ser chamados para se tomarem decisões; instrumentos das boas obras no Capítulo IV; como deve ser entendida a obediência, no Capítulo V; sobre a virtude do silêncio, o Capítulo VI; a humildade com os seus sete degraus no Capítulo VII. Portanto, os sete primeiros capítulos possuem os princípios da vida espiritual-monástica. As orientações litúrgicas também não são deixadas ao acaso e estão entre os Capítulos VIII e XX, as penitenciais desde o Capítulo XXIII até ao XXX, ressaltando os temas do trabalho manual e a comunhão fraterna entre todos. O ordenamento da comunidade, cargos e ofícios dos irmãos, e o bom zelo que devem ter os monges, estão agrupados desde o capítulo XXXI até ao LXVII. Detemos-e-mos no Prólogo e no último Capítulo, pois cremos que nestes dois estão, em certa parte, elementos que demonstram a espiritualidade beneditina.

⁶⁵ NEUFVILLE, JEAN; VOGÜÉ, ADALBERT – *La Règle de Saint Benoît*. Sources Chrétiennes. Paris, Les Editions du cerf, 1977. Ns°. 181-186.

⁶⁶ Cf. VOGÜÉ, ADALBERT – *La Règle du Maître*. Sources Chrétiennes. Paris, Les Editions du cerf, 1964. Ns°. 105-107.

⁶⁷ Cf. LAPIERRE, JEAN-PIE – *Règles des Moines*. France, Éditions du Seuil, 1982.

⁶⁸ RB, PROLOGUS. p. 45.

⁶⁹ Cf. ANTÓN, MIGUEL MARTÍNEZ – *Conocer el Monacato de Nuestro Tiempo*. Zamora, Ediciones Monte Cassino, 2001. p. 112.

No início do prólogo somos confrontados com a linguagem dócil de um pai que convida à escuta. A maneira poética em que discorre o autor serve, imediatamente, para captar a nossa atenção e preparar-nos para a novidade que nos quer transmitir: a possibilidade de uma vida em união com Deus. O primeiro convite é escutar, para que pela escuta atenta possamos sair da nossa letargia, comodidade se quisermos, tornarmo-nos atentos ao que podemos realizar diante da proposta. Para São Bento o caminho é claro, a partir da escuta⁷⁰ quem deseja seguir Cristo, pelo caminho da obediência, pode chegar aos cumes da santidade. A voz de Deus é clara, pede ao homem para escutar na urgência de um apelo verdadeiramente de amor, que implica para cada um uma vida de intimidade com Deus.

Assim, *in primis*⁷¹, como se inicia o 2º parágrafo do Prólogo, pede São Bento, que tudo o que se quer realizar deva partir primeiramente da oração, ou seja, cada monge deve pedir a Deus o auxílio para a sua missão. Esta advertência inicial serve para realizar no coração de quem escuta, não a dependência de Deus, mas antes servir-se do seu amor paternal, isto é, não ser o próprio homem arquitecto da sua perfeição⁷², antes Deus.

Procura, São Bento, nas referências à Sagrada Escritura transportar-nos para a relação da palavra de Deus com o homem. Os textos bíblicos citados, ao longo de todo o prólogo, de Romanos, Isaías, Salmos, Coríntios II, São João e Ezequiel⁷³, e outros tantos ao longo dos capítulos sucessivos da RB, demonstram a preocupação de apoiar⁷⁴ e inserir nas suas próprias palavras o cunho do texto sagrado, dando uma autoridade viva, relacionando tacitamente as ideias, completas articulações, com a riqueza da autoridade sagrada. Não se trata de uma exposição alegórica, isto é, o Santo Patriarca não permite para além do texto outros exemplos, segue a fidelidade da mensagem. Como exemplo, podemos verificar o 3º parágrafo do Prólogo:

«Levantemo-nos então por uma vez, pois nos desperta a Escritura, dizendo: *Já são horas de nos levantarmos do sono*. Abramos os olhos para a luz deífica e de ouvidos atentos, escutemos a exortação que todos os dias em altos brados, nos dirige a voz divina por estas palavras: *Se*

⁷⁰ Cf. JEDRZEJCZAK, GUILLAUME – *Sur un Chemin de Liberte*. Québec, Anne Sigier, 2006. p. 22.

⁷¹ RB, PROLOGUS. p. 41.

⁷² MARMION, COLUMBA – *Le Christ Idéal du Moine*. Belgique, Abbaye de Maredsous, 1936. p. 26.

⁷³ No Prólogo, da Regra de São Bento, encontramos, por ordem, as seguintes referências bíblicas: Romanos 13, 11; Salmo 94, 8; Apocalipse 2, 7; Salmo 33, 12; João 12, 35; Salmo 33, 13; Salmo 33, 14-15; Isaías 58, 9; Salmo 14, 1; Salmo 14, 2-3; Salmo 113, 1; I Coríntios 15, 10; II Coríntios 10, 17; Mateus 7, 24; Romanos 2, 4; Ezequiel 18, 23. In: RB, PROLOGUS. pp.41-46.

⁷⁴ HERWEGEN, ILDEFONSO – *Sentido e Espírito da Regra de São Bento*. Rio de Janeiro, Edições Lumen Christi, 1953. p. 28.

hoje ouvirdes a sua voz, não queirais endurecer os vossos corações (...)»⁷⁵.

Nesta primeira parte do 3º parágrafo, São Bento inicia com um verbo. Desta maneira, quando escutamos *Levantemo-nos* (Exurgamos ego) obriga, rapidamente, a despertar-nos da falsa realidade, isto é, da situação e ambiente que nos rodeia e em que estamos inseridos. A citação bíblica encara a situação com naturalidade e fluidez, acabando por transmitir àquele que escuta, que o *hoje*, (hodie), e *são horas* (hora est), dominam a advertência para nos lembrar que vivemos num mundo sobrenatural, sem contagem do tempo, que a qualquer momento podemos principiar na nossa vida algo de maravilhoso. E continua:

«(...) e ainda: *Quem tiver ouvidos para ouvir, escute o que o Espírito diz às Igrejas. E que lhes diz? Vinde, filhos, e ouvi-me; ensinar-vos-ei o temor do Senhor; Correi enquanto tendes a luz da vida, não vos surpreendam as trevas da morte*»⁷⁶.

Correr para fugir à morte e ganhar a vida. Entende o Santo Patriarca que a vida plena está em Cristo, acontece essa mesma vida naqueles que escutam a voz do Espírito e por ele são encaminhados. As citações da Sagrada Escritura aqui interligam-se: a referência a Mateus 11, 15 e Apocalipse 2, 7, compõem o texto transmitindo naturalidade e espontaneidade. Estas, utilizadas pelo autor demonstram a capacidade do conhecimento do texto sagrado e, por conseguinte, tornam a RB veículo transmissor, totalmente centrado, na pessoa de Cristo. Recorrendo aos salmos, responde a sua própria pergunta, como também com o texto de São João: Salmo 32, 12; João 12, 35. E a profundidade destas recorrências torna-se mais explícita quando consideramos que nos capítulos 2 e 3 do Apocalipse de São João, as palavras *quem tem ouvidos* (Qui habet aures)⁷⁷, repetidas ao longo do texto 7 vezes, são dirigidas a uma comunidade litúrgica, entendida na acepção de ecclesia. Assim, São Bento dirige-se aos monges, à sua ecclesia monástica, para escutar a voz de Deus, seguir pelo caminho que leva a perfeição, receber o Espírito Santo com o bom temor, evitando as trevas da morte. Como diz *correi* (currere), evitando o termo joanino *caminha* (ambulate), procura, respectivamente,

⁷⁵ RB, PROLOGUS p. 42.

⁷⁶ RB, PROLOGUS p. 14.

⁷⁷ Para o nosso trabalho consultamos a versão bíblica: *Nova Vulgata Bibliorum Sacrorum Editio. Sacros. Oecum. Cocilii Vaticani II Ratione Habita Iussu Pauli PP. VI Recognita Auctoritate Ioannis Pauli PP II Promulgata.* (= SE) Libreria Editrice Vaticana, 1979. pp. 2134-2136.

designar a graça e a vida, o pecado e o afastamento de Deus⁷⁸. A riqueza, que aqui quisemos aprofundar do uso, e porque não abuso, de citações bíblicas, foi somente para perceber o sentido de plenitude que é transmitido na RB, da dependência de qualquer outra ideia, que não esteja contida pelo testemunho da Escritura, como já aludimos. De facto, o monge, pela prática da oração contínua coloca-se em contacto com a palavra de Deus e assimila-a mediante a *lectio divina* e a *meditatio*⁷⁹.

Na continuação do Prólogo, verificamos a mesma dinâmica inicial, ou seja, é o convite que se abre ao longo do discurso, nos temas da escuta, da vida e da paz. No diálogo, entre São Bento e o leitor, somos confrontados com a paternidade divina, Deus que nos procura, São Bento que nos leva até Deus. Imitar a Cristo na obediência para chegarmos à perfeição da vida monástica⁸⁰, e assim, *mortem in monasterio perseverantes*⁸¹ poderemos participar no Reino de Deus.

Utiliza o Santo Patriarca uma expressão eloquente que encerra toda a mensagem beneditina contida na RB: *Christo omnino nihil praeponant*⁸². Desta feita, compreendemos melhor o que já dissemos. Na visão de São Bento é importante que todos na comunidade monástica se sintam guiados pela única causa da consagração, Cristo. Cuida São Bento de levar os seus discípulos até Cristo, que veio fazer *a vontade daquele que o enviou* (Jo. 6, 38).

O Capítulo LXXIII, que poderíamos do mesmo modo chamar Epílogo, não possui advertências finais, no sentido de transmitir obrigações. Todo ele é feito de forma a que pessoalmente a nossa finalidade monástica possa crescer. A ideia é encorajar a seguir outros caminhos mais altos, depois da observância desta Regra, que São Bento chama *esboçozinho*. Por conseguinte, elabora três vias⁸³ de recomendação: Sagrada Escritura, Santos Padres e Regras de vida dos mesmos. O monge que almeja viver segundo a Palavra de Deus é aquele que se deixou imolar por Cristo, no braseiro do amor Divino, e que não desiste de o procurar cada vez mais.

Como São Bento não escreveu nada daquilo que não tenha vivido, provado na humanidade e mundaneidade, refere a importância de não se ficar no seu parco escrito da Regra. A referência aos Padres da patrística denota o conhecimento do monaquismo oriental, sobretudo dos escritos e normas de observância monástica. Para o Santo varão, é necessário

⁷⁸ Cf. HERWEGEN, ILDEFONSO – *Sentido e Espírito da Regra de São Bento*. p. 31.

⁷⁹ Cf. PENCO, GREGORIO – *Spiritualità Monastica, Aspetti e Momenti*. Abbazia di Praglia, Edizione Scritti Monastici, 1988. p. 17.

⁸⁰ Cf. HERWEGEN, ILDEFONSO – *Sentido e Espírito da Regra de São Bento*. p. 48.

⁸¹ RB, PROLOGUS p. 46.

⁸² RB, LXXII. p. 99.

⁸³ Cf. HERWEGEN, ILDEFONSO – *Sentido e Espírito da Regra de São Bento*. p. 408.

chegar às *virtutumque culmina*⁸⁴, ou seja, todo aquele que, como já referimos, está repleto do Espírito Santo e é guiado com a ajuda deste, corre pelo caminho da salvação eterna, caminho esse que pode ser estreito, mas realizado com ajuda desta Regra para iniciantes. O monge que anseia pelas alturas compreende, aos poucos, o elevado sentido das palavras de São Bento, o germén lançado dará fruto. Na escola de São Bento o caminho da humildade é, portanto, a escada para as alturas⁸⁵, escada essa que o monge percorre porque é impelido pelo próprio Cristo, porque nada lhe antepõe ao amar.

2.2 Vida monástica e santidade

Toda a vida consagrada tem o seu eixo em Cristo⁸⁶. Ao abandonar tudo para O seguir faz de nós seus seguidores, tal como aconteceu na história de cada discípulo. Mais ainda, quando particularmente tratamos de aspectos, tão maravilhosos, da vida contemplativa. Essa somente visa uma conversão contínua no coração do monge. A necessidade de falarmos sobre santidade na vida monástica deve-se sobretudo à sua essência puramente vocacionada que ela trata, facilita, oferece, como rumo de felicidade. Impõem-se duas questões neste domínio: como poderemos declarar a vida monástica caminho de santidade? Será, com todas as suas fontes, distinta de uma santidade comum da Igreja e em que todos somos convidados a viver ?

Orar é amar a Deus⁸⁷. Nesta dinâmica somos levados a crer que, pela oração, podemos iniciar um caminho de amor. O Santo Patriarca é forte defensor que a vida monástica realiza no homem, a partir da oração, um caminho de amor, não só pela vertente de louvor que se enquadra na visão do *Opus Dei*⁸⁸, mas porque a via da oração dilata o coração do homem, pela humildade⁸⁹ o faz subir às alturas, e pela obediência⁹⁰ torna-o semelhante a Cristo.

São estes princípios que acabamos de referir os pontos de orientação que conduzem para a santidade. Há uma disciplina que impede de se fazer outra coisa que não a vida em

⁸⁴ RB, LXXIII. p. 140.

⁸⁵ Cf. JEDRZEJCZAK, GUILLAUME – *Sur un Chemin de Liberte*. p. 462.

⁸⁶ Cf. ELIZONDO, MAURO, OSB – *La Vida Benedictina en el contexto de la Vida Cristiana*. Zamora, Ediciones Monte Cassino, 1990. p. 15.

⁸⁷ Cf. NESMY, CLAUDE J. – *São Bento e a Vida Monástica*. Mestres Espirituais. Rio de Janeiro, Livraria Agir Editora, 1962. p. 78.

⁸⁸ Cf. RB, XLIII. pp. 104-106.

⁸⁹ Cf. RB, VII. pp. 62-69.

⁹⁰ Cf. RB, LXXI. pp. 137-138.

Deus no mosteiro e de que já tratamos no capítulo anterior ao debruçarmo-nos sobre a RB, sobre as suas “leis” espirituais.

As primitivas comunidades cristãs, como nos demonstra os Actos dos Apóstolos, num testemunho muito profundo mas um pouco idealizado, viviam rodeadas numa dinâmica espiritualmente nova e vigorosa. Muitos desses cristãos testemunharam as aparições de Cristo ressuscitado. A partilha da vida diária, dos bens em comum, da oração e da fé são exemplo, embora arquétipo, do esforço que devemos fazer nas nossas comunidades por imitar aqueles que viveram na época do cristianismo emergente. Da vida monástica, vida realizada em comunidade, apercebemo-nos que São Bento deseja que esta seja uma partilha vivencial de cada irmão, visando a garantia mútua de cada um. É sempre um testemunho de amor provado e comprovado. Na sociedade multifacetada e no cristianismo individualista que correspondem aos nossos dias a vivência em comum pode, necessariamente, conduzir a um caminho interior⁹¹ de provação, conhecer-se para entender os outros, o que nos parece referência cara e muito importante para chegar à perfeição cristã.

A vida beneditina, ou contemplativa segundo a RB, oferece-nos uma arte de vida espiritual⁹², ou seja, um caminho abarcado pela escuta, pela oração e trabalho no mosteiro, que nos pode, se assim quisermos, oferecer a santidade. É uma vida provocante e, ao mesmo tempo simples. Consideremos todos os pontos abordados e vernos-e-mos diante dum projecto de vida, para aqueles que querem ser santos. A Ordem de São Bento não tem como função o fabrico de santos e beatos. Antes disso, procura no homem, de ontem e de hoje, testemunhar a partir da vida do dia-a-dia aquela união com Deus, isto é, por outras palavras, a vida monástica⁹³ pretende fazer-nos perfeitos discípulos de Cristo. Só poderemos ser verdadeiros monges, se primeiro formos verdadeiros cristãos. Nesta dupla dinâmica podemos afirmar com veracidade: a santidade entendida no ambiente monástico, não é tampouco aquilo que a Igreja exorta e pede, quer pela palavra de Deus, quer pelos documentos do magistério ao homem cristão: *sede perfeitos como é perfeito o vosso Pai celeste* (Mt. 5, 48).

O convite à santidade é para todos, para aqueles e aquelas que querem unir-se a Cristo, que é caminho de verdade e vida. Ao vivermos em comunidade temos a obrigação de testemunhar Cristo ao mundo⁹⁴, para que este repare que não depende de si próprio mas de Deus. As vias para esse fim são muitas, tantas quantas cada um poderá seguir ou iniciar, a

⁹¹ Cf. BRASÓ, GABRIEL – *O humilde e nobre serviço do Monge*. p. 156.

⁹² Cf. JEDRZEJCZAK, GUILLAUME – *Sur un Chemin de Liberte*. p. 464.

⁹³ Cf. MARMION, COLUMBA – *Le Christ Idéal du Moine*. p. 576.

⁹⁴ ELIZONDO, MAURO – *La Vida Benedictina en el contexto de la Vida Cristiana*. Zamora, Ediciones Monte Cassino, 1990. p. 71.

vida monástica é uma dessas vias que o Espírito “soprou” na Igreja. O homem baptizado foi transformado em “filho de Deus”, o monge pela consagração monástica, segundo uma antiga expressão, escolheu uma “vida angélica”⁹⁵.

Assim, quando falamos acerca da espiritualidade Beneditina devemos lembrar o grande movimento intelectual beneditino, que marcou, especialmente, a cultura, a moral, e a espiritualidade ao longo das épocas. O seu foco teve origem nos mosteiros beneditinos e depressa se difundiu prodigiosamente. Sobretudo para o nosso trabalho, queremos lembrar algumas figuras, mestres espirituais, que marcaram de facto a sua época e as posteriores.

O que é a *escola beneditina*? A expressão trata efectivamente do movimento monástico, já falado numa primeira abordagem histórica deste capítulo, que deixou forte presença, na cultura e meios sociais e, sem dúvida, na vida espiritual. Aliás, interessa-nos precisamente este ponto: a vida espiritual. Este movimento inspira-se na liturgia e nas observâncias monásticas através da Regra de São Bento que António Marin explicita em cinco partes: a) a solidão e o silêncio vividos como metamorfose e ligação ao monacato original; b) as virtudes da humildade e obediência, práticas que levam a uma ascese pessoal; c) cantar os salmos, Opus Dei, o ofício divino, como elevação da alma a Deus; d) leitura da sagrada escritura, no conhecido método *Lectio Divina*; e) o trabalho manual, como exercício de penitência e sinal de pobreza, defendendo o monge da prática da ociosidade, mãe de todos os vícios ⁹⁶.

As figuras mais destacadas, na época medieval, quer pela sua vida ou obra são as seguintes: Beda Venerável, Anselmo de Canterbury e Bernardo de Clairvaux. Do monaquismo feminino destacam-se as santas Hildegarda von Biguen, Matilde de Magdeburgo, Matilde de Hackeborn, Gertrudes de Helfta e Brígida da Suécia⁹⁷.

Na época moderna verificam-se em algumas abadias reformas a nível da vida e observâncias. Destacam-se nomes⁹⁸ como Luís Barbo, Francisco de Cisneros, Agustin Backer,

⁹⁵ ELIZONDO, MAURO – *La Vida Benedictina en el contexto de la Vida Cristiana*. pp. 66-67.

⁹⁶ Cf. MARIN, ANTONIO ROYO – *Los grandes Maestros de la Vida Espiritual*. Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 1990. p. 155.

⁹⁷ Das figuras citadas destacamos algumas obras: HILDEGARD – *Scivias*. The Classic of Western Spirituality. New York, Paulist Press, 1990; CLAIRVAUX, BERNARD – *Sermons sur le Cantique*. Sources Chrétiennes. Paris, Les Editions du cerf, 1996. n° 374; CANTORBERY, ANSELME – *Pourquoi Dieu S’est fait homme*. Paris, Les Editions du cerf, 1963. n° 91; HELFTA, GERTRUDE – *Oeuvres Spirituelles*. Sources Chrétiennes. Paris, Les Editions du cerf, 1996. ns° 127, 139, 143, 255, 331; VÉNÉRABLE, BÈDE – *Histoire Ecclésiastique du Peuple Anglais*. Sources Chrétiennes. Paris, Les Editions du cerf, 2005. ns° 489-491; Cf. VÉNÉRABLE, BÈDE – *Le Tabernacle*. Sources Chrétiennes. Paris, Les Editions du cerf, 2003. n° 475;

⁹⁸ Cf. MARIN, ANTONIO ROYO – *Los grandes Maestros de la Vida Espiritual*. pp. 282-287.

Armando de Rancé. O abade Dom Próspero Guéranger⁹⁹ notabilizou-se pela reforma da Abadia de Solesmes, com novas estruturas para o canto gregoriano, fomentando estudos e principiando o movimento litúrgico.

Na época contemporânea temos como referência, ímpar, o Beato Columba Marmion¹⁰⁰, abade de Maredsous, Bélgica, que deixou inúmeros escritos, Juan Bautista Chautard¹⁰¹, abade da trapa de Sept-Fons, França, e o conhecidíssimo Abade John Chapman¹⁰², de Downside, Inglaterra.

Estas figuras contribuíram para uma espiritualidade beneditina mais significativa, através da suas vidas e obras, tanto que marcaram as suas épocas e fizeram o que hoje denominamos, no campo cultural, de “escola”. Assim, devemos mencionar que a espiritualidade tem sempre duas¹⁰³ vertentes: um núcleo fundamental que nunca mudará, porque parte de Cristo e da sua acção nos membros do seu corpo místico; e o resultado dessa acção santificadora nos homens e mulheres que receberam as virtudes e graças espirituais.

2.3 – Martírio e vida monástica

O martírio e a vida monástica interligam-se, isto porque, os aspectos de um e a vivência de outro, são completamente verdadeiros e concorrem para o mesmo fim. Essencialmente esse testemunho pode acabar por se tornar especial, dependendo da experiência pessoal de cada um. Cabe-nos interligar, neste desenvolvimento do trabalho, sobre a santidade e a vida monástica, os aspectos da vida espiritual contidos na Regra e os ideais do martírio.

Mas que podemos entender por martírio? Será este apenas uma forma que, ao longo dos séculos até aos nossos dias, assume o derramamento de sangue?

O martírio conheceu várias maneiras de realização. Nos nossos dias muitos cristãos sofrem pela fé, recebendo mesmo a morte. Verificamos que pelo sacramento do baptismo em Jesus Cristo, concretiza-se em nós a aceitação de todas as possibilidades e possíveis consequências extremas porque afigura-se-nos nesse compromisso uma posição que foi

⁹⁹ Cf. PIÑERO, RAMÓN MOLINA – *Dom Próspero Guéranger. Padre de Monjes e iniciador del Movimiento Liturgico*. Zamora, Ediciones Monte Casino, 1991.

¹⁰⁰ Cf. DELFORGE, THOMAS – *Serviteur de Dieu Columba Marmion*. Abbaye de Maredsous, Brepols, 1963.

¹⁰¹ Cf. CHAUTARD, JEAN BAPTISTE – *El Alma de todo apostolado*. Madrid, Ediciones Palabra, 2014.

¹⁰² Cf. HUDLESTON, ROGER – *The Spiritual Letters of Dom John Chapman*. London, Sheed and Ward, 1953.

¹⁰³ Cf. MARIN, ANTONIO ROYO – *Los grandes Maestros de la Vida Espiritual*. pp. 8-9.

assumida e é inalterável¹⁰⁴. O martírio é um fim possível e não hipotético porque, nas palavras da Escritura, o sentido da morte pelo compromisso é apenas uma forma de deixar-se consumir por Cristo, *é necessário que Ele cresça e eu diminua* (Jo. 3, 30) como João Baptista afirmava.

Em relação ao contexto do martírio, nos primeiros tempos¹⁰⁵, objectivamente vemos a morte dos mártires, num sentido absoluto, a morte do cristão¹⁰⁶. Portanto, se entendermos o martírio apenas como o recurso ao fim da vida, perdemos a centralidade teológica e sacral do acto em si e, assim, dá-se a transição, impensável por vezes, puramente humanista. Nenhum homem se deixa matar, isto é, martirizar porque na própria hora apercebeu-se que, inevitavelmente, a morte é o fim próximo e temporal e lhe dá um sentido religioso. Também não se trata de uma imposição de sangue. O martírio é portanto um segundo baptismo¹⁰⁷, que reflecte uma vontade de assumir a fé, mesmo que signifique a perda da vida.

Quando o homem deseja atingir a perfeição¹⁰⁸ e a contemplação de Deus procurará formas de realizar esse mesmo desejo. Em todas as suas proporções, poderá procurar diversas vias, completando nessa realização o verdadeiro testemunho por Cristo, na mais pura realização se quisermos, já há muito começada. Outrossim, o sacrifício e a caridade são fieis ao testemunho dos primeiros mártires, dos quais a Igreja entendeu a morte oblativa como fidelidade, marca verdadeira, do amor a Cristo Redentor.

Na linguagem da cruz, o sofrimento por amor repete-se e, poder-se-á dizer, acontece de tantas formas quantas o Espírito Santo deseje naqueles que estão cheios dos seus dons. Se o amor abrange a alma cativada por Deus, o mesmo amor é a resolução da assistência do Espírito que impele e determina a alma a agir¹⁰⁹. Por conseguinte, quando falamos em martírio este não acontece apenas como testemunho de sangue? Poderá haver substitutos do martírio “tradicional”?

A História certifica, com infatigáveis provas que, depois dos tempos de perseguição aos primeiros cristãos, concretamente no Império Romano e depois da aprovação civil pelo imperador da fé cristã, se gerou um novo tempo de segurança, ou melhor, de tranquilidade. Terminou, assim, a natural morte por martírio; dar a vida por Cristo, na radicalidade heroica

¹⁰⁴ Cf. VILLER, MARCEL – *Permanence du Martyre*. In: DICTIONNAIRE DE SPIRITUALITÉ. Paris: Gabriel Beauchesne et ses Fils Éditeurs, 1913. Vol. X. col. 733.

¹⁰⁵ Lembramos o martírio de Inácio de Antioquia, que nas suas cartas demonstrava um forte desejo de morrer pela fé (Cf. CAMELOT, TH. – *Ignace D’Antioche, Pylcarpe de Smyrne, Lettres*. Sources Chrésiennes. Paris, Les Editions du cerf, 1958. N° 10).

¹⁰⁶ Cf. VILLER, MARCEL, S. J. – *Dictionnaire de Spiritualité*. Vol. IV. col 733.

¹⁰⁷ Cf. CYPRIANI – *Epistola ad Fortunatum, de Exhortatione Martyrii*. Ed. J. P. Migne (PL 4), Paris 1844. Col. 651-676.

¹⁰⁸ Cf. MARMION, COLUMBA – *Le Christ Idéal du Moine*. p. 125.

¹⁰⁹ Cf. MARMION, COLUMBA – *Le Christ Vie de l’âme, L’Esprit-Saint, Esprit de Jésus*. Paris, P. Lethielleux, 1997. pp. 130-131.

que a fé dinamizava e que multiplicava mártires. Muitos homens e mulheres procuraram seguir a Cristo, depois desses tempos, na radicalidade dos apelos do Evangelho. A vida de perfeição sempre esteve em causa, como legítima realização do Evangelho, mesmo para além das bases antropológicas. Se o martírio era, e é, forma perfeitíssima de testemunho em Cristo, como o de Santo Estevão, como temos vindo a tratar, desenvolveram-se outras realidades, em particular na procura pela santidade, que fossem testemunho, outra vez, à fidelidade na fé. Estamos diante, no que toca ao martírio, duma causa e efeito: a primeira determinava a fé, aliás era dessa que partia; o efeito torna-se concreto na morte por Cristo.

A ideia de uma vida radical, capaz de amar a Deus de todo o coração, de toda a alma e com todas as forças granjeou adeptos e multiplicaram-se formas de vida eremítica e cenobítica. A vida monástica e a virgindade consagrada¹¹⁰, foram os caminhos mais radicais descobertos pelos cristãos na antiguidade. Considerados próximos do martírio pela entrega e esforço quase sobrehumano. Os monges, e virgens consagradas, pareceram aos olhos das novas comunidades eclesiais, existentes desde os tempos de perseguição, herdeiros dos mártires. Porque, pela busca incessante de Deus, pela vida de oração e pela união mística com o Divino Cordeiro, encontraram uma vida de imitação a Cristo. Esta participação, o dom recebido de Deus, o homem que vive na sua presença, na vida retirada do mundo, resume-se numa concepção espiritual em permanência, seguimento, prática da pobreza, castidade e obediência. Ou seja, todos aqueles que se encontram com esta vida de riquezas espirituais, vivendo em união mística, enquadrados na liberdade humana atingem a santidade, no testemunho e fim último em Cristo, meta realizada.

Então, o monaquismo é uma das vias dessa radicalidade que temos vindo a tentar demonstrar; continuou na sua acção consagrante o ideal das fontes vivenciais do mártir, se assim podemos dizer. Por isso não é forçoso admitirmos que o monaquismo herdou a radicalidade, não a forma, mas a permanência da resposta afirmativa diante da fé, até a morte, como possível martírio da nossa actualidade. Não é de todo estranho haver, ainda hoje, monges martirizados, outra coisa não se poderia esperar¹¹¹.

Se a questão da imortalidade está presente na morte do mártir, também está na morte do monge, que toda a sua vida oferece a Deus pela profissão monástica, seguindo o caminho

¹¹⁰ Cf. SOLIGNAC, AIMÉ.; MASSEIN, PIERRE. – *Le Monachisme, Histoire et Spiritualité*. Paris, Éditions Beauchesne, 1980. p. 37.

¹¹¹ É interessante consultar a obra dos monges Vidal e Sasía que nos revela um grande número de monges mártires desde a revolução Francesa até aos que missionaram, no século passado, a China, Coreia, entre outros (Cf. FRIESENEGGER, VIDAL; SASÍA, JESÚS M. – *Nuevas semblanzas Benedictinas*. Zamora, Ediciones Monte Casino, 1993).

da obediência¹¹², num crescimento sempre aperfeiçoado pela maturidade interior¹¹³, fazendo das suas relações verdadeiros momentos de oração, projectando a dimensão da fé no caminho humano da vida.

O monaquismo com as suas diferentes observâncias e inclinações, conheceu na tradição monástica irlandesa um tríplice martírio, depois conhecido e aceite pelo monaquismo europeu, como formas de dar a vida por Cristo: o *martírio vermelho*, pelo derramamento do sangue; o *martírio branco* pela consagração monástica e consagração virginal; e por fim o *martírio verde* pela penitência do exílio em vista do testemunho cristão, num país adverso à fé¹¹⁴. Todos estes três martírios, são uma tentativa de prolongar a ideia de que se pode ser mártir nos nossos dias. Assim monge é chamado para uma vida de santificação, que pode ser entendida como martírial, pela persistência da vida comum, pela oração e louvor contínuo no interior do coração, no trabalho para o seu sustento, na obediência ao superior. Deste esforço, pode o monge alcançar, na esperança feliz, porque sendo homem de oração esperou¹¹⁵ em Deus e na sua acção providencial ao longo da vida, o momento de união definitiva com Cristo na páscoa gloriosa.

Eis, que chegamos a um dos muitos pontos fundamentais da espiritualidade beneditina, a união com Deus, porque para percebermos Bernardo de Vasconcelos tivemos de oferecer um pouco da história do movimento monástico e a espiritualidade de São Bento. Se assim não fosse, o testemunho da sua vida como vítima sacrificial não teria relevância para nós. Importa-nos em capítulos posteriores percorrer os dados biográfico, para percebermos os lesins que orientaram a sua vida marcadamente mística.

¹¹² Cf. MARMION, COLUMBA – *Le Christ Idéal du Moine*. p. 372.

¹¹³ Cf. BRASÓ, GABRIEL – *O humilde e nobre serviço do Monge*. p. 97.

¹¹⁴ Cf. GOUGAUD, L – *Les conceptions du martyre chez les irlandais*. In: REVUE BENEDICTINE, n° 24. Belgique, Abbaye de Maredsous, 1907. pp. 361-373.

¹¹⁵ Cf. HÄRING, BERNHARD – *Apesar de tudo esperamos*. Porto, Editorial Perpétuo Socorro, 1972. p. 225.

CAPÍTULO II

FREI BERNARDO DA ANUNCIADA, O HOMEM E O MONGE

Fazemos parte de lugares, de gentes. Porque nascemos numa localidade e o nosso crescimento é marcado pelo ambiente que conhecemos de tenra idade, a nossa casa paterna, os costumes dos nossos, tudo isso é integrante e realidade palpável da nossa história. No distanciamento da nossa vida, infância, idade adulta, velhice, lembrar com saudade cada marca, apela-nos no interior à sabedoria da vida, o amor com que sentimos a saudade, ao sabor da história. Por isso dizia com verdade “Alguém te levou no coração”¹¹⁶ o monge poeta, Bernardo, a respeito da sua casa e parentes.

Consagramos este segundo capítulo do nosso trabalho ao percurso e vivência de Bernardo Vasconcelos. A partilha destes dados facultar-nos-á a sua experiência pessoal, a qual nos pode ajudar a entender melhor acerca da sua personalidade e os motivos que fizeram descobrir a vocação à vida religiosa. A atração por tal escolha, cremos de antemão, está não só idealizada como também realizada no desfecho da sua própria vida.

1. – Vida de Frei Bernardo: Infância - Casa do Marvão

Bernardo Vaz Lobo Teixeira de Vasconcelos¹¹⁷ nasceu a 7 de Julho de 1902, em Celorico de Basto, na conhecida casa do Marvão. Eram seus pais: Manuel Joaquim Teixeira

¹¹⁶ Excerto do soneto sobre a casa do Marvão (Cf. BÁRBARA, MARIA – *O Bernardo*. Viseu, 2002. p. 11).

¹¹⁷ Efectuaram-se 7 edições da autobiografia de Bernardo Vasconcelos desde 1933 a 2002. Obra única elaborada pela seleção de epistolário e dados biográficos por Dom António Coelho. Para nosso estudo seguiremos a seguinte edição: VASCONCELOS, BERNARDO – *Vida de Amor*. Viseu, Ora & Labora, 2002.

de Vasconcelos e Filomena da Conceição Lobo Vasconcelos¹¹⁸, ambos de famílias estimadas na região, casados em 1888. O nosso Bernardo era o sétimo filho daquela família a quem Deus abençoou com tão belas almas.

A sua diligente mãe pertencia à casa do Outeiro, da freguesia vizinha de nome Molares. Nasceu no dia 9 de Agosto de 1867, vindo a falecer em 15 de Janeiro de 1952. O pai, herdeiro do solar do Marvão, nasceu a 9 de Dezembro de 1870 e faleceu no dia 16 de Setembro de 1925, precisamente na véspera da profissão religiosa do filho Bernardo. Foi Delegado da Procuradoria Régia e Juíz da Comarca, sendo este último cargo que ocupou antes de falecer.

A casa, escudada de nobres e leais famílias de além-Douro, teve outrora ilustres figuras¹¹⁹ ligadas não só ao âmbito social mas igualmente religioso. Por conseguinte, destacamos três nomes: Frei António, do Convento dos Loios; Rev. Francisco, beneficiado na Colegiada de Torres Vedras; Frei José da Graça, beneditino e abade do Mosteiro de Arnoia. A tradição religiosa na família foi escudo sempre brilhante para as gerações seguintes, o que não nos admira, porque os valores semeados nesta casa do Marvão, pelos pais Filomena e Manuel, desabrocharam nos filhos, com incrível empenho.

Como família cristã, seus pais baptizaram-no na Igreja Paroquial de S. Romão do Corgo, sob a cura de almas do bom pároco Rev. Francisco de Almeida Barreto, no dia 5 de Agosto de 1902¹²⁰. Em carta à mãe, pela ocasião do seu aniversário, lhe confidenciava de coração:

«Que graça não é nascer no seio de uma família temente a Deus! E ter quem guie os nossos primeiros passos na direcção da Igreja da nossa terra natal; e ter quem nos ensine a dizer, antes de mais, o doce nome Jesus! Ainda recordo aquela tenra idade em que (dizem-no os meus) eu gostava de fazer a Via-Sacra e beijar o chão do nosso oratório secular» (Carta de 6.8.1927)¹²¹.

¹¹⁸ Bernardo era neto paterno de Bernardo Teixeira da Cunha Maia e Vasconcelos, e de Mariana Ignácia Soares Vasconcelos; neto materno por perfilhação de Bernardo Vaz Lobo (Cf. POSITIO SUPER VITA, VIRTUTIBUS ET FAMA SANCTITATIS (= POS) – *Congregatio de Causis Sanctorum, Beatificationis et Canonizationis Servi Dei Bernardus ab Annuntiatione*. AVP. Roma, Tipografia Nova Res s.r.l., 2004. p. 15).

¹¹⁹ Cf. VALADARES, Francisco Canavaro de – *D. Bernardo de Vasconcelos*. In: «A vida paroquial». Ano III, nº 8. Mosteiro de Tibães, 1935. pp. 123-125.

¹²⁰ Cf. BEATIFICATIONIS ET CANONIZATIONIS SERVI DEI FR. BERNARDI DE VASCONCELOS, CLERICI MONACHI BENEDICTINI. *Transumptum Processus Imformativi super Vita, Virtutibus et Fama Sanctitatis* (= PRO). AVP. Braga, 1987. p. 531.

¹²¹ PRO III, PARTE I, Carta nº 32.

Assim, testemunhava o grande afecto pelo ensino que a mãe dispensara aos filhos em especial a ele, Bernardo. A família, para além do pai e da mãe, era composta por dois irmãos e cinco irmãs. Todos educados sobre a mesma rocha firme, pelos dedicados pais como já o afirmamos. Dirá mais tarde ao seu irmão «O meu maior desejo a teu respeito é que honres sempre e em tudo o nome e a tradição desta casa onde nascemos» (Carta ao Irmão Roberto, de 21.9.1927)¹²². Não se lhe afigurava outra coisa na memória quanto à educação que recebera, pois que a missão maternal foi um esforço cristianíssimo¹²³, da bondade divina para com ele e para com todos os seus irmãos. Sementes lançadas pelo esforço maternal; a seu tempo e com ajuda de Deus darão os frutos merecidos. Nasce em berço fidalgo¹²⁴, mas não é essa a pedra preciosa que ostentará na vida, mas antes o ser cristão, que os desígnios da Providência farão instrumento para Igreja.

Segundo os testemunhos da sua irmã Maria Bárbara, era um mocito muito vivo, de espírito alegre e convivia com todos os irmãos. Nem mesmo o pequeno problema de saúde aos nove meses, e depois mais tarde na coluna, lhe deixou os sentimentos de doentinho da família. Robustecido pelos tratamentos, demonstrou-se rapaz curioso, esperto e perspicaz. Aos cinco anos lia correctamente¹²⁵, estudava música com as irmãs mais velhas, e acompanhava os dois irmãos à escola. Preparou-o a irmã Mariana para o exame de 1º e 2º grau e, aos 10 anos, o pai Manuel decidiu que devia matricular o filho Bernardo no Colégio de Lamego com os irmãos.

¹²² PRO IV, PARTE VI, Carta nº 2.

¹²³ Cf. VASCONCELOS, BERNARDO – *Vida de Amor*. p. 24.

¹²⁴ Cf. FERREIRA, JORGE - *Bernardo Vasconcelos, O monge-Poeta*. p. 10.

¹²⁵ Conta D.ª Bárbara um episódio acerca dum bicho de estimação do pequeno Bernardo. Tinham-lhe oferecido uma rola, que ele com imenso desvelo cuidava. Mas, chegou o dia em que o pobre animal sucumbiu, e tratou logo de arranjar funeral, juntando os irmãos para a dita cerimónia. Feito o fúnebre ritual, colocou na pequenina campa um papel com o seguinte epitáfio: «Aqui jaz uma rolinha/ nesta campa mui serena/ que deixou grande pena/ aquele que a criou/ No dia de São Bernardo/ a infeliz se finou» (BÁRBARA, MARIA – *O Bernardo*. p. 23).

1.1 – No Colégio de Lamego

Já lá vão 150 anos desde a fundação do Colégio¹²⁶ de Lamego. A sua história demonstra-nos ser um verdadeiro alfofre de valores humanísticos e cristãos. Um batalhão imenso de figuras notáveis¹²⁷ passaram pelas mãos dos formadores, primeiro de dois sacerdotes diocesanos, depois pelos cuidados dos monges beneditinos. Desde a fundação feita pelo venerável Pe. António Lopes Roseira¹²⁸, e depois com o Pe. Alfredo Pinto Teixeira¹²⁹, os beneditinos acolheram o valoroso labor do ensino e tomaram as rédeas da direcção da grandiosa instituição.

O pai de Bernardo estava consciente da formação dada no colégio, sendo superior em qualidade e gozando dos melhores elogios na época. Decidiu matricular os filhos na instituição lamecense, então orientada pelo Pe. Alfredo, em 1912. Sabe-se que Bernardo foi bom aluno e, em 1915, terminaria o 4º ano como o 4º mais bem classificado do seu curso. Cinco anos dedicados ao estudo, onde alimentou o saber e ser pessoa, deixando aos colegas exemplo integérrimo, pela modéstia, piedade, inteligência viva e amante do recolhimento, como atesta um colega seu¹³⁰.

Nestes tempos de convulsão social e política, eram poucos os colégios internos que asseguravam formação religiosa, aliás impossível de se encontrar caso como o do Colégio de Lamego. O Pe. Alfredo tinha a preocupação de dar o catecismo, durante uma hora ou mais, aos seus jovens, possibilitando que a eles chegasse os valores do cristianismo, indagando sobre as coisas do céu, repisando a mensagem do Evangelho. Assim em meados de 1914¹³¹ Bernardo recebe a comunhão e o Crisma das mãos do Bispo Dom Francisco José de Brito.

¹²⁶ Sobre a história do Colégio de Lamego, ver: FERREIRA, JORGE – *Colégio de Lamego, Oficial da Ordem de Instrução Pública*. Lamego, Edições Ora & Labora, 1996.; MATIAS, ABEL – *Colégio de Lamego, 50 ecos beneditinos*. Lamego, Edições Ora & Labora, 1998.; MATIAS, ABEL (Cord.) – *Colégio de Lamego, 150 anos a Formar e a Educar*. Lamego, Edições Ora & Labora, 2009.

¹²⁷ Destacamos algumas figuras: Dom Manuel Vieira de Matos, Dom João Crisóstomo Gomes de Almeida, Cónego Francisco Correia Pinto, Aquilino Ribeiro, Francisco Gomes Teixeira, António de Azevedo Castelo Branco, Lopo Vaz de Sampaio e Melo, Fausto Guedes Teixeira, José Teixeira Rebello Junior, entre outros (Cf. FERREIRA, JORGE – *Colégio de Lamego, Oficial da Ordem de Instrução Pública*. pp. 221-277).

¹²⁸ Segundo testemunho de Dr. Acácio Mendes, outrora aluno do Pe António, diz-nos sobre o secular padre fundador: «Quando os Mestres são grandes, não são os seus alunos que os podem descrever (...) Espírito culto e caridoso, de uma vontade tenaz e de abnegada renúncia, tão lamentavelmente esquecido que ninguém o recordaria se mão ignorada, lhe não acendesse sempre uma luzinha no seu sepulcro, quando, no dia 2 de Novembro, todos rezam pelos mortos» (FERREIRA, JORGE – *Colégio de Lamego, Oficial da Ordem de Instrução Pública*. p. 37).

¹²⁹ Pelo ano de 1901 criara-se uma autêntica campanha anti-religiosa, concebida pelas forças maçónicas. O Colégio era pertença da Ordem Beneditina desde 1894, só que por questões políticas, a posse legal do Colégio entre 1910 e 1949 esteve nas mãos do Pe Alfredo, 2º director do Colégio, e do Dr. Domingos de Oliveira Martins, seu sucessor (Cf. POS, p. 17).

¹³⁰ Cf. PRO I, Sessio XVII, p. 225.

¹³¹ Cf. POS, p. 18.

Iniciado o 5º ano, e já sem a presença dos dois irmãos mais velhos, Bernardo adoece¹³² pela Páscoa devido a uma peritonite, de origem tuberculosa, que o obriga a suspender por algum tempo os estudos. Chamado pelo Director, o pai Manuel trouxe-o para a casa do Marvão e, dias depois, leva-o ao Porto para ser atendido por um especialista que recomendou tratamento prolongado, injeções diárias e extracção do líquido acumulado no ventre, devido à maléfica infecção. Demonstrou sempre grande serenidade quanto à doença, e ao tratamento contínuo a que fora sujeito, limitando-se a obedecer ao médico e a conformar-se com a interrupção dos estudos. Terminará no ano seguinte o que deixara suspenso para avigorar a saúde. Depois segue para Coimbra, a cidade dos amores e da saudade dos estudantis, mas também carregada de falsos prazeres¹³³, no dizer de Dom António Coelho.

1.2 – Em Coimbra

Em Outubro de 1918 encontramos Bernardo na Cidade da Rainha Santa. O seu irmão mais velho, Manuel Baltazar, já por lá se encontrava. Matriculou-se¹³⁴ no 7º ano de Ciências, no Colégio de São Pedro, a fim de terminar o liceu, vivendo numa pensão na Conchada, que o pai tinha escolhido, por achar de confiança o ambiente, para os dois filhos. Não demorou que se vissem os dois irmãos, tão habituados às lides caseiras do Marvão, aos bons costumes, num ermo de más atitudes humanas e morais. Tratou-se de procurar outro lugar mais conveniente para almas habituadas à paz e tranquilidade. O próprio Bernardo confessará em carta, muitos anos depois: «Lançado aqui para o meio mau, nos primeiros anos de Coimbra, caí sem ter quem me deitasse, carinhosa e severamente a um tempo, a, mão amiga» e ainda «foi um mau estudante nos últimos anos do curso dos liceus. Nada aprendi e esqueci o que aprendera no colégio...»¹³⁵.

Inevitavelmente, rodeado por uma mocidade estudantil entregue às suas liberdades, entrou em crise, acabaria por passar tempos de indecisão que o levariam a separar-se mesmo da fé. O futuro tornava-se muito incerto para o jovem estudante, e preocupava-se com que decisão a tomar, isto é, a melhor escolha. Talvez por se aproximar a idade militar, considerou

¹³² Cf. BÁRBARA, MARIA – *O Bernardo*. p. 33.

¹³³ Cf. VASCONCELOS, BERNARDO – *Vida de Amor*. p. 27.

¹³⁴ Cf. POS, p. 19.

¹³⁵ VASCONCELOS, BERNARDO – *Vida de Amor*. p. 27.

a hipótese de optar pelo curso da Escola Naval¹³⁶, para dar oportunidade ao desejo de se tornar oficial do exército. Mesmo depois de submetido ao exame de admissão e a consequente rejeição devido à sua compleição débil, as altas aspirações de servir a pátria fomentaram a possibilidade de seguir carreira diplomática. Deus tudo presenciava, colhendo daquela coração novas oportunidades para se fazer ouvir.

Impregnado de boas atitudes, um dia de regresso a casa, como dirá em carta à mãe, «a contas comigo mesmo»¹³⁷, confronta-se com tudo aquilo que passou e viveu. Toma a firmeza de coração, confessa-se e comunga. O sagrado que antes fazia parte da sua vida, volta de novo como manifestação, hierofania, naquela alma sedenta de ideal. A correspondência transmite-nos perfeitamente ecos dessa “conversão” operada, que rejuvenesce na alma de Bernardo: «O meu fim principal foi comungar no dia 8, de Nossa Senhora da Conceição; e de facto, nesse dia e no seminário, eu lá estava à Sagrada Mesa, recebendo o *Pão dos Fortes*» (Carta de 12.12.1919)¹³⁸.

Nesta mudança de atitude, retrospectiva atenciosa e fascinante, o carinho por Deus retorna de novo à sua vida. Ei-lo a caminhar em busca do ideal, ao encontro de Deus. Nesta viragem, acentuam-se no Bernardo as incertezas quanto ao rumo a tomar. É convidado para sócio do CADC¹³⁹ (Centro Académico da Democracia Cristã) onde se notabilizará pela sua conduta e pensamento.

1.2.1 Membro do CADC

Proposto para membro do CADC por José Fernandes Lopes, é admitido em 14 de Março de 1920, sendo o 398º elemento agregado¹⁴⁰. Era então aluno do 1º ano do curso de Ciências. Esta opção foi para ele, como depois dirá, ocasião para entender a realidade social à sua volta. Despertou-lhe também o vivo interesse pelos pobres, que já em pequeno possuía embora sem a abrangência real do problema, e que agora se lhe deparava com a necessidade urgente de resposta e socorro aos indigentes. As ideias sociais começavam a estruturar-se no

¹³⁶ Cf. BÁRBARA, MARIA – *O Bernardo*. p. 45.

¹³⁷ VASCONCELOS, BERNARDO – *Vida de Amor*. p. 29.

¹³⁸ PRO III, PARTE III, Carta nº 2.

¹³⁹ O CADC, Centro Académico da Democracia Cristã, foi fundado em Coimbra pelo ano de 1901, com objectivo de representar uma instituição de estudantes católicos universitários. Analisavam os problemas sociais face aos documentos do magistério da doutrina social da Igreja, tentando criar soluções e formando os seus elementos numa sadia visão do catolicismo.

¹⁴⁰ Cf. POS, p. 20.

plano comum das pessoas, e muito mais no âmbito religioso. O próprio Bernardo afirmará: «A verdadeira revolução devia operar-se de dentro para fora (...). O CADC apareceu aos olhos da minha alma como uma revolução em marcha»¹⁴¹.

Diante de tantas transformações o pai Manuel, por sentir o filho longe duma correcta decisão, julgando que este andava ao ditame da algazarra académica, decide mandá-lo para o Porto receber uns cursos preparatórios e trabalhar num Banco. Retomaremos mais a frente, aquando do seu regresso a Coimbra, o impulso deste organismo na vida de Bernardo.

1.2.2 Trabalhador estudante

No período em que vive no Porto, para aprender o Curso Comercial¹⁴², e ao mesmo tempo trabalhar no Banco Espírito Santo, frequentará as aulas de Estética e Belas Artes do Prof. Aarão de Lacerda. Publicará, como colaborador, os primeiros sonetos nas Flores Espirituais¹⁴³. Também faz apostolado, visitando os pobres da Conferência de S. Vicente de Paulo, num impulso caridoso. Como membro do CADC, devia atenção às questões sociais e para as necessidades dos outros, quer de pobres, quer dos colegas.

Escrevendo à sua irmã Maria Emília, dizia, curiosamente, encontrar-se num estado de insatisfação, sentia a «sede de um ideal»¹⁴⁴ mas sem saber qual fosse. Não se conforma com os ideais apresentados e partilhados pelos rapazes da altura sonhariam por estar no lugar dele. A sua vida não se concretizará nessas ambições profissionais, numa vida endinheirada, vulgaridade que todos querem. Confessa que tem uma «alma complicada e d'um interior profundíssimo, quasi insondável»¹⁴⁵, pede a resignação dos incompreendidos porque ser incompreendido não é por teimosia, mas pela natural maneira de pensar.

Nem sempre é fácil exteriorizar um pensamento ou ideia, ainda para mais quando se sente um grande vazio. De Bernardo diziam que queria o que não tinha nem talvez havia, não percebiam essa procura por algo mais superior. Deseja, o jovem do Marvão, um ideal que não tem, procura-o, como os gestos blandícios da criança que busca a face da mãe.

¹⁴¹ VASCONCELOS, BERNARDO – *Vida de Amor*. p. 30.

¹⁴² Cf. FERREIRA, JORGE - *Bernardo Vasconcelos, O monge-Poeta*. p. 20.

¹⁴³ Revista orientada pelo Dominicano Frei José Lourenço (Cf. VASCONCELOS, BERNARDO – *Vida de Amor*. p. 46).

¹⁴⁴ PRO III, PARTE III, Carta nº 12.

¹⁴⁵ PRO III, PARTE III, Carta nº 12.

Na busca de interioridade, num empenho sempre mais atento por descobrir o ideal, apaixonou-se por uma rapariga que lhe dá o nome de Luar¹⁴⁶. Ao dar a notícia à sua irmã, sempre pela forma de correspondência, dá-lhe a conhecer a rapariga que lhe cativou o olhar, mas não o coração como afirmará mais tarde. Pensa em constituir família e tirar o curso de direito. Mas, entretanto, pela opção do pai teria que terminar o ano no Porto e depois propor o seu regresso a Coimbra.

Enquanto se debatia com o problema da licença para umas disciplinas relativamente à uma nova legislação do Ministério da Educação, Bernardo continua com o seu trabalho, sem equívocos quanto ao seu futuro: nada que tenha haver com o pesadelo dos *deves e haveres*¹⁴⁷.

1.2.3 Vice-presidente do CADC

De regresso a Coimbra, Bernardo matricula-se na Faculdade de Direito, em 31 de Outubro de 1922. A afeição pela rapariga, por quem nutria um amor puro, como afirmava, foi aos poucos amadurecendo. Entendeu que esse amor, nascido da grande busca de ideal, despoletou um carinho especial pela jovem Maria Leonor. Porém, com o passar do tempo, entendeu que ela teria sido «uma inspiradora de versos»¹⁴⁸, que nunca teria dado a entender muito os seus sentimentos, pois teve sempre o cuidado e delicadeza de ideias e gestos.

De volta às lides académicas, distingue-se no CADC, através das várias iniciativas¹⁴⁹ da organização. Dá provas de dedicação e logo colocam no Bernardo responsabilidades e cargos. O CADC tinha como prioridades, para além da atenção às questões sociais e eclesiais, implementar, nos jovens a ele agregados, o espírito do bom cristão. O CADC enraizava no espírito de todos esta máxima: *as obras sem fé são impossíveis*. Era então compreendido que a vida de todos os elementos deveria concretizar-se no amor pelo próximo, expressão máxima de amor a Deus¹⁵⁰.

A 27 de Maio de 1923 Bernardo é eleito vice-presidente da direcção do CADC. É neste contexto que organiza o 1º retiro espiritual no Luso, nos dias de Carnaval, de 11 a 13 de

¹⁴⁶ Cf. PRO III, PARTE III, Carta nº 30.

¹⁴⁷ Cf. BÁRBARA, MARIA – *O Bernardo*. p. 47.

¹⁴⁸ Cf. BÁRBARA, MARIA – *O Bernardo*. p. 49.

¹⁴⁹ Em meados de 1923 uma comissão constituída por Bernardo, organizou uma festa de beneficência ao CADC. A festa realizou-se no Teatro Avenida em 8 de Junho, com muita assistência de pessoas. Por certo, sinal da protecção divina, à hora em que decorria o sarau, lançavam uma bomba na sede do CADC (Cf. MARQUES, PEREIRA – *O Colégio de Lamego e o CADC na vida de Bernardo Vasconcelos*. In: ESTUDOS, Órgão do C.A.D.C. de Coimbra, Ano X. Coimbra, 1933. p. 642).

¹⁵⁰ Cf. MARQUES, PEREIRA – *O Colégio de Lamego e o C.A.D.C. na vida de Bernardo Vasconcelos*. p. 639.

Fevereiro do ano supradito, dirigido pelos padres jesuítas. De facto, este retiro será para Bernardo uma paragem, momento propício para escutar mais de perto a voz de Deus. Depois de uma conferência sobre a graça, viram-no na capela improvisada, em lágrimas¹⁵¹ de joelhos, diante do Sacrário. Os bons propósitos tomados, naquele momento, dariam frutos abundantes.

É convidado a proferir várias conferências: em 1924 no Instituto Nun'Alvares; no CADC, a conhecidíssima conferência «Ideal Cristão», depois apresentada no Congresso Eucarístico Nacional de Braga; participou ainda no Congresso da União Católica dos Estudantes Portugueses, entre outras. Para além das conferências, Bernardo é também membro de outros organismos, que destacamos: Conferência de São Vicente de Paulo¹⁵², presidente da Liga Eucarística, Congregação dos Filhos de Maria¹⁵³, secretário da revista Estudos do CADC, entre outros.

No final do ano Lectivo, sentindo-se adoentado, deixa Coimbra, para fazer um período de tratamento nas Caldas de Vizela. É-lhe diagnosticado uma doença que depois não se confirmaria devido a uma má avaliação. Bernardo, mesmo assim testemunha a um seu amigo:

« Deus escreve direito por linhas tortas. Seja feita a sua vontade. Eu que, durante longo tempo, aí em Coimbra, ao dar graças após a Sagrada Comunhão, quase não me lembrava de mais nada senão pedir a Deus que me fizesse conhecer a Sua vontade em mim, não tenho de me queixar se a Sua vontade é que eu sofra. Bendito Ele seja!» (Carta de Vizela, ?6.1923)¹⁵⁴.

¹⁵¹ Cf. POS, p. 23.

¹⁵² Pereira Marques, apresenta no seu artigo, um interessante relato acerca do labor de Bernardo na Conferência Vicentina: «Pouco depois de ter entrado na Conferência, Bernardo Vasconcelos vai encontrar na família que lhe destinaram para visitar, uma série de questões difíceis: há na casa um filho de 8 anos por baptizar; há uma pequenita de 21 meses que nem ainda está registada civilmente; o marido bate constantemente na mulher; as rendas da casa andam por pagar porque o homem não trata de dar o dinheiro para isso. O Bernardo empenha-se em resolver todas estas questões “para maior glória de Deus”. Mas... que série de dificuldades, sobretudo por causa da petizita que ainda não estava registada! Era preciso tentar resolver as coisas por bem e, em último caso, seria preciso denunciar a questão às autoridades e sujeitar o pai da criança a multa pesada ou à cadeia. Bernardo (...) mexe-se, pede a recomendação deste professor da Faculdade de Direito, pede protecção daquele outro, fala com o Conservador do Registo Civil, com o Governador Civil, etc. Mas, antes disso que o tempo não foi preciso para que o pai da criança se resolvesse a desfazer a tragédia! Por fim consegue levá-lo ao Governo Civil. O pedido de licença de registo segue para Lisboa e só três longos meses depois que descobriu o caso, é que o Bernardo consegue meter a criança na sociedade dos homens – registando-a, e no seio de Deus – baptizando-a» (MARQUES, PEREIRA – *O Colégio de Lamego e o C.A.D.C. na vida de Bernardo Vasconcelos*. pp. 641-642).

¹⁵³ Cf. MARQUES, PEREIRA – *O Colégio de Lamego e o C.A.D.C. na vida de Bernardo Vasconcelos*. p. 645.

¹⁵⁴ PRO IV, PARTE IX, Carta nº 1.

A sua vontade de dar-se às causas, é muitas vezes travada pela falta de saúde. Então Bernardo, conscientemente recolhia-se para breves tratamentos. Aquando da sua saída, para seguir o caminho da vocação, deixou uma lembrança viva nos seus colegas, que por todos era tido com grande estima, respeito e veneração. A sua piedade deixou marca, afirmava com toda a consideração: «Importa primeiro que tudo a piedade»¹⁵⁵.

2. – Vocação

O problema da vocação será para Bernardo uma ocasião infatigável na procura de uma resposta. Vai a Lurdes em peregrinação¹⁵⁶, e lá gravam-se-lhe no coração esses belos dias de profunda acção no acompanhamento dos doentes. Arreigou mais a fé naquele ambiente sobrenatural, pondo em si mesmo o problema da vocação. De regresso a Portugal, em conversa com uma condiscípula de Coimbra, D. Dionísia Camões de Mendonça, mostra-se inclinado¹⁵⁷ para a Ordem de São José, isto é, o matrimónio. Mas a questão da vocação estaria ainda em fase embrionária – *in abstracto*.

2.1 – Descoberta Vocacional

No meio do seu apostolado, Bernardo aos poucos fazia crescer o ideal. Com a família e amigos, por cartas, acentua essa descoberta. Faz um segundo retiro em Penafiel, sob a direcção de dois sacerdotes jesuítas¹⁵⁸. Ajudaram também as frequentes visitas à Sé velha de

¹⁵⁵ MARQUES, PEREIRA – *O Colégio de Lamego e o C.A.D.C. na vida de Bernardo Vasconcelos*. p. 640.

¹⁵⁶ Na peregrinação a Lurdes, Bernardo no seu ofício de maqueiro (brancardiers) assiste à cura miraculosa de uma religiosa, Irmã Benigna, que para ali se tinha deslocado em oração, vítima de tuberculose (Cf. VASCONCELOS, BERNARDO – *Vida de Amor*. p. 81).

¹⁵⁷ Cf. MENDONÇA, DIONÍSIA CAMÕES – *Da Universidade ao Claustro*. In: ESTUDOS, Orgão do C.A.D.C. de Coimbra, Ano X. Coimbra, 1933, nº 116-117. p. 606.

¹⁵⁸ Os dois sacerdotes, que orientaram este retiro, foram o Pe. Vaz e o Pe. Sebastião Pinto (Cf. PRO III, PARTE II, Carta nº 35).

Coimbra onde conhece Pe. Luís Lopes de Melo, nascendo assim uma amizade que ficará para sempre na memória de Bernardo. Cansado de resolver sozinho o problema, um dia abre-se em confiança a Vaz Pinto, até então presidente do CADC. Ficou decidido que um dos dois falaria com o Pe. Gonçalves Cerejeira, depois Patriarca de Lisboa. Foi Vaz Pinto, que depois combinou uma conversa entre os dois. Bernardo testemunha, numa singeleza de coração derramado, essa alegria do diálogo:

«E assim pela resposta que o Vaz Pinto de lá trouxe eu tive de ir expor de viva voz ao Sr. Dr. Cerejeira todo o caso.

E assim ficou resolvido que eu encarasse de frente o sacerdócio como a minha vocação e que nas mãos de Deus entregasse o meu espírito e me abandonasse inteiramente. E agora que já vão cinco semanas de convívio diário com Jesus-hóstia eu sinto bem o acerto da minha resolução; nunca mais tive dúvidas – como até então tivera sempre – sobre a minha vocação. Ainda não sei – pois Deus Nosso Senhor ainda se não dignou mostrar-me claramente – o lugar que devo ocupar entre os sacerdotes» (Carta de 20.12.1923)¹⁵⁹.

A alegria de poder partilhar as ideias com alguém de confiança, que lhe possa aclarar o espírito, foi para Bernardo uma luz no caminho. O Pe. Melo também lhe dirá que a sua vocação deverá encaminhar-se para a vida regular. Porém, o estado da sua saúde poderia tornar-se um empecilho para a realização da vocação. Haveria de ter o cuidado para que isso não acontecesse, «a doença afligia-o, por pensar que se inutilizava»¹⁶⁰ para a vida religiosa.

A fé deste jovem era exemplo comovente para quem o conhecia. Nunca deu provas de abatimento na esperança em Deus e, com muita esperança, rezou pela sua cura. Expressava-se uma vez, com lágrimas de satisfação a bailarem-lhe nos olhos, mostrando¹⁶¹ o óptimo resultado duma análise, a pessoas amigas.

A decisão, o prenúncio esperado, aos poucos aumenta na construção desse caminho que Bernardo, passo a passo, corre. Explicava, assim em carta, à sua irmã Maria Bárbara:

¹⁵⁹ VASCONCELOS, BERNARDO – *Vida de Amor*. p. 81.

¹⁶⁰ MENDONÇA, DIONÍSIA CAMÕES – *Da Universidade ao Claustro*. p. 606.

¹⁶¹ Cf. MENDONÇA, DIONÍSIA CAMÕES – *Da Universidade ao Claustro*. p. 610.

«Tenho a minha inclinação para esta última situação – religioso – mas ainda não sei nem para que Ordem, embora tenha já também a minha inclinação para uma que estás longe de supor» (Carta de 7.12.1923)¹⁶².

Na caminhada os passos de Bernardo são rumo à luz. Decide avançar na busca de uma Ordem Religiosa que lhe pareça conforme os desejos do seu coração, para melhor servir a Deus.

2.2 – Orientadores Vocacionais

Destacamos duas figuras que ajudaram Bernardo neste processo, demorado e por vezes teimosamente pouco esclarecedor, quanto a uma decisão a tomar. O futuro Patriarca, Pe. Gonçalves Cerejeira, e o mítico Dom António Coelho.

2.2.1 Cardeal Cerejeira

Manuel Gonçalves Cerejeira, nasceu em 29 de Novembro, de 1888, em Vila Nova de Famalicão, e faleceu em Lisboa a 2 de Agosto de 1977.

Recebeu as ordens em 1911, pelo então Arcebispo Primaz Dom Manuel Baptista da Cunha. Vem para Coimbra em 1911 estudar Direito Civil e Economia Política. De 1919-1920 frequenta a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde depois conclui o Doutoramento. Em 1929 recebeu o cardinalato pelo então Papa Pio XI¹⁶³.

Já destacámos a conversa que tiveram, em que o próprio Pe. Manuel Cerejeira lhe disse para seguir a vida sacerdotal. Do que sabemos, Bernardo acolheu esse desígnio com agrado, pois havia condições que o Pe. Manuel Cerejeira lhe apontava como também sinais vocacionais, referindo-se mesmo a um deles como *pedra de toque*¹⁶⁴.

¹⁶² VASCONCELOS, BERNARDO – *Vida de Amor*. p. 81.

¹⁶³ Cf. NEVES, MOREIRA – *O Cardeal Cerejeira*. Lisboa, Pro Domo, 1948.

¹⁶⁴ A expressão *pedra de toque* refere-se à virtude da guarda da castidade, que Bernardo já possuía (Cf. BÁRBARA, MARIA – *O Bernardo*. p. 65).

Também manifestou o desgosto de muitas vezes pensar que não tinha vocação. O Pe. Cerejeira então explicou-lhe tratar-se da noção ao que chamam de *vocação negativa*, que é, só por si insuficiente.

Certamente que este diálogo, como já aludimos, foi certo para Bernardo, pois o Pe. Manuel Cerejeira despertou nele a luz para poder melhor compreender a vontade de Deus. Duas almas se que encontram pela providência numa amizade que ficará como exemplo de confiança cristã.

Depois da morte, prematura, de Bernardo dizia o estimadíssimo Cardeal a Dom António:

«Quando conheci o Bernardo, já ele tinha reconhecido Jesus, e procurava segui-l’O como fiel discípulo (...). A sua sede de ideal era infinita, para que lha pudessem matar as belezas da terra (...). Nenhum artista da terra, por mais glorioso, fez jamais obra que se aproximasse daquela que o Bernardo de Vasconcelos realizou na argila humana. Enquanto aquele procurou realizar na matéria um pensamento humano, Bernardo consumiu-se todo na obra da própria conversão no pensamento, em Cristo. A sua vida, a que tem história, foi assim uma magnífica e viva obra de beleza e amor»¹⁶⁵.

Depreende-se pelo testemunho do Cardeal Cerejeira um verdadeiro conhecimento em relação ao espírito de Bernardo, que realizou na sua vida uma esplêndida obra de fé.

2.2.2 Dom António Coelho

Manuel Augusto Coelho¹⁶⁶, nasceu no dia 24 de Maio de 1892, e faleceu a 21 de Dezembro de 1938 em Singeverga. Entrou para Singeverga em 1905, com 13 anos de idade.

¹⁶⁵ VASCONCELOS, BERNARDO – *Vida de Amor*. p. 3.

¹⁶⁶ Sobre Dom António Coelho ver: CARVALHO, PAULO – *Dom António Coelho, apóstolo da Liturgia*. In: ORA & LABORA, Ano 1963, nº 6. Mosteiro de Singeverga, 1963. pp. 253-252.; FERREIRA, BENTO ALVES – *In memoriam. D. António Coelho* (notas biográficas). Braga, Livraria Pax, 1939.; OLIVEIRA, TOMÁS GONÇALINHO DE – *Samos*. In: MENSAGEIRO DE S. BENTO, Ano 1939, nº 8. Mosteiro de Singeverga, 1939. pp. 171-173; SOUSA, GABRIEL (MONACHUS) – *Dom António Coelho*. In: MENSAGEIRO DE S. BENTO, Ano 1939, nº 8. Mosteiro de Singeverga, 1939. pp. 161-163;

Em 1910, inicia o noviciado no Mosteiro de S. Martinho do Couto de Cucujães. É enviado depois para a Bélgica juntamente com mais dois companheiros. Professa os Votos Simples a 27 de Janeiro de 1912, e os Votos Solenes a 27 de Janeiro de 1915. Em 24 de Setembro é ordenado sacerdote pelo Cardeal Marcier, Arcebispo de Malines.

Regressa a Portugal em meados de 1919, para prosseguir com os colegas e irmãos de Cucujães a restauração da Ordem em Portugal. Passando por Samos, Falperra, e depois com assente fundacional de Singeverga, Dom António foi sempre o servo inquieto que procura em todas as horas servir a Deus e aos irmãos. Entre muitas actividades, destaca-se como pregador, liturgista e confessor. Nele nasceu o tão falado *Movimento Litúrgico Português*¹⁶⁷, onde se destacou com o seu pensamento. O seu *Curso de Liturgia Romana*¹⁶⁸, foi, e ainda hoje é, alvo de estudo atento e manual muito estimado por todos os apaixonados pela Liturgia, não só em Portugal como também no estrangeiro.

Quando Bernardo escreve a Dom António Coelho, aclarando as suas intenções de se fazer beneditino, naturalmente o grande Dom António foi cauteloso. Colocou Bernardo à prova. Testava-o afim de poder recolher maior número de provas que pudessem assegurar ao seu espírito de orientador que o jovem colocava toda a sua humildade na procura do caminho que Deus para ele tinha traçado. Não faltou quem disse-se, face às aparentes dificuldade e obstáculos colocados por Dom António: “pois não querem o Bernardo, um rapaz culto e inteligente?... desses é que as Ordens deviam ter muitos...”¹⁶⁹.

Para Bernardo, Dom António foi o pai espiritual que qualquer religioso desejaria ter. Bem depressa conheceu a profundidade desta alma e soube-a cultivar ainda mais nos dons que o Espírito Santo tinha acumulado.

¹⁶⁷ Cf. COSTA, BERNARDINO FERREIRA – *Movimento Litúrgico em Portugal*. Mosteiro de Singeverga, Ora & Labora, 2009.

¹⁶⁸ Cf. COELHO, ANTÓNIO – *Curso de Liturgia Romana*. Tomo I e II, 3ª Edição. Mosteiro de Singeverga, Edições Ora & Labora, 1950.

¹⁶⁹ BÁRBARA, MARIA – *O Bernardo*. p. 67.

3. Percurso na Ordem Beneditina

Depois de tanto buscar, eis que Bernardo encontra na Ordem de São Bento resposta ao seu coração, por uma inclinação da qual Deus lhe faria compreender a sua santa vontade. Bernardo conhecia outras ordens religiosas, como a Companhia de Jesus, os Franciscanos, e os frades de São Domingos. Encontrou na de São Bento a centelha divina, a espiritualidade da oblação, que seria para ele forte acção contínua e santificante na vida monástica.

3.1 – Entrada na Ordem

A 10 de Fevereiro de 1924, Mons. Pereira dos Reis¹⁷⁰ passa pela cidade de Coimbra e, devido à grande amizade com esse ilustre sacerdote Bernardo recebe o escapulário dos oblatos seculares da Ordem de São Bento, pela qual demonstrava uma forte predilecção. Tinha a Casa do Marvão na sua história religiosa dois familiares que pertenceram à antiga Congregação Beneditina Portuguesa, tal como vimos na primeira parte. E frequentemente costumavam visitar os mosteiros de Refojos de Basto, Arnoia e outros¹⁷¹. A vocação para religioso tornava-se aos poucos uma verdade para ele admiravelmente transformadora, que o deixava tranquilo para uma decisão. Escrevia à sua irmã:

«Faz hoje meses que tomei a minha maior resolução: – a de me fazer...
b!

Louvado seja Deus! Desde então para cá só tem crescido o meu desejo, criado raízes e convicção. Durante muito tempo “perseguiu-me Deus Nosso Senhor com o seu amor” e andei perdido... – pobre navio sem leme. E conheci a torpeza e o pecado... E depois... Ele sempre a proteger-me... eu a sentir cá dentro anseio de “buscar um caminho austero e iluminado”... Ele a bater-me à porta e eu – pobre doido! – a julgar que não era para aqui, com pesar de não ter vocação (...).

¹⁷⁰ Monsenhor Pereira dos Reis, como delegado do Dom Prior de Cucujães, podia receber oblações, entregando o escapulário dos beneditinos. Bernardo recebe-o na Sé Velha, no dia da festa da Venerável Santa Escolástica, irmã de São Bento (Cf. VASCONCELOS, BERNARDO – *Vida de Amor*. p. 90).

¹⁷¹ Cf. BÁRBARA, MARIA – *O Bernardo*. p. 65.

E disse então – Estou aqui. E direi ainda, só com mais alegria – aqui estou» (Carta de 10.03.1924)¹⁷².

O amor à liturgia e algumas leituras sobre o carisma beneditino, deram a Bernardo algumas respostas e orientação. Depois da Carta¹⁷³ a Dom António, que tinha sortido um efeito concreto em Bernardo, disposto a seguir e a procurar respostas, faz experiência no Mosteiro de São Julião de Samos¹⁷⁴, na semana de 14 a 22 de Março.

Depois da primeira experiência em Samos, aqueles dias em clima de vida monástica, Bernardo imbuído do Espírito, sempre acompanhado de Dom António Coelho, decide dar o passo e pedir admissão como postulante. Desloca-se a Singeverga, para conhecer a comunidade que era a casa-mãe, por assim dizer, dos beneditinos portugueses, e pede ao Prior para ser admitido. Feitos os preparativos, começa a despedir-se dos seus. Nestes momentos de dor diz ele que «o coração não se embota nem se fecha – sangra – mas também se purifica» (Carta de 18.6.1924)¹⁷⁵.

No dia 15 de Agosto despede-se dos seus com um *até quando Deus quiser* que só ele entendia o sentido; porque os familiares¹⁷⁶, na realidade, nada sabiam. No dia 16 toma parte como padrinho no baptizado do filho de um seu companheiro de Coimbra, para cuja conversão a obra *Ideal Cristão* tinha decisivamente em muito contribuído para a escolha da fé cristã. Nesse mesmo dia, dava entrada em Singeverga, e pouco mais de três semanas se demorou o Bernardo em Singeverga, o tempo suficiente para Dom António Coelho pôr fim aos preparativos¹⁷⁷ de ordem material, documental entre outras, para passar a fronteira. Chegou o dia 11 de Setembro, Bernardo com mais cinco jovens, partem à caminho de Espanha, afim de se fazerem monges.

¹⁷² PRO III, PARTE III, Carta nº 16.

¹⁷³ São várias as cartas desta altura a Dom António Coelho. Ver Anexo documental I.

¹⁷⁴ Abadia Beneditina situada na Galiza, na qual Dom António Coelho acompanhava o primeiro grupo de portugueses, que lá se preparavam devido às leis anti-congregacionistas de Portugal (Cf. POS, p. 30; Cf. BÁRBARA, MARIA – *O Bernardo*. p. 67; Cf. FERREIRA, JORGE - *Bernardo Vasconcelos, O monge-Poeta*. p. 33).

¹⁷⁵ VASCONCELOS, BERNARDO – *Vida de Amor*. p. 110.

¹⁷⁶ A família de Bernardo não sabia dos seus propósitos. Os preparativos foram todos feitos em segredo pela sua irmã (Cf. BÁRBARA, MARIA – *O Bernardo*. pp. 71-72).

¹⁷⁷ Cf. POS, p. 32.

3.1.1 – No Noviciado em Samos

Chegado à Abadia de Samos, Bernardo e companheiros iniciam o ano canónico do noviciado com um retiro preparatório de oito dias. Na manhã de 24 de Setembro, festa de Nossa Senhora das Mercês, recebe na cerimónia¹⁷⁸ de entrada para o noviciado, o hábito negro dos monges de São Bento e o nome de Frei Bernardo da Anunciada. Do epistolário da altura, diz-nos:

«Agora vivo todo consagrado a Deus neste ano santo do noviciado e nesta casa de Deus. É uma vida de sacrifício e imolação? Sem dúvida. Mas suave e cheia (...) Por se viver aqui longe do mundo não se leva por isso vida tranquila, tal como o mundo julga. Não. A paz que aqui se goza é a paz da Victoria sobre nós mesmos. E essa vitória é a mais árdua, a mais tenaz, a mais difícil – mas também a mais heroica e a mais recompensada! E depois, que altíssimo sentido o d’esta vida! Expição, acção de graças e glorificação! Imolam-se a Deus os pobres monges tantas vezes em favor do mundo, sempre atraindo graças inúmeras para ele, e o mundo chama-lhes loucos e egoístas! Pobre mundo!

Praza a Deus que a minha oblação – que agora começo – atraia grandes bênçãos do Céu sobre os Meus, sobre a minha pátria e sobre mim» (Carta de 12.10.1924)¹⁷⁹.

Esta sua maneira de dizer, claro que interpretativa, acerca do ano que começa, demonstra a sua consciente aceitação de tudo. O propósito de viver a vida beneditina, começou para Bernardo como um sonho que, em razão da exigência, logo se mostra acção na própria vida de noviço.

¹⁷⁸ Da cerimónia, conta Frei Bernardo: «Foi-me depois perguntado se na verdade queria renunciar ao mundo e entregar-me a Deus na Ordem de S. Bento, ao que eu respondi em latim uma bela e curiosa frase que quer dizer: “Espero e desejo com o auxílio de Deus perseverar no meu santo propósito até à morte”. Vem logo depois outra linda cerimónia. Sentado o postulante, eis que vem o Dom Abade lavar-lhe o pé direito, que beija, e logo depois toda a comunidade vem beija-lo também de joelhos, em sinal de confraternização, de irmanação em Deus e na Ordem, enquanto todos cantam n’um côro arrebatador um lindo cântico. Só depois é que o Dom Abade despe do “homem velho” o seu traje mundano – o casaco – e lhe veste a 1º parte do hábito: um larga batina preta com um cinto também preto – cinto que simboliza a castidade. E após mais algumas lindíssimas e significativas orações – eis tudo» (Carta à sua mãe, 24.09.1924) (Cf. PRO III, PARTE I, Carta n° 13).

¹⁷⁹ PRO III, PARTE III, Carta n° 20.

Mais tarde dirá, em carta a um confrade seu, da sua imensa alegria que teve por recordar o ano do seu noviciado em que «ao levantar-me em Samos e ao vestir o novo hábito, eu pensava que sonhava ainda! Realmente é de tal modo transcendente um passo desses que só a pouco e pouco se lhe mede o alcance e, sobretudo, se lhe goza o prazer escondido» (Carta a Frei Vicente Vaz de 1.10.1930)¹⁸⁰.

Terminado o tempo do noviciado, e com a clara inclinação para a profissão monástica, Frei Bernardo prepara-se, aproveitando o retiro anual da comunidade de Samos, por coincidência orientado por Dom António Coelho. Dezasseis páginas do *Diário Espiritual* resumem as conferências do Retiro. Neste registo manuscrito observamos a actividade espiritual do jovem noviço, imbuído profundamente do ambiente espiritual. Curiosamente, nas folhas da direita do *Diário*, encimado por uma epígrafe significativa – *O que Ele me disse* –, e nas da esquerda no mesmo sentido, correspondendo com – *Como eu respondi* –, entendemos a seriedade e o confronto espiritual que eram naturais no Bernardo, sempre procurando corresponder ao apelos de Deus, examinando escrupulosamente a sua vida.

As dificuldades do noviciado foram, para Bernardo, ocasião para provar a vocação, isto é, comprovar o *fiat voluntas tua*. A dificuldade sentia devido ao meio espanhol em que vive, torna-se um ponto espinhoso na caminhada devido ao seu patriotismo, à sua vida intelectual e ao alto ideal monástico. Encontramos assim nestes escritos essa permanente batalha, de se colocar como observador de si mesmo. Interpretar o caminho, com aquilo que quer e com o que Deus não quer para ele:

«Domingo – Deus não quer que me santifique como eu quero, mas como Ele quer; onde eu quero, mas onde Ele quer...

Segunda – Quero viver a vida interior. Mas... e eu tenho um mas... Aqui! Não, não te iludas. A vida interior deve tender sempre para Deus, para unir a nossa vontade à vontade de Deus. E, se a vontade de Deus é que eu esteja... aqui, devo viver a vida interior aqui melhor que em outra parte...

Sim! Santificar-me onde Deus quer e como Deus quer que me santifique (...).

Terça – Lembra-te que vais prometer *Conversão de Costumes*, tender sempre à perfeição (...).

¹⁸⁰ PRO IV, PARTE XV, Carta nº 2.

Quarta – Sim! Eu quero obedecer! Como eu sentia já no mundo a necessidade de obedecer: *bonum obedientiae!* (...). Deus sabe que me custa obedecer!

Quinta – Tenho receio de examinar se sim ou não progredi desde o meu último retiro. Só sei que vejo alargarem-se os meus horizontes... ou uma luz nova os ilumina... o que me custa é habituar os olhos a ela (...).

Sexta – Quero viver a Liturgia. Tenho de reconhecer que vivo ainda muito afastado dela.

Sábado – (está em branco esta página)

Domingo – Hóstia branquinha... não só em ideal mas em realidade. Das exigências do Amor... seus direitos sobre nós depois de consumada a nossa oblação no dia da profissão: *per proprium sanguinem... »*¹⁸¹.

A consagração para Bernardo tinha um peso muito importante, não como o culminar de uma vontade de responder afirmativamente a Deus, mas como a consumação da sua oblação. A profissão monástica tem duas etapas: os primeiros votos fazem-se por três anos (Profissão Simples ou Trienal), depois a definitiva (Profissão Solene)¹⁸².

Então, eis que acontece o inesperado para Bernardo. Seu pai morre a 16 de Setembro, e o prior de Singeverga, Dom Baptista Ramos, no dia 21 do mesmo mês. Este último acontecimento fez com que a profissão, marcada para 25, só pudesse realizar-se dia 29 de Setembro¹⁸³, festa de São Miguel Arcanjo. Bernardo, neo-professo da Ordem de S. Bento, escreve: «acabo de fazer o meu holocausto, com toda a simplicidade e reverência do meu coração... Nosso Senhor desta vez, roubou-me muitas coisas; oxalá eu não lhe roube jamais a Ele nenhuma das que lhe dei, e era tudo o que tinha...»¹⁸⁴. No meio destas angústias, o novo monge não deixa de viver o momento com grande interioridade e provação. Não há cedências a dúvidas ou pensamentos válidos para desnortear. Aceita tudo, oferece a Deus o seu cálice de amargura.

¹⁸¹ VASCONCELOS, BERNARDO – *Vida de Amor*. pp. 127-128.

¹⁸² Cf. FERREIRA, JORGE - *Bernardo Vasconcelos, O monge-Poeta*. p. 36.

¹⁸³ Ver Anexo II

¹⁸⁴ VASCONCELOS, BERNARDO – *Vida de Amor*. p. 165.

3.1.2 – Estudos Teológicos

Logo no início dos estudos teológicos morre um colega, Frei Hildebrando Gomes da Silva¹⁸⁵, que tinha sido dado a Bernardo como “anjo da guarda” para ajudar na iniciação à vida monástica. Esta amizade marcou profundamente Bernardo, que o tinha por verdadeiro santo¹⁸⁶. Dedicado ao estudo da Filosofia, da História da Igreja e do Grego, Bernardo vai caminhado no trilho de Deus. Sabemos por carta, das suas impressões do curso:

«Agora estou a contas com a Filosofia. Já estou adaptado à nova vida que tomei. Se a princípio a natureza se ressentiu um pouco – o que não é de estranhar! – agora já está aclimatada e vou seguindo com regularidade a vida que tanto tempo andei desejando. Este ofício de cantor das misericórdias e magnimidades de Deus agrada-me sobremaneira. É um ofício verdadeiramente divino. (...) No mundo faz-se uma ideia talvez mais poética do que justa do que seja a vida do claustro beneditino. Além da altíssima e inigualável poesia do ofício divino, há a beleza insuperável da união dos corações» (Carta ao Pe. Melo de 17.11.1925)¹⁸⁷.

Dedicado aos estudos, também vai bebendo da vida monástica as águas puras e cristalinas, que ela dá aos seus seguidores. A vida do claustro é toda ela uma procura de Deus, uma busca pelo Bem, que, tendo-O ninguém O volta a deixar.

Logo no início do ano de 1926, Dom António Coelho é nomeado Prior de Singeverga e terminados os exames de Filosofia, Frei Bernardo recebe ordem¹⁸⁸ do seu Superior para

¹⁸⁵ Frei Hildebrando oferecera-se a Deus como vítima oblativa, para obter a graça do regresso das Ordens Religiosas a Portugal. Deus aceitou o seu generoso holocausto. Na procissão de Domingo de Ramos de 1925 Frei Hildebrando começou o seu penoso martírio de expiação. De volta a Cucujães, Portugal, aos poucos se vai consumindo até que Deus o vem buscar em 15 de Maio de 1926. Dele Frei Bernardo escreveu: «É-me grato neste dia recordar o nosso D. Hildebrando, que Deus haja, esse bom anjo da guarda que foi meu, o que eu creio no céu a interceder por nós, com aquele calor do seu grande coração tão generosamente aberto à efusão da graça. Numa manhã misteriosa veio o orvalho celeste em abundância desusada... e aquele pobre corpo, aparentemente tão forte, começou como que a enregelar-se e a consumir-se. Parece ter sido esse orvalho do céu que matou aquele corpo... Ele foi tão generoso que o Senhor o tomou como vítima. Era d'Ele, muito d'Ele. Lá o levou a sorrir. Árvore frondosa que cai carregadinha de flor... Em vez de frutos... um suave perfume, o “perfume de Cristo”» (VASCONCELOS, BERNARDO – *Vida de Amor*. p. 151).

¹⁸⁶ Cf. FERREIRA, JORGE - *Bernardo Vasconcelos, O monge-Poeta*. p. 35.

¹⁸⁷ PRO IV, PARTE XII, Carta nº 1.

¹⁸⁸ Cf. POS, p. 35.

voltar a Singeverga e preparar-se para, a 24 de Setembro, partir para a Bélgica, com um companheiro de hábito, Frei Bento Alves Ferreira. Desta feita, os dois continuariam os estudos teológicos no Mosteiro de Mont-Cesár, reputadíssimo pela sua escola teológica e pelos seus sábios monges.

3.2 – Doença e morte

Logo que chega à Bélgica, Frei Bernardo escreve à sua mãe «que Nosso Senhor Se digne aceitar mais este sacrificio que faço por amor d’Ele, da minha Ordem e de Portugal» (Carta de 28.11.1926)¹⁸⁹. Tinha um pressentimento que não aguentaria muito tempo neste novo destino. A 20 de Outubro é levado ao médico. Prescrevem-lhe um tratamento demorado, que consistia num determinado tempo de imobilidade na cama, com um colete de gesso. A 3 de Novembro regressa a Portugal para, em terra pátria, ser atendido pelos melhores especialistas. Começa assim, como ele bem diz, a «história da graça que o Senhor me fez, com a grande doença que me deu»¹⁹⁰.

Diagnosticado o *mal de Pott*¹⁹¹, logo inicia tratamentos no hospital da Lapa: operações repetidas, raspagem óssea, extracção de líquidos, descanso do corpo numa total imobilidade, febre persistente, dores nos intestinos e rins, dificuldades de ordem gástrica, fadiga cerebral, e perturbações cardiológicas. É todo ele, segundo sua expressão *Hóstia-em-Sangue*¹⁹². Em Maio de 1927 colocam-lhe um colete de alumínio, com recomendações de banhos de sol. Desloca-se até à Póvoa de Varzim e aí faz o tratamento recomendado. Com algumas melhoras significativas recomeça o seu labor na revista *Opus Dei*, com algumas notas sobre *A Missa* e a *Vida Interior*¹⁹³.

¹⁸⁹ PRO III, PARTE I, Carta nº 28.

¹⁹⁰ TRINDADE, MANUEL DE ALMEIDA; SOUSA, GABRIEL – *Figuras Notáveis da Igreja de Coimbra*. p. 216.

¹⁹¹ O *mal de Pott* (ou doença de Pott) é uma forma de tuberculose extrapulmonar, que atinge a coluna vertebral do doente. O cirurgião Percivall Pott fez a descoberta deste mal e a sua descrição em 1799. Os sintomas variam: dorsalgia (dor nas costas), febre, anorexia, dormências, fraqueza muscular, etc. Com o avançar da doença, o paciente é acometido de um colapso vertebral, isto é, uma cifose (curvatura da espinha dorsal), que aos poucos leva-o à situação de paraplegia (impossibilidade de andar) a nível da coluna dorsal e coluna lombar. Desenvolve-se, geralmente, em três períodos: 1º supuração; 2º aparição da gibosidade; 3º abscesso por congestão e perturbações como: imobilidade, incontinência urinária, entre outras (Cf. LELLO, JOSÉ; LELLO, EDGAR – *Lello Universal, Dicionário Enciclopédico Luso-Brasileiro*. Porto, Lello & Irmão Editores, 1973. Vol. II. p. 618).

¹⁹² Cf. VASCONCELOS, BERNARDO – *Cântico de Amor*. Porto, Ora & Labora, 1982. p. 28; Cf. VASCONCELOS, BERNARDO – *Vida de Amor*. p. 165.

¹⁹³ Estes dois artigos, mais tarde editados em obra, conheceram pelo menos três edições: 1934, 1936, 1961. Também, foram traduzidos para castelhano (Cf. VASCONCELOS, BERNARDO – *La misa y la Vida Interior*.

Em obediência aos superiores, desloca-se a Fátima para pedir a sua cura, na peregrinação de 13 de Maio de 1928. Fá-lo conscientemente apenas por obediência. Julga que a sua profissão foi a causa de uma doação total à vontade de Deus. Diz Bernardo que nunca pediu¹⁹⁴ a Deus sacrifícios nem doenças, mas que Ele lhas deu. Por conseguinte, pedir a sua cura, só mesmo pelo acto de obediência ao seus mestres, porque está convicto em obedecer à vontade de Deus e fazer disso sinal ainda maior da veracidade da sua consagração total e permanente.

A profissão solene¹⁹⁵ acontece no dia de São Miguel, a 29 de Setembro de 1928, na Póvoa de Varzim, com toda a comunidade presente, a portas fechadas na Igreja de São José de Ribamar. Desse dia testemunhava o mestre de Cerimónias do soleníssimo rito que durante a consagração «a hóstia se levantava do corporal», e prossegue «não me repugnava a mim admitir influência sobrenatural devido à piedade e virtude de Frei Bernardo»¹⁹⁶. Daquele dia, Frei Bernardo guardará para sempre, com viva memória, a sua oblação total e definitiva ao Senhor. Apaixonado pelas coisas de Deus, saboreando os gostos e doçuras da graça de Deus, responde em carta à sua querida mãe:

«Nisso terá uma recompensa bem grande os inumeráveis trabalhos de toda a ordem que por ele sofreu. O seu monge pensava nisso ao tirar esse retrato, e antegozava já a consolação tão legítima que lhe poderia dar ao fazer-lhe esta grata surpresa (...) Agora minha mãe, é preciso que continuem a ajudar o pobre monge a sê-lo integralmente, sob pena de mentir a Deus e aos homens. É preciso também que desta doença tão prolongada ele tire o fruto que deve tirar dum mimo do Céu» (Carta de 6.10.1928)¹⁹⁷.

Prepara-se para as Ordens Menores e, serenamente, aguarda o subdiaconado. Vinha do seminário um professor¹⁹⁸, Pe. Santos, dar-lhe algumas lições de teologia, na casa do Porto,

Traducción castellana de Diego Manzano Jado. Prólogo de José M.^a Conillera Caballé, PBRO. 2^o Edición. Valencia, Editorial Tipografía Moderna, 1943) e em inglês (Cf. VASCONCELOS, BERNARD – *Your Mass*. London, Scepter, 1960).

¹⁹⁴ Cf. VASCONCELOS, BERNARDO – *Vida de Amor*. pp. 167-168.

¹⁹⁵ Ver Anexo III

¹⁹⁶ PRO I, SESSIO XV, Pág. 206.

¹⁹⁷ PRO III, PARTE I, Carta n^o 44.

¹⁹⁸ Cf. BÁRBARA, MARIA – *O Bernardo*. p. 153.

onde Bernardo vivia com dispensa da vida comunitária, sempre ao cuidado e acompanhado duma sua irmã. Quem o via iludia-se, aquele constante sorriso, num esforço por viver o normal e não ser molesto a ninguém.

Nos fins de 1928, volta ao hospital para mais exames. São feitas três radiografias, que comprovam um novo foco infeccioso, nas feridas já existentes. Era mais um sofrimento, que surgia para se juntar aos outros que Bernardo padecia. Dizia ele:

«Estou nas mãos de Deus. Tenho sofrido bastante; só com auxílio d'Ele poderia suportar certas dores. Ele lá tem os seus desígnios (...) uns são destinados a pregar, outros a orar, outros para sofrer. Neste tempo em que o mundo é atravessado por uma onda de despudor e de baixa moral, é mais necessário a expiação e o desagravo. E Deus escolhe quem lhe apraz» (Carta s/d, ano de 1928)¹⁹⁹.

Entre o *ora* e *labora*, que se traduzia na actividade apostólico-literária e vida de oração, Bernardo vai progredindo na santidade. Prepara-se para as Ordens Menores, que lhe são conferidas²⁰⁰ pelo Bispo do Porto, D. António Augusto de Castro Meireles, na Capela do Paço Episcopal da Torre da Marca, nos dias 5 e 6 de Fevereiro de 1929. De vez em quando, parte para estâncias balneares, da Póvoa e Azurara, com o fim de tratamentos de helioterapia e também pelos efeitos da áurea marítima.

De 1930 até 1932 passa, entre tratamentos e visitas, pelas cidades do Porto e Braga. Muitas vezes desloca-se até à pequena comunidade da Falperra. Uma vez para assistir à profissão de um seu confrade, outra para uma missa nova, da qual faz de subdiácono, sem o ser, pela falta de ministros. Nos últimos tempos de vida afirmava: «estou no horto como uma plantinha que o Senhor Jesus há-de cultivar e fazer florescer e frutificar»²⁰¹. Em 1931 chega de Roma a licença para receber a ordenação de Subdiácono e de Diácono. Mas, desta vez, faltavam as forças ao grande Bernardo. No quarto da Foz, a sua última residência terrestre, escrevia à mãe: «aqui passo uma vida muito mais sossegadinha do que nas outras partes. É por isso que tenho feito tantos versos, com bastante facilidade...» (Carta de 8.10.1931)²⁰². Sempre que algum sacerdote o visitava, o quarto do doente tornava-se capela, santuário

¹⁹⁹ PRO III, PARTE III, Carta n° 32.

²⁰⁰ Cf. POS, p. 40.

²⁰¹ FERREIRA, JORGE - *Bernardo Vasconcelos, O monge-Poeta*. p. 45.

²⁰² PRO III, PARTE I, Carta n° 74.

belíssimo de oração, de louvor ao Deus da vida. Daí terem pedido autorização a Dom António Meireles, Bispo do Porto, para haver um altar²⁰³ e poder-se celebrar a santa missa²⁰⁴.

Trata de compor em livro, enquanto a doença lhe dá algumas tréguas, os seus versos, que são para ele uma ocasião para transbordar o espírito, que nunca perdera o vigor, a frescura da pureza e da humildade. À sua irmã Maria Emília escrevia:

«ando agora em maré alta de versos (...) Ando a sonhar com um futuro livro de versos: Cântico de Amor. Para quando? O sonho é lindo; a realidade coitada, é preciso que nós a tornemos linda, espiritualizando-a, erguendo-a na alma às alturas do ideal» (Carta de 10.10.1931)²⁰⁵.

Deus tem os seus desígnios. Aquele jovem enamorado por Deus, que tinha escolhido a vida do claustro na madrugada do dia 4 de Julho de 1932 voa para o céu, quando se contavam os dias para fazer 30 anos.

As suas exéquias decorreram na Igreja de São João da Foz, antigo Mosteiro da Congregação dos monges negros de São Bento, depois sepultado no cemitério local. A 5 de Setembro, foi trasladado para o cemitério de Molares, Celorico de Basto, e aí depositado no jazigo de um sacerdote amigo da família.

No primeiro aniversário do seu falecimento, 4 de Julho de 1933, depois das licenças necessárias de Roma, o pároco e Dom António Coelho, demais sacerdotes, família, amigos e conhecidos, e todo um povo devoto, trasladam o corpo de Frei Bernardo da Anunciada, em procissão triunfal, entre cantos e orações, para a Igreja de S. Romão do Corgo, depositado ao pé do Altar de Nossa Senhora das Dores²⁰⁶. E é lá que ainda hoje jaz.

²⁰³ Do altar diz ele: « (...) em breve temos homem, capaz de usar o altar que chegou um destes dias. Foi feito em Louzada por metade do preço do que aqui me orçamentavam vários marceneiros a quem falei. Não tive pressa, mas fiquei bem servido. É mt.º simples mas elegante. Tem 3 colunas e uma banquetta. Dá outro respeito e outro calor... É de pinheiro pintado e encerado de côr castanha escura. Regalo-me a olhar para ele, neste quarto mesmo ao pé do mar» (Carta à sua irmã Maria Emília, de 17.12.1931) (Cf. PRO III, PARTE II, Carta nº 84).

²⁰⁴ Cf. POS, p. 43; TRINDADE, MANUEL DE ALMEIDA; SOUSA, GABRIEL DE – *Figuras Notáveis da Igreja de Coimbra*. p. 223.

²⁰⁵ PRO III, PARTE II, Carta nº 82.

²⁰⁶ Cf. VASCONCELOS, BERNARDO – *Vida de Amor*. p. 301; POS, p. 45.

4. A Causa

Todas as causas de beatificação, ou santificação, têm a sua génese depois da morte dos possíveis santificáveis. No caso de Frei Bernardo da Anunciada, a sua causa tem verdadeiramente, como afirma Dom Jorge Ferreira OSB de estimadíssima saudade, «seu início no dia do seu passamento para a pátria do Céu – 4 de Julho de 1932»²⁰⁷. Em dias anteriores, saía da tipografia o seu livro de versos *Cântico de Amor* e, nesse mesmo ano, Dom António Coelho publicava, a partir da recolha das suas cartas, em modo auto-biográfico, *Vida de Amor*.

Em 1933, para assinalar o 1º aniversário da morte de Frei Bernardo, a Direcção do Centro Académico da Democracia Cristã promoveu uma solene Sessão de Homenagem, onde intervieram vários condiscípulos e amigos, intervenções essas depois publicadas na *Revista Estudos*²⁰⁸.

Atendendo à singularidade do modelo de vida exemplar de Frei Bernardo cresceu rapidamente por todo o clero bracarense, casas religiosas e meios culturais, um movimento de devoção. Muitos acorrem ao túmulo em peregrinação, para orar pelos seus e rogar graças pela sua intercessão junto de Deus. Essas graças foram, desde os inícios, arroladas ao processo, algumas publicadas na 4º e 5º edição de *Vida de Amor*, nº *A Vida Paroquial*²⁰⁹, e posteriormente, no *Boletim Frei Bernardo*²¹⁰.

Ao longo dos anos seguintes várias publicações referentes a Frei Bernardo, da Anunciada foram editadas, quer a edição sucessiva da sua “autobiografia”, quer de outras publicações de carácter espiritual e litúrgico da sua lavra, que o tornaram conhecido como monge poeta: *Vida Plena; Poesias Dispersas; As nossas Festas; Vida Interior; Ideal Cristão; Vida de São Bento contada às almas simples; Vida na Paz* (trad.), como já referimos anteriormente.

Por ocasião do 50º aniversário da sua morte, que ocorreu em 1982, alguns monges espanhóis, fascinados pela mística poética e espiritualidade monástica que se apresenta nos

²⁰⁷ POS, p. 3.

²⁰⁸ Cf. ESTUDOS. Orgão do C.A.D.C. de Coimbra, Ano X. Coimbra, 1933, nº 116-117.

²⁰⁹ Este boletim criado por Dom António Coelho, aquando da tentativa de fundação de uma comunidade monástica no venerável Mosteiro de São Martinho de Tibães, serviu como primeiro órgão fomentador da Causa, embora não tivesse esse objectivo como único fim (Cf. BOLETIM PAROQUIAL – A VIDA PAROQUIAL. Orgão do Mosteiro de Tibães. Braga, Edição e administração Livraria Pax, 1933 -1938).

²¹⁰ O *Boletim Frei Bernardo* foi criado por Dom Gabriel de Sousa conjuntamente com a Igreja de São Romão do Corgo, paróquia natal de Frei Bernardo. Cf. BOLETIM FREI BERNARDO – CAUSA DO SERVO DE DEUS. Orgão sob a direcção dos Monges Beneditinos. Porto, Edição do Secretariado, 1982-2014.

escritos de Bernardo, publicaram duas notáveis obras: *Sed de Luz y Paz*²¹¹ (Traducción y notas del Germán Prado, OSB) e *Nuevas Semblanzas Benedictinas*²¹² pelos monges Vidal Friesengger e Jesús María Sasía OSB, obras que tiveram grande saída e que suscitaram interesse²¹³, cativando algumas vocações na juventude espanhola.

4.1 – O processo de Beatificação

No fim do ano de 1977, de passagem por Terras de Basto, Dom Eurico Nogueira, Arcebispo de Braga, impressionado pela veneração a Frei Bernardo, designadamente pelos inumeráveis devotos, decidiu-se a abrir o processo diocesano, permitindo a abertura canónica do mesmo, começando por rogar a anuência do Bispo do Porto, D. António Ferreira Gomes, a cuja diocese o Servo de Deus estava agregado como monge da Abadia de São Bento de Singeverga e onde havia falecido.

Entretanto, para validar as diligências da Cúria Episcopal Bracarense, a 25 de Janeiro de 1978, o Postulador Geral da Congregação da Anunciação de Nossa Senhora, em Roma, do qual pertence a Abadia de Singeverga, Dom Bento Becker OSB, nomeou o Dom Paulo Carvalho OSB Postulador *extra-urbem* que, desde 1977, havia aceitado recolher todos os escritos e publicações do Servo de Deus Frei Bernardo. Depois de auscultada a Congregação para as Causa dos Santos, o Arcebispo de Braga deu início²¹⁴ à instrução do Processo, a 31 de Março de 1978. No ano de 1982, por ocasião do 50º aniversário da morte de Frei Bernardo, Dom Becker nomeia Dom Gabriel de Sousa Postulador *extra-urbem*.

Nos finais desse ano, Dom Eurico enviava para Roma todos os elementos²¹⁵ de instrução do Processo Canónico que consta das seguintes peças:

- Instância do Ordinário do Lugar a pedir o *Nihil obstat*.
- Juízo do mesmo Ordinário sobre a actualidade da Causa.

²¹¹ Cf. VASCONCELOS, BERNARDO – *Sed de Luz Y Paz*. Bilbao, Ediciones Desclée d Brouwer, 1959.

²¹² Cf. FRIESENEGGER, VIDAL; SASÍA, JESÚS M. – *Nuevas semblanzas Benedictinas*. Zamora, Ediciones Monte Casino, 1993.

²¹³ Dom Germán Prado foi companheiro de Frei Bernardo da Anunciada, quando este ingressou, a 24 de Setembro de 1924 na Abadia de Samos (Cf. POS, p. 7).

²¹⁴ Cf. PRO I, PRAELIMINARE, p. 1.

²¹⁵ Cf. PRO I, PRAELIMINARE, p. 15.

- Carta postulatória da Conferência Episcopal, subscrita pelo respectivo presidente e aprovada expressamente por todos os seus membros.
- Carta postulatória do Arcebispo de Braga, seu Bispo Auxiliar e todo o Conselho de Presbíteros.
- Carta postulatória da Comunidade monástica de Singeverga.
- Posições e artigos.
- Relação das testemunhas.
- Relação dos escritos do Servo de Deus.
- Biografia de Frei Bernardo: *Vida de Amor e Frei Bernardo*.

Terminado este trabalho preliminar, a 30 de Setembro de 1982, toda a documentação foi enviada para Roma.

Devido à Constituição Apostólica *Divinus Perfectionis Magister*, de 25 de Janeiro de 1983, a Congregação das Causas dos Santos reviu alguns mecanismos legais para os Processos das Causas. Esta alteração deu certo atraso no próprio processo de Frei Bernardo da Anunciada, havendo necessidade de se reverem alguns detalhes para melhor cumprir as legalidades estabelecidas por Roma.

Assim, em 1983 foi nomeado de novo Dom Gabriel de Sousa como Postulador *extra-urbem*, desta vez pelo pároco de São Romão do Corgo, *autor* do Processo da Causa. Nesse mesmo ano eram confirmados pelo Senhor Arcebispo Primaz os membros do Tribunal que iriam instruir²¹⁶ o processo. Nessa mesma reunião de nomeação, Dom Gabriel de Sousa apresentou²¹⁷ ao Arcebispo e demais autoridades a lista oficial de trinta e quatro testemunhas, a que depois se acrescentaram mais quatro.

Em 1986, por decreto, o Senhor Arcebispo nomeou²¹⁸ os Censores para os escritos inéditos do Servo de Deus. Posteriormente, a 27 de Janeiro de 1994 foi nomeada²¹⁹ a Comissão Histórica para o Processo e, em 2003, o novo Arcebispo Primaz, Dom Jorge Ortiga, afim de salvaguardar a Causa do Servo de Deus, declarou²²⁰ que o atraso do mesmo Processo não se ficou a dever a *fraude* nem *dolo*.

²¹⁶ Cf. PRO I, PRAELIMINARE, pp. 51-52.

²¹⁷ Cf. PRO I, PRAELIMINARE, pp. 65-67.

²¹⁸ Cf. PRO I, PRAELIMINARE, p. 572.

²¹⁹ Cf. PRO - Suplemento, pp. 1-6.

²²⁰ Cf. PRO - Suplemento, Carta anexada dirigida ao Cardeal Saraiva Martins. pp. 1-2.

Em pleno Centenário do nascimento de Frei Bernardo, ano de 2002, os monges beneditinos portugueses, em conjunto com vários devotos, promoveram encontros, assinalando essa grande efeméride, com celebrações na terra natal do Servo de Deus, e nas casas da Ordem em Portugal. Todo esse trabalho proporcionou um novo incremento da devoção ao Servo de Deus, assim como a revisão e elaboração de novas edições das obras sobre Frei Bernardo.

Graças ao meticoloso trabalho do Pe. Jorge Ferreira OSB, ficaria concluído em 2004 a *Positio Super Vita, Virtutibus et Fama Sanctitatis*, que depois foi entregue na Congregação da Causa dos Santos. Espera-se que num futuro próximo, possa servir de grande avanço ao Processo, dado que servirá para proclamar Frei Bernardo *Venerável* para toda a Igreja.

4.2 – Órgãos da Causa

Para prover às necessidades da Causa do Servo de Deus, os monges beneditinos desenvolveram dois organismos: o *Boletim Frei Bernardo* e o Secretariado.

De grande ajuda à divulgação da Causa o *Boletim Frei Bernardo*, fundado por Dom Gabriel de Sousa, é o órgão oficial de comunicação para os devotos e amigos do Servo de Deus. A sua publicação teve início no longínquo ano de 1982 e perdura até aos nossos dias. O *BFB* visita trimestralmente mais de três mil leitores, dispersos por Portugal e resto do mundo. Desde 2008 é também facultado via internet, numa forma engenhosa para corresponder aos apelos de muitos leitores que preferencialmente utilizam os meios de comunicação digitais.

O Secretariado, fundado em 2008 por três monges beneditinos, no então Mosteiro de São Bento da Vitória, sede desde há muitos anos do *Boletim*, tem como principal objectivo desenvolver a promoção da Causa nas mais variadas formas: trabalho de correspondência, novas publicações, organização de visitas ao túmulo do Servo de Deus, conferências, e não menos importante, a publicação do próprio *BFB*.

CAPÍTULO III

A SANTIDADE DE FREI BERNARDO: UMA MÍSTICA QUE SE REVELA MARTÍRIO

Após a morte de Frei Bernardo, como vimos na última parte do capítulo anterior, trataram as autoridades diocesanas na recolha de todos os dados (I – escritos; II – cartas; III – documentos) relacionados com a sua pessoa. Muitos daqueles que conviveram com o jovem monge deram testemunho das suas virtudes, recordando-se de Frei Bernardo como cristão, como monge que sofreu na doença o destino de não ser ordenado sacerdote morrendo com fama de santidade.

Esta terceiro capítulo do nosso trabalho consiste na abordagem dos elementos referentes à santidade de Frei Bernardo, procurando uma linha orientadora mais teológica sobre os seus escritos e demonstrando, também, a mensagem bernardeana que emana das suas obras. Por fim, sendo Frei Bernardo um místico, queremos aprofundar esse elemento que o torna tão singular, em conjunto com o seu martírio de consagração.

1. Virtude ou *santidade*?

Quando falamos de virtude, queremos atender não só à disposição interior para a prática do bem, ou para a força moral, ou até sublinhar os motivos e valentia de certo indivíduo, mas também evidenciar os valores que fazem parte da vida, e que ficaram como linhas mestras.

Que Frei Bernardo era um bom homem e religioso, disso ninguém tem dúvidas. As suas obras, poética ou epistolar, demonstram o amor à vida religiosa. Mas tudo isso se deve,

em boa parte, ao seu ser, verdadeiramente cristão. Portanto, a santidade de Frei Bernardo vem da primeira *fonte*, se assim podemos chamar, ou mesmo da *verdadeira fonte*, em que o segundo plano, a vida monástica, a confirma de forma única, em entender o eterno na vida do homem, na acção singular segundo a Regra beneditina: *Christo omnino nihil praeponant*²²¹.

A santidade na e pela Igreja tem sido, ao longo dos tempos, tratada de formas variadas. Não nos compete aqui uma resenha histórica sobre este interessante aspecto historiográfico da santidade. Porém, se ao longo dos tempos a santidade foi imagem de tantas acepções, ignorar os apelos do Evangelho e do Concílio sobre a santidade era colocar de parte as bases. Por conseguinte, tratar a santidade, como um aspecto vulgar, ou um entre muitos outros aspectos, que fazem parte da riqueza da Igreja, seria desprezar também o nosso trabalho que versa, fundamentalmente, sobre a santidade numa pessoa.

Na Sagrada Escritura, a santidade aparece-nos tanto no Antigo como no Novo Testamento²²². No Antigo a palavra “santo” (qadōs) aparece-nos como atributo essencial para descrever Deus. Esta palavra define, curiosamente, só a Deus. Todas as realidades (sacerdotes, templo, dons, objetos sacros) aparecem sempre em correlação²²³ com Deus. Do Novo Testamento encontramos, concretamente, as expressões mais eloquentes, nas conhecidas cartas de Paulo, em que se apela à santidade de todos, não desencarnada de uma realidade, de um eixo, mas assente em Cristo, uma vez que este é para nós²²⁴ causa de santificação. Esta causa será também repetida ao longo dos escritos de Pedro, para que a Igreja emergente nunca se esqueça de viver no dom da santidade.

O Concílio Vaticano II, num tratado belíssimo sobre a santidade, proclamou que esta é a vocação universal da Igreja (LG 11)²²⁵, e assim deve ser vista, claramente, como meta da vida cristã, caminho de perfeição na caridade (LG 42)²²⁶ que norteia o homem cristão nas vicissitudes da vida. Com mais eloquência concretiza o Concílio quando se refere aos membros da Igreja com compromissos evangélicos. Diz-nos que estes pela sua consagração, não obrigada mas livre, entregaram-se «totalmente ao serviço de Deus sumamente amado» (LG 44)²²⁷, ficando destinados ao serviço de Cristo. Por conseguinte, sublinha também o

²²¹ RB, LXXII, p. 99.

²²² A exortação «sede santos, porque Eu o Senhor, vosso Deus, Sou Santo» do Levítico encontrou um manancial de ecos ao longo de toda a bíblia. Alguns exemplos: Lv., 11, 44-45; Mt. 5, 48.

²²³ VAZ, ARMINDO DOS SANTOS – *Sede Santos, Porque eu, o Senhor sou Santo*. In: COMMUNIO, Revista Internacional Católica. Ano XXX, nº 4. Lisboa, Universidade Católica Portuguesa, 2013. p. 392.

²²⁴ Cf. I Carta de São Paulo aos Coríntios 6, 11.

²²⁵ Para os documentos Conciliares consultamos: *Constitutio Dogmatica de Ecclesia*. In: ACTA SYNODALIA SACROSANCTUM CONCILIUM OECUMENICUM VATICANUM II – (= LG). Vol. III, Pars VIII. Vaticano, 1964. p. 792.

²²⁶ Cf. LG, p. 820.

²²⁷ Cf. LG, p. 822.

mesmo documento que «esta consagração será mais perfeita quanto mais a firmeza e a estabilidade dos vínculos representarem a indissolúvel união de Cristo à Igreja, Sua esposa» (LG 44)²²⁸.

Se Deus habita no coração do homem, tal intensifica-se quando este se Lhe oferece numa totalidade. Embora a condição humana seja frágil e faça o homem completamente de Deus, naquele cresce a presença divina, num dom radical²²⁹ que coincide nas duas realidades humana e divina. Deus coloca-se no coração do homem, como as reflexões teológicas permitem descrever, como verdade fundamental de relação de amor. Graças a este dom de Deus, muitos descrevem-no como *visio beatifica*, que encontramos na vida dos santos, e deve ser considerado como união ou acontecimento místico, isto porque, como expressão visível para nós, podemos, com naturalidade, detecta-la no crente que vive o dom santificador.

Para a fé cristã, todo o baptizado é um homem novo, filho adoptivo de Deus, chamado a viver no dom da santidade. Todo o homem poderá empreender um caminho de união com Deus, colaborando na acção do Espírito Santo que age e habita nele. Não o podendo fazer, torna-se o homem contra-sinal, forma vazia, sem a experiência passiva e activa da fé, pela interioridade²³⁰, nunca pode ser santo, ou seja, não existem nele os meios para a santificação, porque não os coloca como possibilidade.

Então, ao abordarmos os dois conceitos, virtude e santidade, analisamos dois elementos destintos mas complementares. Não há santidade sem virtudes do Espírito, não há mística sem virtudes e sem santidade.

1.1 – As virtudes do Servo de Deus

Todo o consagrado carrega em si os compromissos evangélicos, a eles deve responder com a sua vida, com a sua acção e contemplação. De facto, na vida de Frei Bernardo, verificamos a presença deste amor ao seus votos. Abre-se diante de nós um ramalhete de virtudes cardeais, quando revemos os passos da sua vida, entre os quais se destaca, como não

²²⁸ Cf. LG, p. 822.

²²⁹ Cf. MARTINELLI, PAOLO – *Deus no Coração do Cristão, O mistério de uma crescente presença*. In: COMMUNIO, Revista Internacional Católica, Ano XX. Lisboa, Universidade Católica Portuguesa, 2003, Nº 1. p. 10.

²³⁰ VAZ, ARMINDO DOS SANTOS – *Sede Santos, Porque eu, o Senhor sou Santo*. In: COMMUNIO, Revista Internacional Católica, Ano XXX. Lisboa, Universidade Católica Portuguesa, 2013, Nº 4. p. 400.

poderia deixar de ser, a virtude da Fé, entre outras singulares sobre as quais também nos debruçaremos.

A virtude da fé é a disposição natural e primordial de quem deseja seguir a Cristo ou na linguagem de São Bento, deseja «renunciar à vontade própria para combater ao serviço de Cristo Senhor»²³¹.

Na verdade, a figura de Frei Bernardo, atendendo ao seu percurso, demonstra-nos com clareza e sem hesitações, que estamos diante não só de um religioso amante da sua vocação, mas igualmente, a imagem do homem de fé. Colocando a sua vida por etapas (discernimento da vocação, entrada na Ordem Beneditina, estudos e formação, a vivência cristã da doença) colhemos os melhores exemplos aliás coincidentes como reflexo puríssimo, com os testemunhos do processo da Causa, e que todos confirmam a grande fé deste jovem religioso.

A sua profunda fé em Deus transpunha-se para o papel, para as conversas, para o exemplo dócil que transmitia ao lidar com os amigos. Na relação que Frei Bernardo tinha com Deus transparecia aos sacerdotes e religiosos, pela elevada espiritualidade, como flor rara num jardim imenso, onde cativa o olhar pela cor e o olfacto, pelo seu suave e harmonioso cheiro.

Num dos depoimentos, encontramos uma antiga empregada que conheceu Bernardo quando era pequeno na casa do Marvão, que dizia: «eu até lhe chamava o Coração de Deus»²³². O grande espírito de fé que Bernardo já demonstrava no ambiente familiar, multiplicou-lhe o carinho e consolação, como menino especial e atencioso. Depois nos anos em Coimbra, a aparente perda de fé, apenas temporária, num questionamento até ao confronto da entidade cristã, foram para ele, sem dúvida, um crescimento da fé que recebera no berço.

A partir de então a sua vida foi uma verdadeira experiência da fé²³³. Na juventude vivida em Coimbra, conquistou²³⁴ todos os colegas, para uma vida mais espiritual, fazendo acreditar que Deus pode habitar na nossa vida. Em tudo se sobressaía, dando provas de que ser cristão²³⁵ era mais importante do que outra coisa qualquer, mesmo no meio duma sociedade e ambiente académico marcadamente anti-religioso.

²³¹ RB, PROLOGUS, p. 1.

²³² PRO I, SESSIO VIII, p. 136.

²³³ Sobre os frutos da fé diz Pe. Jacinto Farias: «Pela luz da fé, o conhecimento teológico dá-se por sobrenatural “conaturalidade”, dir-se-ia de modo quase poético-intuitivo, de um ver contemplativo não discursivo, uma fruição da Verdade de Deus em si mesmo como mistério trinitário do Amor, para o qual a virtude teológica da fé abre o entendimento e inclina a vontade» (FARIAS, JACINTO – *A Fé virtude teológica*. In: COMMUNIO, Revista Internacional Católica, Ano XII. Lisboa, Universidade Católica Portuguesa, 1995, N° 5. p.418).

²³⁴ Cf. POS, pp. 48-49.

²³⁵ Uma colega de curso de Frei Bernardo, Dr. Dionísia Camões, salienta a presença carismática do jovem: «Uma grande parte dos estudantes trazia em si o mal do tempo, enquanto outros se arrogavam a doutrinas, seguindo na

Na doença, que foi muito prolongada, Bernardo sempre demonstrou uma fé que elevava a um amor divino²³⁶, aberta aos demais. Muitas das vezes esquecia-se da sua condição, e do leito escutava quem dele se abeirava; como mãe que escuta os filhos, a todos dava conforto, deixando não só a imagem de uma alma santa e privilegiada, mas também demonstrando uma espontaneidade e entusiasmo pelas coisas espirituais.

Monsenhor Francisco Moreira das Neves, que visitou Bernardo no leito de doente na Foz, dizia a respeito dele:

«Era de uma fé inabalável, isto sei pelo contacto que tive com ele. Dum espírito de fé em Deus e nos homens. É de referir que gostava muito de falar, digo, de me falar em certos escritores da época, entre os quais Teixeira de Pascoais, Leonardo Coimbra, Guerra Junqueiro e Ângelo César, e falando deles, manifestava uma grande esperança de que todos viessem a converter-se»²³⁷.

O testemunho de fé de Frei Bernardo em Deus provocava a admiração de quantos o conheciam e visitavam. Esta reacção, naturalmente, relacionava-se com a maneira como ele aceitava a doença, como falava das verdades da fé, deixando de parte qualquer atitude piegas, e demonstrando uma fé racional e intelectual, numa plena adesão da sua inteligência aos desígnios de Deus. Na verdade, a vivência da espiritualidade monástica e evangélica, como já verificámos algumas vezes nos capítulos anteriores, era constante no pensamento de Bernardo, que possuía expressões simples e próprias, com conceitos racionais, para transmitir as razões profundas da sua fé e da sua esperança.

As páginas da *Vida de Amor* estão repletas de um labor edificante da fé. Mas desengane-se quem pense que Frei Bernardo vivia a fé sem provas. Pelo contrário, passou por enormes dificuldades, que hoje dizemos terem sido a coroa do seu martírio. Provas²³⁸ de

esteira de alguns doutrinadores, reagindo contra a situação política ou a fervorando-se na vida de piedade. Este era o grupo de estudantes católicos... a alinhar no serviço do Senhor, manifestando no seio de uma Academia buliçosa e descrente, o seu espírito de fé. Ao pôr em relevo o valor espiritual do grupo, faço-o intencionalmente, para significar que acima de todos quantos se revelaram em actos de piedade, de generosidade e de apostolado, o Bernardo sobressaia como incomparável, fosse qual fosse o aspecto considerado» (PRO I, SESSIO XIV, pp. 196-197).

²³⁶ Cf. POS, p. 51.

²³⁷ PRO II, SESSIO XXIII, p. 290.

²³⁸ Cf. POS, p. 63.

heroicidade da sua fé, na vida de oração²³⁹, de imolação, que nos confrontos lhe davam as necessárias forças para uma defesa consistente, que desarmava os problemas. Nos seus poemas descreve os sentimentos com habilidade de uma mística de grande interioridade, mas tudo pela via da simplicidade.

A eucaristia, para o jovem monge, era o centro da sua vida. O seu grande amor. Nesta dimensão, impregnou a sua vida numa completude que lhe orientou todos os seus passos. Sendo a eucaristia *fonte e centro de toda a vida cristã* (LG 11)²⁴⁰, e que ele sempre teve como ponto assente, passava muito tempo em oração diante da Reserva Eucarística. Muitas vezes viram-no recolhido diante do sacrário porque, para Bernardo, alma verdadeiramente contemplativa, a adoração ganhava um importante lugar na espiritualidade de alguém que deseja ser santo. Tanto que assim era, que ele próprio se oferece como *Hóstia em sangue*.

Quanto às virtudes da esperança, perseverança e temperança, encontramos em São Paulo, nos seus escritos uma frase muito significativa «Alegres na esperança, perseverantes na tribulação, assíduos na oração» (Rm. 12, 12). Estas palavras podem ser igualmente aplicadas a Frei Bernardo, nas três virtudes que queremos tratar: esperança, perseverança e temperança.

Mediante a virtude da esperança o jovem monge desejava ardentemente a glória prometida por Deus àqueles que o amam, procurando sempre, na linha da fidelidade, fazer a vontade de Deus, pela prática do bem, com a esperança da vinda jubilosa de Cristo. Para Bernardo a vida eterna era não só o prémio, mas também o viver plenamente com Deus, numa eternidade já por cá iniciada.

No seus poemas encontramos muitas vezes a palavra céu. Muitas são também as expressões que significam essa espera da vida eterna: *saudades do céu*²⁴¹, *a luz do céu*²⁴², *Consórcio estreito*²⁴³, *à vida viva*²⁴⁴, entre outras.

Na perseverança Frei Bernardo foi exímio soldado. Perseverou nos conselhos evangélicos, na oração, na imolação, na caridade, no configurar-se com Cristo através da doença. Esta virtude nasce de forma natural em quem é humilde. Assim lembravam dele: «A humildade dele não era de impotência, mas de espírito sobrenatural. Apesar de ser doente, nunca se recusou a fazer tudo o que podia, desde que fosse para glória de Deus e bem das

²³⁹ São muitos os testemunhos no processo que atestam a sua vida de oração, citamos apenas o de Maria Magalhães: «Na minha opinião, ele vivia sempre em oração permanente (...) Estou convencida de que a oração era o alimento da sua alma, juntamente com a Santa Comunhão, que ele recebia frequentemente» (PRO II, SESSIO XXVI, p. 229).

²⁴⁰ Cf. LG, p. 792.

²⁴¹ Cf. VASCONCELOS, BERNARDO – *Cântico de Amor*. p. 141.

²⁴² Cf. VASCONCELOS, BERNARDO – *Cântico de Amor*. p. 103.

²⁴³ Cf. VASCONCELOS, BERNARDO – *Cântico de Amor*. p. 88.

²⁴⁴ Cf. VASCONCELOS, BERNARDO – *Cântico de Amor*. p. 141.

almas»²⁴⁵. De facto, a humildade proporciona entre outros aspectos, a perseverança esta é o sinal de fortaleza, coragem e determinação.

A doença de Frei Bernardo da Anunciada prova-o nesta perseverança espiritual: «nunca mostrou desânimos; às vezes, mais para o fim, mostrava-se triste por não poder realizar o seu ideal, mas dizia sempre: seja feita a vontade de Deus. Dizia estas palavras com cara alegre»²⁴⁶. Pelo exemplo desta virtude, Bernardo demonstra-nos a coragem diante das situações, mesmo quando o sonho e o objectivo, seriam totalmente diferentes, com um desfecho inusitado. Basta-lhe a vontade de Deus à qual procura sempre responder com gestos e atitudes concretas.

O mesmo acontece também com a virtude da temperança. Bernardo é de um equilíbrio monumental, pois esta virtude encontramos-a aliada à discrição e à mortificação. Aprecia tudo o que é bom e belo, mas demonstrando sempre um domínio²⁴⁷ completo da vontade sobre os instintos e sobre os apetites.

Quem vive segundo os princípios recebidos e o autodomínio²⁴⁸, adquiridos num bom ambiente, não está sujeito a fraquezas, mas antes ao domínio delas. Não tende à satisfação das suas necessidades espontâneas e dos impulsos corporais; tem-nos sob controle, numa moderação dos mesmos aos diferentes níveis. Frei Bernardo nunca prejudicou a sua saúde física ou mental por algum apetite porque a sua falta de saúde nunca foi falta sua, mas por natureza, isto é, por vontade de Deus.

Desta forma, não se podendo separar do seu amor a Deus, a temperança era o sinal visível de que os seus apetites sensíveis estavam orientados para o bem, e por fim para a glória de Deus. Acerca de Frei Bernardo os testemunhos, sublinham, que se mortificava muito, mesmo sendo alguém doente e que necessitava de alguns cuidados: «Passamos muitas necessidades na passagem pela Falperra e Frei Bernardo, no tempo que ali estive, mostrou-se sempre bem disposto. Era muito moderado nos seus apetites»²⁴⁹ e ainda «Sei que praticava muito a mortificação, pois tenho na minha mão dois cilícios e um chicote com que se disciplinava»²⁵⁰.

A Castidade era para ele ponto assente, muito antes de se fazer monge, e que como já referido, fora um dos muitos sinais que o Cardeal Cerejeira vira no jovem estudante de

²⁴⁵ PRO I, SESSIO XIX, p. 258.

²⁴⁶ PRO I, SESSIO XX, p. 263.

²⁴⁷ Cf. POS, p. 109.

²⁴⁸ Cf. ARTS, HERWIG – *A Temperança, Virtude Estoíca ou Cristã?*. In: COMMUNIO, Revista Internacional Católica, Ano XVI. Lisboa, Universidade Católica Portuguesa, 1999, Nº 5. p. 391.

²⁴⁹ PRO I, SESSIO XIII, p. 179.

²⁵⁰ PRO II, SESSIO XXXIII, p. 390.

Coimbra com uma grande sede de ideal. Não era casto por temperamento, mas por virtude como provam²⁵¹ os testemunhos. No que diz respeito à virtude da Fortaleza a vida de Frei Bernardo aparece-nos como uma grande caravela armada, segura e imponente, num mar muitas vezes assolador e tempestuoso, que o foi no seu tempo pela insegurança política, moral e cultural. Sabemos que era homem de grande firmeza e constância no caminho do bem, persistente nos bons costumes. A virtude da fortaleza²⁵² na sua vida manifestou-se, assim, diante das dificuldades surgidas, e em particular na sua doença.

Do tempo em Coimbra, na Universidade, lembra o Cardeal Cerejeira o seguinte de Frei Bernardo:

«Vencia, calando-se, quando gritavam quase todos. Ao calor discreto da sua delicada amizade, derretiam-se as mais obstinadas hostilidades. Para convencer, procurava antes compreender. E neste esforço de compreensão, sentia-se o poder de doce simpatia daquela alma, que fazia vencidos, sem nunca fazer inimigos»²⁵³.

Se a todos procurava compreender, tinha diante de si mesmo a nobre tranquilidade de alma, procurando entrar no coração de cada interlocutor, não para o desarmar, mas para o amar.

Testemunhas credíveis são também os seus irmãos de hábito, privilegiados que o acompanharam de perto, assim como todos aqueles que o conheceram no seu leito de enfermo. Com admiração e espanto todos ficaram edificados pela sua paciência, boa disposição, e simpatia mesmo na condição de doente. Dom António Coelho, anos mais tarde, diria:

«Quantas repressões do amor próprio, quantos recursos à caridade cristã, quantas vitórias sobre si mesmo. Que labor! Que labor crucificante! Enganar-se-ia quem tudo atribuisse ao temperamento. Se este era afectivo, era também irritável. Combates muito íntimos foram precisos para que a sua vida fosse *vida de amor*»²⁵⁴.

²⁵¹ Cf. PRO I, SESSIO III, p. 96; SESSIO VI, p. 122; SESSIO VIII, p. 137; SESSIO IX, p. 144; SESSIO X, p. 152; SESSIO XI, p. 161; SESSIO XII, p. 169.

²⁵² Cf. POS, p. 112.

²⁵³ POS, p. 149.

²⁵⁴ COELHO, ANTÓNIO – *O Amor da sua vida*. In: ESTUDOS, Orgão do C.A.D.C. de Coimbra, Ano X. Coimbra, 1933, nº 116-117. p. 524.

O combate espiritual²⁵⁵ que Bernardo travou é todo ele sinal de um longo caminho, começado há muito. Esse combate fê-lo interiorizar no seu coração, disponível e sedento de amor, Deus e a rota do sofrimento, o que não é fácil para o peregrino que percorre o caminho da vida, mas no âmbito místico encontra uma plausível justificação.

1.2 Conselhos Evangélicos

A vida e obra de Frei Bernardo podem-se sintetizar numa expressão da Regra de São Bento: *currere*²⁵⁶. É que ele correu para o absoluto, demonstrando sempre grande aceitação, procurando fazer a vontade de Deus em tudo o que era, e não era, manifestação do Seu amor.

No prólogo da Regra, São Bento explicita três propósitos para a vida do monge: renúncia à vontade própria pela obediência, aos bens materiais pela pobreza e a vivência do amor a Cristo pelo caminho do evangelho e da Regra.

Desde muito jovem Bernardo sempre demonstrou um desejo de perfeição e um amor a Deus, que eram notados por todos aqueles que privaram com ele, mesmo que uma única vez. A sua entrada na vida religiosa tornar-se-ia uma resposta aos seus íntimos desejos. A partir do noviciado, os três conselhos evangélicos, obediência, castidade e pobreza, constituíram²⁵⁷ a estrutura da sua vida espiritual.

Assim, propomo-nos apresentar uma pequena análise de cada um desses conselhos, com exemplos de testemunhos do Processo e dos seus escritos de Frei Bernardo.

Começando pela obediência o discurso de São Bento²⁵⁸, no Prólogo da sua Regra, vai de encontro à Sagrada Escritura nas palavras da Carta aos Filipenses «rebaixou-se a si mesmo, tornando-se obediente até à morte» (Fl 2, 5-11). Para se ser religioso nada mais importa que deixar tudo, renunciar a uma quantidade de coisas, sobretudo a primeira e maior de todas, a vontade própria.

²⁵⁵ Cf. CORRE, FRANÇOISE – *Ce que l'époque peut entendre*. In: CHRISTUS. Paris, Assas Editions, 2007, N° 215. p. 276.

²⁵⁶ Este verbo aparece na segunda parte do Prólogo, num contexto de citações bíblicas: «Correi enquanto tendes a luz da vida, não vos surpreendam as trevas da morte» (RB, PROLOGUS p. 14).

²⁵⁷ Cf. POS, p. 128.

²⁵⁸ Afirma a Regra: «Escuta filho os preceitos do Mestre (...) aceita de boa mente o conselho dum pai cheio de ternura e põe-no em prática, para que pelo trabalho da obediência, tornes Àquele de quem, pela cobardia da desobediência, te afastaras. (...) renunciando à tua vontade própria para combater ao serviço de Cristo Senhor Rei verdadeiro, lanças mão das mui fortes e preclaras armas da obediência» (RB, PROLOGUS p. 13).

Numa carta dirigida à sua mãe, Frei Bernardo, no final do seu noviciado, sublinhava a sua experiência de seguimento «Eu era de Deus! Deus chamou-me um dia; e como eu disse: aqui estou, disse-me Ele segue-me. E como sabia já que para o seguir tinha de deixar tudo e tomar a minha cruz, assim fiz... E aqui estou...»²⁵⁹. O seguimento de Cristo é para o monge o centro da sua vida. Seguir a Cristo pela obediência aos superiores, e em nada deixar que a sua vontade seja a dominante nas escolhas, mas antes os valores do evangelho. Iria professar em breve, comprometendo-se a levar até ao fim da vida a sua imolação pelos votos professados.

A obediência, para Bernardo, era extremamente importante, pois nela se desenvolvia o amor a Deus, conforme sublinhava ele no seu *Diário Espiritual*, conscientemente: «se eu quero ser bom e obediente e fácil e leve aos meus superiores – e Vós sabeis que assim o quero, de todo o coração, ó meu Deus!»²⁶⁰. Por isso, pedia ajuda ao Deus Altíssimo para perseverar na sua resolução.

Se o homem quer chegar até Deus, tem primeiro de escutar a Sua voz para conhecer a Sua vontade. Por conseguinte, para São Bento, não existe outro trilho excepto este que dirige aos monges: «é pelo caminho da obediência que irão a Deus»²⁶¹. Se o caminho é escabroso, no limite, por vezes, das forças humanas, Deus dá a cada um a ajuda necessária. Mas, nunca deixa de nos ferir no seu amor, na sua voz que acende a chama do coração. A obediência não é um obrigado feito, é antes uma graça vivida. Por isso Frei Bernardo dizia: «procuro sempre, com as minhas poucas forças, mas ajudado pelos méritos infinitos do Senhor, fazer o que Ele quer e onde e como Ele quer que eu faça»²⁶² demonstrando assim que com a sua vida podia gerar amor fazendo nascer dentro dele o Deus vivo.

A imagem perfeita do monge obediente é imitação da figura de Cristo, assim como São Bento a idealiza para os seus filhos. Dessa imitação cresce o bem de sempre obedecer, que é vital procurar ao longo dos anos de vida religiosa, porque, a alma encontra nessa dinâmica o que veio buscar como resposta: pela obediência se chega até Deus, imitando Jesus Cristo. Todo este processo espiritual orientado pela busca de Deus²⁶³, tem como ponto de partida a liberdade da alma. Portanto, a obediência não é apenas máscara de bom comportamento e submissão, ei-la muito longe disso. É a manifestação prática da fé.

Por seu lado, o princípio da pobreza na vida monástica está ligado ao conceito de *conversão de costumes*: uma série de práticas que fazem o monge seguir pelo caminho

²⁵⁹ PRO III, PARTE I, Carta nº 18.

²⁶⁰ VASCONCELOS, BERNARDO – *Vida de Amor*. p. 157.

²⁶¹ RB, LXXI, p. 97.

²⁶² VASCONCELOS, BENARDO – *Vida de Amor*. p. 346.

²⁶³ Cf. POS, p. 135.

estreito que leva ao céu. Frei Bernardo já antes vivera esse despojamento, que é característico de todo o cristão. São Bento ordena que o monge, ao fazer a profissão, «distribua os seus haveres pelos pobres ou faça deles doação ao mosteiro, e nada se reserve para si»²⁶⁴. Mas vai mais além o Santo Patriarca quando diz que o monge nem sequer do seu corpo e vontade pode dispor²⁶⁵.

Ao longo da sua curta vida, Bernardo sempre demonstrou simplicidade nas suas coisas e um grande amor pelos pobres. Esta qualidade de estar atento as necessidades dos outros, fruto de uma educação materna cuidada tornou-o sensível ao outro, não só humanamente falando, como também cristãmente. Dizia ele ao irmão Roberto a certa altura: «que os pobrezinhos sejam os teus amigos e mesmo intercessores junto de Deus, como o foram do nosso saudoso pai»²⁶⁶. Na noite de Natal de 1925 pede à sua mãe que preparem «uma ração como se para mim fora e dá-la em meu nome a um pobrezinho»²⁶⁷.

Nos tempos em Coimbra, foi membro da Conferência de São Vicente de Paulo, como já sublinhámos, onde demonstrou um zelo evangélico para com os pobres, nos quais via a pessoa de Cristo. Certamente que eram seu lema as palavras de Jesus «Sempre que fizerdes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim mesmo o fizestes» (Mt 19, 27). Empenhava-se grandemente no progresso moral e espiritual dos seus pobres.

Na Ordem foi sempre muito simples e observante quanto à pobreza. Dele atestam os irmãos que era amigo da pobreza²⁶⁸, sem nunca olvidar desse ponto na sua consagração. A Ordem Beneditina, que nos inícios da sua re-fundação, passava por necessidades materiais, que muitas vezes, impressionavam as famílias dos próprios irmãos. O mestre, Dom António Coelho, ensinava os seus discípulos a viver, e sobreviver, com o que havia. Os tempos em Samos e depois na Falperra, Braga, foram de muito sacrifício que todos suportaram heroica e cristãmente.

Frei Bernardo pertencia por sangue a uma família de estatuto económico elevado, mas de nada disso tirou proveito. Ciente dessa realidade, integrou-se de todo o coração na vivência beneditina. Nos tempos de vida comunitária, os irmãos viam-no igual entre os demais, embora todos soubessem que era pessoa doente. A todos edificou com o seu exemplo, partilhando dos mesmos bens da comunidade, sem excepção de algo especial para si. Um igual entre os demais.

²⁶⁴ RB, LVIII, p. 82.

²⁶⁵ Cf. RB, XXXIII, p. 53.

²⁶⁶ PRO IV, PARTE VI, Carta nº 2.

²⁶⁷ PRO III, PARTE I, Carta nº 20.

²⁶⁸ Cf. PRO I, SESSIO XVI, p. 218.

Na doença soube, também, viver esse dinamismo de desapego que solta a alma na conquista dos verdadeiros tesouros. Diz-nos um irmão da sua comunidade que o visitava, que nos últimos dias de vida que Frei Bernardo rejeitava algumas comidas «mais delicadas que a irmã lhe arranjava para comer e para sofrer menos»²⁶⁹, devido aos problemas intestinais. Diz-nos também uma senhora que serviu Bernardo na doença, que ele guardava a pobreza «no espírito e no corpo; vivia desprendido de tudo o que fosse material»²⁷⁰.

Chegamos agora ao terceiro conselho evangélico, a castidade. Esta faz parte daquele núcleo espiritual, admirável e confirmante, que São Bento, na Regra, sintetiza com uma simples expressão, quando medita sobre a atitude do monge como aquele que *procura Deus*. O monge não só é convidado a viver essa busca, como também lhe é mostrado um gozo de felicidade em que a liberdade do amor a Deus o leva a encontrar-se nessa forma de viver.

Este cuidado de São Bento em lembrar ao monge a necessidade da busca de perfeição, exige que os irmãos labutem para desenvolver em si uma vida divina, mas sempre a partir da realidade, marcada pela fragilidade do pecado e pela concupiscência da carne. Daí que São Bento peça que os irmãos professem esse desejo de «amar a castidade»²⁷¹, levando assim o ideal de purificação como um dos estandartes da vida monástica.

Daquilo que podemos observar na vida de Frei Bernardo, este ideal da pureza já se apresentava como sinal importante, mesmo antes de ser monge. Aquele amor que nutria pela jovem que conhecera, nos tempos de estudante, foi um amor puro. Atesta um familiar da jovem a seguinte consideração:

«Era um namoro do mais puro sentimentalismo da parte da minha prima e da parte do Bernardo de Vasconcelos (...) Dizia-se, entre a família dela, que esta não compreendia o alcance das cartas de namoro, por lhe parecerem fora da normalidade de tais situações, antes que como convite para ela abraçar a vida religiosa. Sei que até numa das cartas a tratava por irmã. (...) Não era um rapaz que tivesse a aparência dos outros. A sua vida interior distinguia-o de todos os outros. Não ofendeu, de forma alguma, a pureza durante o namoro, porque este era um namoro espiritual, com um alto nível e ideal cristão»²⁷².

²⁶⁹ PRO I, SESSIO XIX, p. 257.

²⁷⁰ PRO I, SESSIO XX, p. 264.

²⁷¹ RB, IV, p. 18.

²⁷² POS, pp. 147-148.

Na conversa com o Cardeal Cerejeira, quando se falou na *pedra de toque*, era precisamente sobre a guarda castidade, dom que Bernardo desenvolvera fruto da sua alma eleita e especial. Num dos seus poemas sublinha esta sua forma de viver na pureza: «Tive a pureza num desejo ardente/ De ver-me em inocente transformado!»²⁷³. Estes desejos eram perceptíveis para quem conhecia Bernardo de perto porque nele transparecia todo um vigor de santidade.

Para Frei Bernardo a renúncia não é não o que priva, mas aquilo «que ela aspira – fusão com Deus, para que só Ele viva»²⁷⁴. Neste sentido chegou ao amor místico, do qual viveu plenamente na união com Deus. A vida consagrada pode ser um caminho para essa união. No caso do jovem monge, temos a doença, verdadeiro caminho martirial, como sinal dessa perfeita união com Deus.

No noviciado em Samos anota no seu *Diário*, sob o título *Horas de Deus*, um seu propósito:

«Meu Senhor Jesus! Esposo imaculado da minha alma! O demónio ruge à minha volta como um leão furioso para ver se pode devorar. Este corpo de morte aflige-me todos os instantes. Tenho sempre presentes os pecados que cometi, mas minhas iniquidades.

Senhor! Vivo há muito o desejo puríssimo de uma união íntima convosco, de tal modo que sejais bem Vós que vivais em mim! Dai-me, pois, que doravante tenha pureza de corpo, de alma e intenção.

Em testemunho destes meus sentimentos de compunção, de temor e amor, faço o Voto de Castidade por vontade minha e obediência ao meu pai espiritual até ao dia em que, pela profissão religiosa, eu possa com os outros fazer oficialmente também este.

Virgem puríssima! Dai-me da vossa inocência inigualável! Purificai-me! Lembrai-vos que sois minha Mãe!

S. José, Esposo Virgem da Virgem Maria, intercedei por mim!

E Vós todos, Virgens do Céu, rogai por mim.

Samos, 8 de Dezembro de 1924. Dia da Imaculada Conceição, Padroeira de Portugal»²⁷⁵.

²⁷³ VASCONCELOS, BERNARDO – *Cântico de Amor*. pp. 23-27.

²⁷⁴ VASCONCELOS, BERNARDO – *Do Ideal Cristão*. Braga, Livraria Editora Pax, 1981. p. 20.

²⁷⁵ VASCONCELOS, BERNARDO – *Vida de Amor*. p. 119.

Este grande propósito assenta numa única razão para Bernardo: nunca deixar de ser fiel ao amor de Deus. Só nesta linha de interpretação poderemos entender este voto privado, escrito talvez por conselho de Dom António, uma vez que Frei Bernardo faz referência a pessoa do seu *pai espiritual*. Não é de admirar numa alma eleita e simples, este gesto. Nas notas que foi escrevendo no seu *Diário Espiritual*, durante o noviciado, falava do respeito devido ao corpo, fazendo a analogia com os vasos sagrados do altar. Compreendia o seu corpo como templo de Deus, como nos diz ele a dado momento: «se devemos, como diz S. Bento, considerar como vasos sagrados do altar todos os pertences do mosteiro... com quanto respeito não devemos guardar os nossos corpos, esses outros vasos (...) templos da Santíssima Trindade»²⁷⁶. Admirável sabedoria, conhecimento e pureza acerca da castidade, com uma visão realista e concreta.

Dele os irmãos²⁷⁷ sabiam que sentia as mesmas dificuldades de todos, mas mortificava-se e a virtude da oração tornava-lhe fácil a observância da pureza.

Ser casto aos olhos de Deus e do mundo é uma luta diária no dia a dia do monge, e resulta do amor a Deus, que os santos, vida alegre, sabiam musitar no louvor divino e no trabalho.

2. A mensagem da Obra bernardeana

Nos escritos de Frei Bernardo da Anunciada constatamos uma profundidade cristã e humana, na busca do seu ideal, que o levou a descobrir Deus na vida religiosa, descoberta essa pela quase atrevida ideia de um sonho mais sublime: a santidade. Este sonho fez com que Frei Bernardo mergulhasse na união com Deus revelando, para nós hoje, uma verdadeira mística do sofrimento.

A ânsia de perfeição, que devorava o jovem monge, será sempre o cume a atingir. Nos seus escritos encontramos esse desejo, de Deus, único objectivo válido e realizável, que transporta o homem para a eternidade. Uma vida de luminosidade que tem tanto de sedutora, como de inflamada, porque sendo alta, brilha para todos aqueles que a contemplam.

²⁷⁶ VASCONCELOS, BERNARDO – *Vida de Amor*. p. 120.

²⁷⁷ Cf. PRO II, SESSIO XXXI, p. 365.

Assim a sua obra literária²⁷⁸ pode-se dividir em três partes: escritos, cartas e poemas. Analisaremos cada parte separadamente: as cartas serão objecto de uma abordagem geral, deixando-se uma leitura mais profunda e teologal para a conferência d' *O Ideal Cristão*, que é uma proposta de vida cristã. Por fim, uma visão sentida e necessária dos poemas, para que a beleza da mensagem se faça sentir com o olhar mais atento da realidade poética dum místico que o foi por vontade de Deus.

2.1 – Correspondência

A vastíssima correspondência de Frei Bernardo é composta pelas as cartas dirigidas à família, algumas outras endereçadas a amigos e conhecidos, sacerdotes e monges da sua Ordem. O leitor, diante de tão numerosa correspondência, pode identificar alguns traços que destacam a personalidade e fisionomia do monge místico, e também aspectos das diversas etapas da sua vida. Além disso, nestas cartas, quer pela situação concreta, quer pelo modo como Frei Bernardo se exprime, encontraremos sempre a marca da união com Deus. Do grande conjunto²⁷⁹, e a título de curiosidade, destacamos uma seleção das missivas, as de mais interesse, como são apresentadas pelo processo:

- I- Pais
- II- Sua irmã Maria Emília de Vasconcelos

²⁷⁸ Da sua obra literária poder-se-á fazer um levantamento, aqui justo para o nosso estudo, por ordem cronológica, seguindo também aquilo que nos fornece Pe. Jorge Ferreira na Positio. Assim de Frei Bernardo temos: In *Flores Espirituais* de Pe. José Lourenço O.P., Porto. 1920-1923 – *O vôo d'uma águia* (p. 123); *Mãos postas* (p. 209); *Revelação* (p.225); *Agonia da Lyra* (p.257); *Da Turbação* (p. 290); *Para os pobres* (p. 305); *De mãos postas* (p. 401). In: O MENSAGEIRO PAROCHIAL – Semanário de Propaganda Religiosa, Ano VIII. Viseu, 1920 – *Súplica d'um crente*. Na Revista ESTUDOS do CADC de Coimbra, Ano II, de 1923, verificamos vários artigos de crítica literária: *Em ascensão e Chuva da tarde*, de A. Sardinha (pp. 39-46); *Cancioneiro de Jesus*, de J. Teixeira Neves (pp. 299-301); *Mulher de Bençam*, de António Silves Martins (pp. 442-448) e *Aleluia de Ângelo César* (pp. 716-723). Na Revista ESTUDOS, no ano já supradito, encontramos: *Vida Cristã*, trad. De Tanquerey (pp. 308-320; 361-369); *Paz de Alma- Alma da Vida. Para as almas sedentas d'ideal* (p. 485-495) e *A vida da Graça em nós* (pp.700-708). No ano de 1924, a Revista ESTUDOS publica uma série de artigos: *Tese no Congresso preparatório da União Católica dos Estudantes Portugueses*, *Relatório* (pp. 6-36); *O Ideal Cristão – Conferência lida no CADC de Coimbra em Maio de 1924*, depois no I Congresso Eucarístico Nacional, Braga de 1924, e publicada em: ESTUDOS, Ano III (pp. 161-193); Separata de 36 páginas, Coimbra, 1924; *Novidades*, Lisboa, 1924; Separata de 50 página, Braga, 1950; In *Actas do I Congresso Eucarístico*, Braga, 1924 (pp. 37-54); In: CENÁCULO, Ano XIII, nº 51-52 da Série II. 1973-74, (pp. 7-27); Separata de 23 páginas, Braga, 1974. Pelo ano de 1925 na Revista ESTUDOS publicam: *Uma profissão beneditina* (pp. 389-406) (Cf. POS, pp. 169-170).

²⁷⁹ São dois volumes, que a Causa compilou e enumerou (Cf. PRO III, PARTE I, II, III; PRO IV, PARTE IV, V, VI, VII, VIII, IX, X, XI, XII, XIII, XIV, XV, XVI, XVII, XVIII, XIX, XX, XXI, XII).

- III- Sua irmã Maria Bárbara
- IV- Sua irmã Maria Manuela
- V- Sua irmã Mariana
- VI- Seu irmão Roberto
- VII- Sobrinha Maria Adelaide
- VIII- Seu discípulo Dr. Ângelo César Machado
- IX- Seu discípulo Dr. José Augusto de Queirós Ribeiro Vaz Pinto
- X- Sua discípula Dr.^a Dionísia Camões
- XI- D. Sílvia Cardoso
- XII- Pe. Luís Lopes e Melo
- XIII- Noé, colegial em Samos
- XIV- Frei Gabriel de Sousa OSB
- XV- Frei Vicente Vaz OSB
- XVI- Frei André Moreira de Andrade OSB
- XVII- Pe. Francisco Moreira das Neves
- XVIII- António Costa Padrão
- XIX- Dr. Rui Galvão de Carvalho
- XX- Sacerdote desconhecido
- XXI- Miguel de Sá e Melo e sua mãe
- XXII- Seu discípulo Dr. João Carlos de Carvalho Reis e Silva.

Os dois volumes do Processo²⁸⁰ são provas substanciais e importantes que revelam não só o itinerário espiritual e vocacional de Frei Bernardo, mas também a amizade e o amor aos seus, nos traços de uma escrita de simplicidade familiar, na fluidez de uma sinceridade²⁸¹ diante de Deus e dos homens. Foram relações muito verdadeiras, e com a tônica na busca pelas coisas do alto. O testemunho da vivência pessoal do monge poeta transparece nas suas palavras, quais ecos do coração, sempre apontando e desvendando aos seus interlocutores o caminho para Deus, que ele, qual apaixonado, trilha à maneira própria dos místicos.

Como não se justifica a análise de todas as cartas, porque alongaria demais este capítulo, expomos sinteticamente três alíneas, reveladoras da capacidade de sofrimento e de renúncia que Frei Bernardo soube transportar da realidade vivida para, para por conseguinte,

²⁸⁰ Cf. PRO III e PRO IV.

²⁸¹ Cf. POS, p. 176.

dispor em palavras a sua riqueza espiritual e declaradamente mística, aos que com ele partilhavam o gosto das “letras de afecto”.

Começamos pela vontade Divina na alma de Frei Bernardo de facto, no seguimento da vocação encontramos uma dócil vontade em conformar-se com os desígnios de Deus. A sua alma sempre esteve aberta a esse dom de graça operante que no entanto, lhe causava espanto e, de resto, essa medida de Deus na sua alma fazia lhe crescer o amor ardente e santificante. Em carta sublinhava este cuidado acerca da vontade de Deus: «O melhor seria a saúde completa... mas é melhor ainda a vontade de Deus»²⁸². Frei Bernardo deixava-se, simplesmente, ao abandono desta vontade « melhor meio de união a Deus é sem dúvida o fazer tudo o que Ele quer (...) vistas com os olhos da carne, estas coisas são duras e vazias de sentido; mas aos olhos da fé são mimos do Céu. Não é o que nos diz o Crucifixo?»²⁸³. A linguagem da cruz, para o jovem monge, será “bordão” para o caminho, demonstrando um amor extraordinário no meio das duras provas.

Em segundo lugar, temos a Paz como fonte interior, e, sem dúvida Frei Bernardo vive na paz. Não uma paz aparente, mas profunda, da alma. Totalmente aberto aos dons do Espírito Santo vive essa paz convencido de que só assim se fará a união com Deus:

«É isto por enquanto, o que o Senhor quer de mim. Chego-me a convencer de que não quer de mim outra coisa. Oxalá eu saiba corresponder a esta predilecção, porque Ele quando nos quer muito é que nos aperta assim... contra o Seu Coração amantíssimo. Adoremos os Seus desígnios»²⁸⁴.

A realidade que vive lança-o ao coração de Deus, isto é, todo o sofrimento presente na sua vida atinge um máximo que ele encontra como um apertado contra o coração do próprio Deus. O corpo, cansado de sofrimento, de tantos tratamentos, desmorona-se²⁸⁵, mas a sua alma, sublima-se numa crescente união com Deus.

Por fim, é no louvor a Deus, no oferecer-se como hóstia que se encontra o terceiro eixo da experiência espiritual de Frei Bernardo. Com efeito, a dimensão sacrificial no jovem monge é totalmente análoga ao sacrifício da eucaristia. Por isso, muitas vezes Frei Bernardo utiliza essa linguagem sacrificial, com comparações nas acções que o cristão pode

²⁸² PRO IV, PARTE IV, Carta nº 16.

²⁸³ PRO III, PARTE III, Carta nº 26.

²⁸⁴ PRO III, PARTE I, Carta nº 61.

²⁸⁵ Cf. FERREIRA, JORGE - *Bernardo Vasconcelos, O monge-Poeta*. p. 46.

espiritualizar. Entre o oferecimento eucarístico e a nossa vida pode haver um elo de ligação, que Frei Bernardo resume do seguinte modo: «agora importa que eu me santifique e seja uma hóstia de louvor muito agradável a Deus, para expiar os pecados e os pecados do mundo e para louvar e bendizer a Deus até à morte»²⁸⁶. Noutra carta, explica o oferecimento, que a princípio passa por um caminho de estranheza, como depois aberto «e fiel à graça: deixar que o Espírito de Amor trabalhe, lave, penetre todo o nosso ser. É preciso que nos façamos violência; exige-a o Senhor; por amor de nós»²⁸⁷.

Frei Bernardo, ao longo do seu epistolário, de íntimo diálogo com os seus, numa abertura muito franca, coloca-se como instrumento de Deus. Seguindo o método da cruz, recebe-a e leva-a aos ombros: «com a Sua ajuda, cá vou levando a minha cruz»²⁸⁸, por Cristo e n'Ele, que se fez obediente até a morte e morte de Cruz, tal como encontramos em São Paulo.

Ao contrário daquilo que se possa pensar acerca de um conjunto de cartas, numa primeira abordagem, como simples escritos, o caso concreto de Frei Bernardo serve como transmissor da sua idealização acerca da vocação e da vontade de Deus. Promove a ideia, de que é necessário reconduzir a nossa vida a um estado de perfeição, ajudados pelas palavras do evangelho, para confirmar uma santidade que é vivida com muito amor.

2.2 – Obra: *Do Ideal Cristão*

Apresentamos neste ponto do nosso trabalho uma leitura da obra *Do Ideal Cristão* de Frei Bernardo, que podemos apreciar como um verdadeiro legado da sua riqueza espiritual e que coloca em evidência o trilho místico para Deus. À partida levantam-se algumas questões: o que nos pode dizer um jovem acerca do cristianismo? Mais, que poderá entender sobre um “ideal”, quando na flor da idade se é tão inseguro quanto a um rumo de vida? Será que a obra em concreto se apresenta como impressão de ideias tiradas de obras espirituais da época?

Estas e outras questões²⁸⁹, são suscitadas à primeira vista, se se olhar a capa da própria obra e a magreza do volume. Contudo, o seu conteúdo interessa-nos, a sua mensagem seduz a

²⁸⁶ POS, p. 200.

²⁸⁷ PRO IV, PARTE VIII, Carta n° 22.

²⁸⁸ PRO III, PARTE I, Carta n° 41.

²⁸⁹ Alguns curiosos tentaram com análises comparativas, aliás nunca publicadas, provar que *O Ideal Cristão* seria cópia (ipsis verbis) de várias obras, do famosíssimo jesuíta francês Padre Raoul Plus.

quem procura realmente um ideal, como foi o caso de muitos jovens da época, que se sentiram atraídos por essa mensagem escrita por um jovem académico.

A obra²⁹⁰ apresenta o seguinte esquema: *Introdução – Sede de Ideal; I – O Ideal Cristão* - a) *A renúncia Cristã*, b) *A Alegria dos Santos*, c) *Dificuldades no Combate pelo Ideal Cristão*, d) *Grandeza do Ideal Cristão; II – O Ideal Cristão* - a) *Abandono à vontade de Deus*, b) *Sede de Sacrificios*, c) *A comunhão: Duas hóstias... Numa só!*; *Conclusão*.

Como escritor, Frei Bernardo pensa e reproduz o caminho do cristão: é-lhe sempre caro o tema do ideal que se apresenta na vida de cada um. A condição humana é tratada pelo seu princípio que tende para Deus, como criatura e como homem que busca a felicidade, uma natureza que pretende viver, pela graça, num sentido sobrenatural, colocando-se continuamente aberta à graça divina pelo baptismo recebido.

Para podermos compreender em profundidade as ideias do jovem académico, e interpretarmos a mensagem contida n' *O Ideal Cristão*, ao qual surge vinculada a sua personalidade nos verdadeiros conceitos cristãos, podemos formular em resumo algumas considerações:

I – A sede de ideal, como dirá na *Introdução*, é precisamente uma sede de Deus, que o homem tinha, e tem, e o faz sair de si mesmo à procura da paz. Iniciando-se o Evangelho de João com um belíssimo prólogo poético, Bernardo utiliza-o como base para a sua *Introdução*: «E o Verbo se fez carne para ser o Caminho...»²⁹¹. As almas procuram uma vida interior rumo à felicidade: «É Deus fazendo-as procurar a Deus...»²⁹².

II – Os temas do primeiro capítulo d' *O Ideal Cristão* andam em volta do elemento da renúncia, fundada na concepção cristã. A ideia central, descrita pelo autor, é fazer perceber ao leitor que, na medida em que este procurar um caminho de renúncia poderá unir-se²⁹³ a Deus, por meio do exemplo mais extraordinário da história da salvação: o seu Filho. A renúncia ainda serve como objectivo noutro ponto: o cristão deve dar-se conta que nele vive o próprio Deus, pelo Espírito de Amor. E tudo isto acontece porque o cristão é chamado a viver²⁹⁴ um *quotidie morior*. Nesta linha, de orientação o autor diz que tudo isto acarreta um combate, que deve ser para o cristão a dura batalha das suas fragilidades. Portanto, tal realidade acontece

²⁹⁰ Para a análise da obra seguimos uma edição da separata da Revista Estudos de 1981, reimpressa pela Editora Pax (Cf. VASCONCELOS, BERNARDO – *O Ideal Cristão*).

²⁹¹ VASCONCELOS, BERNARDO – *O Ideal Cristão*. p. 9.

²⁹² VASCONCELOS, BERNARDO – *O Ideal Cristão*. p. 12.

²⁹³ Cf. VASCONCELOS, BERNARDO – *O Ideal Cristão*. p. 12.

²⁹⁴ Cf. VASCONCELOS, BERNARDO – *O Ideal Cristão*. p. 22.

quando o homem se abandona à vontade de Deus, para que Este tome as suas fragilidades e o torne generoso pela infusão da sua graça operante.

Tudo deverá acontecer de uma forma simples, Bernardo não é o homem iludido pelos grandes sacrifícios: «a maior parte das vezes Deus não nos pede senão sacrifícios pequenos (...)saber sacrificar esses pequeninos nada é a pedra de toque das energias altas»²⁹⁵. A grandeza de uma alma está em seguir o caminho que Deus para ela traçou, e em estar consciente de que sem a ajuda D'Ele nada pode, nada consegue, sabendo apenas que pela «sua fraqueza entra na santa liberdade dos filhos»²⁹⁶ de Deus.

III – No segundo capítulo Bernardo indica como se pode realizar *O Ideal Cristão*. Através do abandono à vontade de Deus, mas sem que este²⁹⁷ caia no quietismo ou na inércia, o que não seria cristão, resultará na união com Deus, como aliás foi sempre o grande desejo de Bernardo, e que será o fruto mais maduro da sua experiência mística.

IV – À luz da fé, compreendeu Bernardo que a possibilidade da união do homem com Deus toma a forma visível e mais íntima na eucaristia, porque esta tem presente o princípio da unidade no sacrifício, elo de ligação entre o divino e o humano. Por conseguinte o monge poeta projecta a nossa vida numa eucaristia contínua, relembrando: «a comunhão é troca. Receber? – um tesouro inapreciável... Dar? – qualquer coisa que faça de nós e da vítima recebida uma só hóstia»²⁹⁸. A todo o leitor que caia nas mãos este escrito, certamente que se sentirá chamado a viver, com plena consciência, mais perto do transcendente, numa espiritualidade eucarística, ou seja, unido a Cristo Jesus, ser hóstia²⁹⁹ com Ele, para que Ele reine verdadeiramente na nossa vida.

Desta obra, de carácter catequético e teologal, podemos, também, acrescentar que comporta temas fulcrais da espiritualidade do início do séc. XX. De facto muitas das citações provêm das obras de Dom Columba Marmion e do Pe. Plus³⁰⁰. Daqui se depreende que imane

²⁹⁵ VASCONCELOS, BERNARDO – *O Ideal Cristão*. p. 26.

²⁹⁶ VASCONCELOS, BERNARDO – *O Ideal Cristão*. p. 31.

²⁹⁷ Cf. VASCONCELOS, BERNARDO – *O Ideal Cristão*. p. 37.

²⁹⁸ VASCONCELOS, BERNARDO – *O Ideal Cristão*. p. 45.

²⁹⁹ Cf. VASCONCELOS, BERNARDO – *O Ideal Cristão*. p. 49.

³⁰⁰ É patente na obra a influência de leituras que, Frei Bernardo na altura como estudante de Coimbra, fez no domínio da espiritualidade, destacam-se sem dúvida os autores: Dom Columba Marmion e Pe. Raoul Plus (Cf. MARMION, COLUMBA – *Le Christ Vie de l'âme, L'Esprit-Saint, Esprit de Jésus*; PLUS, RAOUL – *Deus em nós*. Porto, Apostolado da Imprensa, 1930; PLUS, RAOUL – *La sainteté catholique*. France, Librairie Bloud & Gay, 1928).

da própria obra, com fragrâncias espirituais tão distintas, uma cristologia exacta e real, que reafirma o pontos basilares da concepção de cristianismo para Frei Bernardo: amar e conhecer a Deus; a salvação vem de Cristo; todos somos chamados à santidade.

2.3 – Poemas

Os poemas de Frei Bernardo são o caminho mais visível da sua união com Deus. O que nos interessa é o conteúdo e não tanto a forma ou estilo que Frei Bernardo utiliza, até porque, para a teologia, importa sempre mais a mensagem, os sinais, e a chama acesa, que transmitem a experiência da fé.

Admirado por muitos como poeta de um misticismo ímpar, comparável com os místicos da tradição monástica, Frei Bernardo sulca as palavras com o amor de Deus em poemas de louvor, escritos como o diálogo da alma, na candura de uma criança que olha para eternidade, para a morada dos céus onde o Onnipotente reina. De facto, o monge poeta tinha a graça especial dos céus, a fé, e a inspiração do seu coração ardente de amor. O seu desejo de publicar um livro de poesia é precisamente para chegar às almas simples e pequenas.

O *Cântico de Amor*³⁰¹ é a sua obra mais conhecida pelos amigos e devotos. É-o porque nela encontramos a pessoa do poeta, do amante que procura o amor, a criatura que deseja o Criador.

O esquema da obra poder-nos-á favorecer uma melhor compreensão da sua organização que foi tida em consideração pelo próprio autor: *Pórtico - Sede de Deus, Cântico de Amor, Revelação, Mãos Postas; I Parte - A um pai espiritual, Três Amores, A gota de orvalho, Quadras soltas, Caminhos, Lux in tenebris, Rimance da chuva miudinha, Mais quadras, Exortação, No céu; II Parte - Cantares do Exílio, Visão de Paz, Vida plena, Divino Hóspede, A ovelhinha tresmalhada, Amores de sempre, Fogo Divino, Vida Viva, Saudades do céu, Falas de Pastor, Maria, Súplica, Jerusalém celeste; Epílogo - Acto de Humildade*. Organizados e dispostos segundo a vontade de Frei Bernardo, como já dissemos, transmitem

³⁰¹ Da sua vasta obra poética assinalamos as seguintes publicações: na Revista OPUS DEI, Ano I (1926-27), Ano II (1927-28), Ano III (1928-29), Ano IV (1929-30), Ano V (1930-31), Ano VI (1931-32), Ano VII (1932-33), Ano VIII (1933-34): *Sangue no Céu, Revelação, A um Pai espiritual, Fruto bendito, Cantares do Exílio, Maré Cheia, Visão de paz, Caminhos..., Fogo Divino, Falas de Pastor, A dor e a alegria, Mea culpa*. O *Cântico de Amor* teve a sua primeira edição em 1932. Depois seguiram-se outras edições: 2º Ed. Em 1934; 3º Ed. Em 1982, sendo esta última comemorativa do Cinquentenário da obra poética, que seguiremos como base de apoio para o nosso estudo (Cf. POS, pp. 171-172).

uma linha de evolução que o próprio autor se refere na selecção que fizera dos 40 poemas. Quer transmitir os critérios do *verdadeiro* e *humano* nesta sua disposição dos poemas, como aliás explica o próprio quando fala acerca do seu livro³⁰².

Assim, achamos conveniente abordar alguns poemas que expressam de forma significativa a sua espiritualidade. De que nos fala a sua poesia? Fala-nos do desejo ardente de Deus, do céu, das vontades do coração, de que é amante do mais alto amor:

«Eu sinto dentro em mim o estranho anseio
de ser de novo o que já fui outrora:
Inocente, dizer a Deus: - eu creio!
e criança, formar-me de hora a hora!

E ler no torturado olhar de agora
excelsas expressões de alado enleio:
ter a pureza pela vida fora
poder senti-la dentro do meu seio...

Ah! Pudesse eu voltar ainda à infância
e dar realidade à minha ânsia:
libertar-me do corpo pecador...

A renúncia seria o meu calvário,
as lágrimas da dor o meu rosário,
e a vida nova um cântico de amor!...»³⁰³.

Ao contemplar dentro de si, Frei Bernardo, expressa a forte vontade de querer um novo nascimento para conseguir a pureza inicial com Deus. Almeja crer, com o olhar puro e não torturado e, diante da divindade poder viver uma nova vida, em que o caminho da renúncia trará uma nova realidade. O Beato Columba Marmion diz: «o espírito de renúncia

³⁰² Cf. VASCONCELOS, BERNARDO – *Cântico de Amor*. p. 8.

³⁰³ VASCONCELOS, BERNARDO – *Cântico de Amor*. pp. 23-24.

assegura a perseverança»³⁰⁴, e isto encontramos como ponto essencial em Frei Bernardo, a renúncia como caminho possível para Deus. Confessa Frei Bernardo:

«Bendita cruz! Caminho estreito!
Doce união! Oh! Quem diria?!
Dor e amor!
Aleluia!»³⁰⁵.

A renúncia que toma a cruz como arma de batalha, para o caminho que muitas vezes é estreito, é acompanhada pelo amor, como confessa o poeta que, muitas vezes se revela na dor. Estas coincidências entre a renúncia e a dor são o fruto da sua experiência pessoal, de quem conhece a *loucura da cruz*, de quem bebe o cálice que Deus lhe preparou.

Por outro lado, diz-nos Frei Bernardo que é necessário para a sua vocação conhecer essa vontade de Deus, que se concretiza num amor desmedido por Ele, privilegiado e escolhido:

« Hóspede meu!
A alma em graça
também é Céu!...

Neste meu peito
O prenderei
com todo o jeito

Num doce abraço
O atarei
com forte laço

E se ele veio
Foi a resposta
ao meu anseio...

³⁰⁴ MARMION, COLUMBA – *Le Christ Idéal du Moine*. p. 232.

³⁰⁵ VASCONCELOS, BERNARDO – *Cântico de Amor*. p. 98.

Pobre morada!
Mas se por Ele
foi já criada...

Se a resgatou,
foi seu amor
quem O guiou...

E agora são
- alto mistério! -
em comunhão...
(...) »³⁰⁶.

Como morada desse hóspede que é Deus, Frei Bernardo sente-se no caminho da união, esse caminho que os místicos traçam também com as letras. O jesuíta William Harmless escreve: «Um texto místico é um texto religioso que descreve um profundo conhecimento experimental de Deus ou da realidade última (...) esses escritos centram-se mais em Deus e nas realidades que definem a vida do que num testemunho autobiográfico»³⁰⁷. Portanto, a poesia de Frei Bernardo é muito mais homodiegética do que heterodiegética³⁰⁸, isto porque narra os acontecimentos, como estando presente neles, mas é Deus quem age na acção, que habita na sua alma e produz os frutos do seu amor:

« (...) E nunca soube ao certo por onde ia
Nem se era eu que para Deus subia
Ou se era Deus que me levava a mim...»³⁰⁹.

³⁰⁶ VASCONCELOS, BERNARDO – *Cântico de Amor*. pp. 113-114.

³⁰⁷ HARMLESS, WILLIAM – *Mystics*. United States of America, Oxford University Press, 2008. p. 228.

³⁰⁸ Estes conceitos de narrador *homodiegético* e *heterodiegético*, foram criados por Gérard Genette no seu livro *Figures* para poder justificar algumas noções quanto ao narrador do texto e a influência deste sobre a sua participação na acção da narrativa. Utilizamos esta forma de análise, assim como a encontramos em Daniel Faria (Cf. FARIA, DANIEL – *A vida e conversão de frei Agostinho: entre a aprendizagem e o ensino da Cruz*. Lisboa, Épheta, 1999. p. 204) Se *homodiegético*, o narrador descreve a acção e participa nela, é personagem, mas não é o protagonista. Quanto ao conceito *heterodiegético* significa que o narrador não é personagem na história, apenas narra (Cf. SILVA, VÍTOR MANUEL AGUIAR – *Teoria da Literatura*. Coimbra, Almedina, 1980. pp. 761-762).

³⁰⁹ VASCONCELOS, BERNARDO – *Cântico de Amor*. pp.101-102.

É então que percebemos o narrador poético: é um homem que se deixa guiar por Deus, que conta ao leitor, num monólogo perfeitamente capaz de averiguar toda a situação de quem guia a vida, se sobe ou é levado.

A poesia de Frei Bernardo não tem modelos vácuos, corre na linguagem do amor. A incontável abstracção que existe nos temas desenvolvidos pelo poeta, como no tema do amor que no seu peito existe, servem de instrumento para as letras. Deus transforma o seu corpo em morada, o seu coração toma-o para Si, como instrumento de amor, e quanto mais contempla o poeta todas estas acções, mais caminha a passos largos para a união íntima, mais profunda. A sua obra termina com versos sobre a humildade, essa virtude que é tão natural nos místicos.

Por fim, toda a sua poesia reflecte uma virtude muito característica. Escreve os versos num acto de humildade, que será do último poema, para dizer que ele, pobre, fraco e doente, apesar de tudo, é apenas um simples cantor do verdadeiro Amor:

« Um Cântico d'Amor!

Humílimo cantar
que não chegou a ser
aquele canto novo
que eu quisera... viver!

Um Cântico d'Amor!

... Pois seja a minha vida
- a gozar ou sofrer -
um doce verso branco
que eu não saiba dizer!...»³¹⁰.

Num discurso onde as palavras muitas vezes servem para negar os desejos, o poeta relaciona-as com os acontecimentos, trazendo à pena uma linguagem de desejo, que na sua vida pode ser realizado ou não. Para o monge poeta, não interessa já tanto uma linguagem apofática, mas antes, na simplicidade das palavras e conceitos, estabelecer a ligação da sua ideia com a forma como tudo acontece na sua vida.

³¹⁰ VASCONCELOS, BERNARDO – *Cântico de Amor*. p.169.

A experiência cristã pode ser de uma profundidade espiritual muito rica. No abandono à vontade de Deus, Frei Bernardo caminhará no desejo de poder corresponder com a sua própria carne, isto é, com a doença, num sofrimento que na última fase da sua vida, de maneira exemplar, foi um cântico sobre o amor de Deus.

É evidente, sem esquecer que os místicos são sempre homens e mulheres com grande experiência nas palavras³¹¹, que captam os melhores sentidos das mesmas, como dança em que a palavra pode mostrar toda a sua profundidade, na linguagem utilizada muitas vezes surge-nos a dificuldade de penetrar no âmago do assunto. Os poemas não se podem apenas ler, mas saborear, mais ainda os de Frei Bernardo que entram já no campo da possibilidade orativa. O grande poeta Teixeira de Pascoais, numa carta-resposta a Frei Bernardo, depois utilizada como epílogo no *Cântico de Amor*, dirá que o misticismo³¹² é a única Poesia verdadeira.

3. – Martírio Místico

Chamado a «configurar-se com Cristo» (2 Cor. 3, 18), todo o homem cristão recebe desde o baptismo a incorporação no corpo místico de Cristo. Fazendo parte desse todo, que tem Cristo por cabeça, somos chamados a viver em santidade. Queremos nesta etapa do trabalho abordar a mística de Frei Bernardo.

3.1 – A experiência mística de Frei Bernardo

Ao longo do séc. XX, muitos estudiosos tentaram explicar e interpretar³¹³ as experiências místicas como simples fenómenos da mente, isto é, sentimentos da alma, na multiplicidade e intensidade dos estados psicológicos. Aqueles que experimentam fenómenos, aos olhos da ciência são hoje categorizados como pessoas que perderam a sua liberdade, desprovidas duma consciência sã. Contudo, quando falamos de mística não podemos, nem

³¹¹ Cf. HARMLESS, WILLIAM – *Mystics*. p. 236.

³¹² Cf. VASCONCELOS, BERNARDO – *Cântico de Amor*. p.15.

³¹³ Cf. GOFFI, TULLO – *La Spiritualità Contemporanea*. Bologna, Edizione Dehoniane, 1987. p. 446.

devemos, toma-la como experiência apenas explicada e sujeita à dimensão fenoménica da mente, e que a ciência remeteria para os seus estudos. A experiência mística identifica uma realidade. Em sentido lato, é *presença* de Deus na alma.

As tipologias do fenómeno místico aparecem-nos como “degraus” de uma escada ascendente. Se pretendermos estudá-los, correríamos todas as épocas da religiosidade, na vertente histórica, abordando a experiência *mística extática*, relacionada com o cosmos; *mística da integração*, que significa uma integração na unidade; e a *mística da personalidade*, isto é, ao encontro do Deus como pessoa³¹⁴.

Na vida e obra de Frei Bernardo, pudemos observar que a sua mística é-nos apresentada de forma mais explícita nos escritos e poemas, como tivemos ocasião de apresentar. Mas, em que consiste a sua mística?

A abordagem mística no monge poeta deriva da sua renúncia e da aceitação da doença, privilegiando o sofrimento que daí advém. Essa união com os sofrimentos de Cristo, motivaram, dia após dia, o confronto com a realidade humana na sua missão como religioso. Um doce martírio, é o que identificamos quando nos debruçamos sobre os factores da vida de Frei Bernardo, ou sobre a dinâmica espiritual que dos escritos surge em cada linha. Tudo isto, repetimos, originou verdadeiramente o fundamento: união a Deus.

O místico não é alguém inerte. Na sua vida não se trata de ausência de actividade espiritual como quem apenas recebe, pelo contrário, é mais activo³¹⁵ do que antes. De facto, o místico apresenta características que existe algo de belo e novo nele, que o faz agir, impelido por uma força que vem do Alto. Portanto, é o místico um homem com experiência intuitiva e unitiva de Deus, que se faz dom gratuito, não no mero processo interior dominado pelo próprio, mas sempre pelo Outro.

Sabemos que pela oração o homem entra em contacto com Deus. Assim, inicia um itinerário da própria mística, porque a oração coloca o homem diante de Deus, diante do mistério. Muitos autores desenvolveram uma caracterização da vida mística, e podemos, utilizando as definições³¹⁶ dos estudiosos, dizer que é *vida repleta dos dons do Espírito Santo*, iluminada e sustentada por Ele. Nada que prove, por isso mesmo, uma ilusão proveniente de um determinismo interior do homem.

³¹⁴ Cf. VILLER, MARCEL – *Mystique*. In: DICTIONNAIRE DE SPIRITUALITÉ. Paris: Gabriel Beauchesne et ses Fils Éditeurs, 1980. Vol X. col. 1894-95.

³¹⁵ Cf. VILLER, MARCEL, – *Mystique*. col. 1896.

³¹⁶ Cf. ANCILLI, ERMANNIO – *Mística*. In: DICCIONARIO DE ESPIRITUALIDAD, II. Barcelona, Editorial Herder, 1983. p. 620.

Da vida mística³¹⁷ em Frei Bernardo, podemos considerar os seguintes dons: gratuidade, simplicidade, experiência de Deus e ortodoxia. Se observarmos com atenção, os exemplos dados ao longo do trabalho dos seus escritos, podemos com facilidade encontrar todos esses elementos. A gratuidade, unida à sua caridade para com os pobres, simplicidade testemunhada pelos seus companheiros e provada no espírito de pobreza, uma experiência de Deus, naturalmente guiada pela oração. Tinha a consistente noção da doutrina da Igreja, da qual *Do Ideal Cristão* e demais artigos atestam um estudo e conhecimento teológico e moral correctos. Em carta dirigida ao superior escreve: «se eu faço “teologia com o coração”, a obediência diz-me que oriente leituras, meditações, rabiscos nesse sentido de relacionar tudo, orientar tudo para a vida mística»³¹⁸.

A *sede de Deus*, é um dos elementos que mais encontramos nos escritos dos místicos, como também a união com Ele. Muitos santos passaram por fenómenos sobrenaturais, que hoje a ciência não explica completamente, do intenso sofrer por amar a Deus. O místico é o primeiro a sentir que os dinamismos³¹⁹ espirituais, exercem-se pela mesmas faculdades naturais, mas que são utilizadas por Deus, capacitando-as para outras alturas. Quando Frei Bernardo encontra a “fonte da vida”, deseja levar aos outros a água, sem se esquecer que também ele necessita cada vez mais dessa água viva. A sua sede não acabou, tornou-se diferente:

«Um dia tive sede de Infinito
e senti-me no mundo insatisfeito...
Ergueu-se alfim meu coração contrito
a místicas alturas no meu peito»³²⁰

Penetrando no mais fundo do seu ser, descobre um *coração contrito*, uma vontade de sair do mundo, quer descobrir Deus, tem a sede d’Ele, de infinito, a graça opera nele o desejo de amar.

O jovem monge, trilhou uma mística do sofrimento, uma mística dominada pela coragem do mártir, que sofre por amor a Cristo. Não temos os costumados fenómenos

³¹⁷ Cf. ANCILLI, ERMANNNO – *Mística*. p. 621-622.

³¹⁸ FERREIRA, JORGE - *Bernardo Vasconcelos, O monge-Poeta*. p. 61.

³¹⁹ Cf. VILLER, MARCEL, – *Mystique*. col. 1912.

³²⁰ VASCONCELOS, BERNARDO – *Cântico de Amor*. p. 101

místicos³²¹ nesta alma enamorada por Deus, isto é levitação, visões, estigmatização ou outros. Contudo, não podemos ignorar esta alma eleita de Deus, aliás consumida por Ele, que tão jovem abandonou o mundo para ser levada aos céus. De resto, teríamos que concordar que Frei Bernardo no seu baptismo e vocação foi fiel, trilhando uma caminho simples onde vigorou o amor tomado por Deus a místicas alturas.

3.2 – A imolação como martírio místico

Na perspectiva da vida monástica, pela luz da palavra de Deus e pela Regra, canais da graça divina, realiza-se o testemunho por Cristo, numa vida de constante oblação. Essencialmente, este testemunho vivencial confirma a vida de Frei Bernardo, pela aceitação da doença, que identificamos como imolação, como um martírio. Muitos santos ficaram conhecidos pela sua vida como doentes, isto é, viveram na sua existência o drama da cruz. Por conseguinte foram sinais do misterioso amor de Cristo. No nosso ambiente religioso-cultural é estranha a ideia de sofrimento. Mas nem sempre foi assim. Muitos homens e mulheres ao longo dos tempos, deram o testemunho mais eloquente de santidade nas adversidades dum via apostólica, na pregação, missão, e até mesmo na doença, ou numa aceção mais moderna, foram na sua existência *almas vítimas*: Teresa Neumann; Alexandrina de Balazar; Pie Hemptinne³²²; Frei Maria Rafael Arnáiz³²³, entre outros.

A imolação de Frei Bernardo, ou renúncia, assemelha-se a um *martírio místico*. Nos nossos dias muitos cristãos sofrem pela fé, recebendo mesmo a morte, mas há quem dê testemunho pelo sofrimento, até findar a própria vida, numa situação de doença, que a recebe como dom de Deus.

³²¹ Transcrevemos o que nos diz Pe. Jorge Ferreira: «O Bernardo é antes de mais um místico. Não o místico das alturas inacessíveis, que também os há. Mas um místico dum medida razoável, revelando-se por vezes sublime na maneira como aborda certas questões» (FERREIRA, JORGE - *Bernardo Vasconcelos, O monge-Poeta*. p. 60).

³²² Servo de Deus Dom Pie Hemptinne foi discípulo de Dom Columba Marmion. Tem um percurso monástico muito idêntico ao de Frei Bernardo. Também ele nos deixou, pelos seus escritos, um testemunho grandioso da vida monástica nos trilhos da mística (Cf. HEMPETINNE, JEAN – *Dom Pie de Hemptinne*. Belgique, Editions de Maredsous, 1963).

³²³ É considerado por muitos como um dos maiores místicos do séc. XX. Morreu ainda noviço da Ordem Cisterciense da Estrita Observância, no Mosteiro de St. Isidro de Dueñas - Espanha (Cf. RAFAEL, FRAY MARIA – *Vida y escritos de Fray María Rafael Arnáiz Barón*. Madrid, PS Editorial, 1984).

Na doença de Frei Bernardo da Anunciada observamos a ideia de um *martírio místico*, testemunhado também pela sua espiritualidade monástica. A união das expressões *martírio* e *mística*, são fruto dos seus poemas e da sua vida. Numa carta a um sacerdote, confessava:

«além da altíssima e inigualável poesia do Ofício Divino, há a beleza insuperável da união dos corações, da renúncia total, do “martírio da paz”... um martírio todos os dias que nos vai pouco a pouco fazendo sair de nós mesmos, ou, n’outro sentido, nos vai fazendo entrar em nós mesmos para que aí vivamos d’Aquele que é o nosso tudo, a parte que escolhemos e a herança que nos há-de tocar p^a todo o sempre»³²⁴.

O pouco de todos os dias, o todo num grande conjunto, é assim que Frei Bernardo considera a vida monástica como o juntar de todas as acções, rumo a união completa com Deus.

Assinalamos que muitos biógrafos carinhosamente utilizaram expressões para apelidar os Santos, e no caso de Frei Bernardo temos um bem conhecido: *hóstia em sangue*. A expressão aparece um pouco nos seus escritos e poemas. Na conferência *Do Ideal Cristão*, o autor demonstra-nos uma profunda vontade de viver um cristianismo real, sem meios termos, vontades, ou disposições, mas numa totalidade, transmitindo assim a ideia sacrificial que ele próprio sintetiza: «a vida do cristão deve ser ao mesmo tempo uma vida e uma morte; e deve ser uma morte para que seja uma vida – a verdadeira e única vida»³²⁵.

Não podemos entender a mística senão pelo meio mais caro, mais eloquente, com que a devemos definir: união de amor com Deus: aí o martírio está intimamente ligado à mística porque é acto de permanência e prova na fé até à hora da morte. A mística e o martírio são a linguagem, estado, experiência, pensamento e acção dos enamorados de Deus.

Na Sagrada Escritura a palavra *martírio* – μαρτυρίων³²⁶ – aparece sempre relacionada com o *testemunho*. No que diz respeito aos exemplos dessa relação podemos

³²⁴ PRO IV, PARTE XII, Carta nº 1.

³²⁵ VASCONCELOS, BERNARDO – *Eucaristia e Ideal Cristão*. Braga, Boletim Frei Bernardo, 1999. p. 27.

³²⁶ Neste pequena referência à palavra martírio na Sagrada Escritura, no Novo Testamento apontamos alguns exemplos em que a palavra tem um sentido testemunhal, uma vez de testemunhas oculares de Jesus Cristo (Lc. 24, 47-48) quer no sentido da própria vida (Act. 1, 8), como também de um sentido interior da consciência utilizada por Paulo (2 Cor. 1, 12). Da riqueza do termo em si, podemos também referir ao testemunho do quarto Evangelho, cujo autor é testemunho da vida de Cristo (Jo. 3, 11-32) (Cf. GREEN, JAY P. – *The Interlinear Greek-English New Testament*. United States of America, Hendrickson Publishers, 2005).

verificar que: o povo é *testemunha* de Deus quanto à aliança, e nessa experiência o próprio Deus também é testemunha dessa mesma promessa, pela fidelidade. No Novo Testamento, muitos textos estão relacionados com o *testemunho*, consoante a morfologia da palavra utilizada: martírio, mártir, entre outras. Mas ela é sobretudo detentora de um significado que se nos demonstra como causa, onde o meio é a própria vida em Deus. Se no Antigo Testamento *martírio* significa também “prova”, podemos considerar válida a sua junção com a espiritualidade bernardeana.

Vimos nos poemas do jovem monge a ardente busca de Deus, da verdadeira *quaerere Deum*, como expressa São Bento na Regra, uma busca de amor e só de amor. Procurando e encontrando o que pretende, mergulha e penetra ainda mais no mistério do «fogo do amor»³²⁷.

Uma mística sem sofrimento na procura de Deus, sem o sofrer da alma, desprovida de intimidade, é apenas um fanatismo por uma doutrina, uma série de pensamentos fantásticos que não tocam a inspiração, nem no mais pequeno sentimento, deixando-nos ao engano. A cruz não é um sofrimento vinculado à nossa existência natural, mas antes à verdadeira realidade de sermos cristãos³²⁸. A mística sem sofrimento é apenas máscara de boa vontade, cheia de imprecisões, insegurança angustiante entre agir e o não agir. Frei Bernardo quando nos dá a conhecer as razões da sua vida interior explica com os exemplos da sua vivência:

«Este alternar constante do trabalho e da oração, da oração e do trabalho, que torna esta vida mortificada tão leve, tão grande, tão alta e até tão alegre. Sim, porque todos estes trabalhos humildes, mortificações, sacrifícios se fazem com paz na alma e com alegria, santa alegria, no coração»; e continuava: “Ah! como se enganam os que julgam que passamos vida regalada! E como se enganam os que julgam que não há alegria nem amor cá dentro, mas tão somente hipocrisia e tristeza, misantropia e egoísmo. Que venham respirar um pouco neste ambiente sobrenatural!»³²⁹.

O Servo de Deus descreve o ambiente da vida monástica como sendo *sobrenatural*, completamente apaixonado por essa forma de vida, inteiramente dado a ela. A vida monástica

³²⁷ VASCONCELOS, BERNARDO – *Cântico de Amor*. p. 131.

³²⁸ Cf. BONHOEFFER, DIETRICH – *El Precio de La Gracia, El Seguimiento*. Salamanca, Ediciones Sígueme, 2007. p. 55.

³²⁹ PRO III, PARTE I, Carta n° 14.

para Frei Bernardo, é o caminho de perfeição para aqueles que verdadeiramente buscam a Deus. A oração e o trabalho, sacrifício e louvor, são para ele os instrumentos mais simples e belos que o fazem aspirar às altas considerações e disposições da alma, que deseja e anseia por um alto voo. Quem entra no caminho do discipulado, situa-se precisamente na morte de Jesus, transforma a sua vida em morte; a cruz e o sofrimento não são meta de uma vida piedosa e feliz, mas encontram-se no início da comunhão com Cristo³³⁰. Deus propõe ao homem a felicidade, essa felicidade de Se poder revelar ao homem, e deste aceitar Deus. O homem pode responder com a dúvida e até o afastamento, mas Deus visita³³¹ o homem, e oferece-lhe os seus dons, que não o aniquilam na sua condição. O sofrimento tem sempre o seu contrário, a alegria. Por isso quem sofre não é feliz, mas esta vivência do sofrimento pode encontrar no cristianismo um outro lado, quando apresenta o homem «enquanto eu transcendental gerado na Vida absoluta como filho»³³² de Deus.

Na situação de doença, privilegiando-se pelo sofrimento no encontro com Cristo sofredor, na procura incessante de Deus e na simples procura que é festa do reencontro, Frei Bernardo, aceita-se como vítima. Aceitará essa missão como vontade de Deus, como ele próprio descreverá: «a história da graça que o Senhor me fez, com a grande doença que me deu»³³³.

A partir da obra *Cântico de Amor*, podemos afirmar que não encontramos nenhum poema que contenha a palavra *martírio*. Mas, acaso podemos dizer que esse desejo não esteja presente numa poesia mística, solta, livre, em que o poeta, ao sabor da pena, deixa tantas vezes, pequenas mensagens nas entrelinhas? Não temos a palavra *martírio* explicitamente, mas existe essa bela ideia em tantas expressões: «o sacrificio é o resgate»³³⁴; «creio que até à morte hei-de correr /atrás da luz, em fêrvida carreira...»³³⁵; «que consagrei nas aras do Senhor/ num holocausto vivo e consumado»³³⁶; «hora gloriosa da alma/ que partiu...»³³⁷; «Mas busco um abandono angustioso/ pra ser só hóstia em sangue... luz acesa!»³³⁸. A linguagem do monge poeta fala num sofrimento, de imolação contínua, quer que a sua alma se una completamente ao divino, que o consumará até a morte. Cristo não acrescenta a Sua própria

³³⁰ Cf. BONHOEFFER, DIETRICH – *El Precio de La Gracia, El Seguimento*. p. 56.

³³¹ Cf. GESCHÉ, ADOLPHE – *El Hombre*. Salamanca, Ediciones Sígueme, 2010. p. 129.

³³² HENRY, MICHEL – *Eu sou a Verdade*. Lisboa, Vega, 1998. p. 206.

³³³ FERREIRA, JORGE - *Bernardo Vasconcelos, o monge poeta*. p. 39.

³³⁴ VASCONCELOS, BERNARDO – *Cântico de Amor*. p. 89.

³³⁵ VASCONCELOS, BERNARDO – *Cântico de Amor*. p. 103.

³³⁶ VASCONCELOS, BERNARDO – *Cântico de Amor*. p. 126.

³³⁷ VASCONCELOS, BERNARDO – *Cântico de Amor*. p. 166.

³³⁸ VASCONCELOS, BERNARDO – *Cântico de Amor*. Porto, Edições Ora & Labora, 1982. p. 28.

dor à do mártir, mas toma³³⁹ sobre Si a dor de quem padece pela Sua, e substitui misticamente o frágil corpo de quem sofre pelo Seu. Na espiritualidade de Frei Bernardo, como sublinha Balthasar, existe uma «via livre»³⁴⁰, porque, na medida em que estamos aptos a responder à graça do amor, Deus manifesta-se em nós, faz-se habitar na nossa condição.

O mártir não tem medo de morrer pela fé porque nele está Cristo, porque o fim é provar essencialmente a fé. Se Deus é o Deus dos vivos, então a morte não é o fim, o término, pois o cristão com a verdadeira fé na ressurreição³⁴¹ mostra ao mundo e nele constrói o próprio reino de Deus. A teologia da Cruz, como refere Moltman, submete todas as «criaturas à caducidade e ao nada»³⁴², mas Deus toma esse nada, para restaurar todas as coisas e realizar a nova criação.

A morte de Frei Bernardo é o cume do caminho da cruz. Ele que dizia que a cruz devia ser levada «aos abraços»³⁴³ e não de rastos, mostrando a capacidade de aceitar o sofrimento como dom redentor de Deus porque nestas situações, nos dramas³⁴⁴ e sofrimentos da vida, Deus não é indiferente, mas está presente, acompanhando cada homem, na dura prova. Cristo não morre com outro fim senão para a nossa salvação, porque o «modo da sua morte indica uma maneira de viver mais que o fim da existência»³⁴⁵, e o dom de si mesmo designa o *ser* de toda a sua vida de salvação.

Tomados pelo exemplo de Cristo, temos almas que penetram nestes mistérios de amor, do qual Frei Bernardo é prova. Tomando por empréstimo as palavras de Teilhard de Chardin, refazemos nós, neste final de capítulo, a mesma pergunta: «Não será um facto positivo que, há vinte séculos para cá, milhares de místicos tenham ido buscar à sua chama ardores tão apaixonados que deixam ficar muito para trás, em brilho e pureza, os impulsos e as devoções de qualquer amor humano?»³⁴⁶.

³³⁹ Segundo Gavrilyuk, Cristo aos mártires, paradoxalmente, tem o poder de sofrer a tortura (Cf. GAVRILYUK, PAUL – *El Sufrimiento del Dios Impasible*. Salamanca, Ediciones Sígueme, 2012. p. 97).

³⁴⁰ BALTHASAR, HANS URS VON – *Só o Amor é digno de Fé*. Lisboa, Assírio & Alvim, 2010. p. 77.

³⁴¹ Cf. PESCH, OTTO HERMANN – *La muerte de Jesus Nuestra Vida*. Salamanca, Ediciones Sígueme, 1992. p. 88-89.

³⁴² MOLTMAN, JÜRGEN – *El Dios Crucificado*. Salamanca, Ediciones Sígueme, 2010. p. 249.

³⁴³ VASCONCELOS, BERNARDO – *Vida de Amor*. p. 287.

³⁴⁴ Cf. VIEIRA, DOMINGOS LOURENÇO – *Deus presente na morte?*. In: BROTERIA. Vol. 177. Braga, Brotéria – Associação Cultural e Científica, 2013. p. 329.

³⁴⁵ FALQUE, EMMANUEL – *Pasar Getsemaní*. Salamanca, Ediciones Sígueme, 2013. p. 122.

³⁴⁶ CHARDIN, PIERRE TEILHARD - *O Fenómeno Humano*. Porto, Livraria Tavares Martins, 1965. p. 327.

CONCLUSÃO

O tempo de uma vida, muitas vezes, pode resumir-se a datas marcantes e a outras recordações das quais fazemos registo como «cantares do exílio»³⁴⁷, ou talvez para relembrar-mos «a reconstrução de um mundo puro»³⁴⁸ ao longo da nossa existência, ou para relembrarmos alguém. Neste estudo sobre Frei Bernardo da Anunciada procuramos trazer à luz a fisionomia do homem místico. A sua vida, obra poética e escritos são manancial de riqueza espiritual, fundamentalmente, no âmbito de uma espiritualidade contemporânea; prova da concretização religiosa na vida, pautada pela voz da Sagrada Escritura. Nesse sentido, a pessoa do monge poeta foi, como já dissemos, exemplo e manifestação de possibilidades cristãs. Cada um de nós é chamado a viver pela reciprocidade permanente da presença de Deus, que habita e faz morada em cada homem, o que muitas das vezes se particulariza em factos da vida.

Destacamos alguns aspectos, hoje necessários para uma espiritualidade no sentido cristocêntrico, que Frei Bernardo nos deixa: o amor como acto de entrega e renúncia – união com Deus; a vivência da sua consagração religiosa – conhecimento teologal; o caminho de uma mística martirial, pelo oferecimento da sua vida – vida mística.

A união implica sempre duas partes dispostas a revelarem-se separadas por alguma razão. A união no campo espiritual dá-se quando o homem deseja a união com Deus de forma prática. Essa transformação em Frei Bernardo não tem um período estabelecido. Podemos

³⁴⁷ VASCONCELOS, BERNARDO – *Cântico de Amor*. p. 97.

³⁴⁸ ANDERSON, SOPHIA DE M. B. – *Obra Poética*. Lisboa, Caminho, 2011. p. 308

confirmar esse acontecimento na consagração à vida monástica, ou então que este acto deu mais visibilidade à unidade com Deus.

Na vida dos santos, a união é acontecimento já iniciado e sempre inacabado. É transformação nunca submetida, mas operada na liberdade. Numa perspectiva particular podemos afirmar que o monge poeta iniciou essa união com a procura de Deus. Prevalece nele, depois da conversão, uma sede de ideal que durará, mesmo nas vezes em que não o diz, até ao último suspiro. Vimos como nos seus escritos condensa de forma particular a experiência da união de amor: deseja o amor na certeza que o saboreia, embora na parte ínfima da possibilidade humana e não na totalidade.

O projecto de Frei Bernardo na sua aspiração vocacional ao sacerdócio ficaria pela metade, isto é, obteve de Deus sinais que lhe fizeram compreender que era chamado a outra missão, seguir outra via (mais) santificante, deixando-lhe, contudo, a possibilidade da escolha. Não foi cego no sim, no *fiat*, mas pela experiência com Deus, logo entendeu a dinâmica de um outro caminho espiritual, certamente mais penoso, mas concretamente singular. Porém não deixou de pensar no grande sonho de ser sacerdote. Acabando, por fim, por viver um sacerdócio de sacrifício de contínuo oferecimento.

A sua profundidade teológica faz transparecer este *pequeno* caminho marcado pelo sofrimento, e encontrado na imolação: orientado para Deus, a vida cristã do monge poeta assenta na fé, na caridade, e na esperança, é dedicada, constantemente e por completo, aos meios que serão recursos preciosos para o caminho. Pela renúncia, que ele afirmava ser o caminho, alcançou a participação no mistério da paixão de Jesus Cristo³⁴⁹.

A vida mística em Frei Bernardo é o elemento central da sua história. A experiência com Deus abriu nele uma via de conhecimento e de amor, via essa insuflada pelo Espírito Santo que o cumulou de dons, sendo o mais visíveis os da fé e da renúncia. Os poemas e escritos reflectem essa percepção de Deus, deixando na alma uma transparência de sabedoria activa nas verdades da oração e da caridade. Outra capacidade, que Frei Bernardo nos dá claríssimo exemplo é, sem dúvida, a renúncia. Da sua correspondência que ao longo do

³⁴⁹ O Papa-Emérito Bento XVI, numa das suas obras, refere: «Ele transforma por dentro o acto de violência dos homens num acto de doação por esses homens, num acto de amor. Isto mesmo se torna dramaticamente evidente na agonia do Jardim das Oliveiras. Aquilo que Jesus afirma no ermão da Montanha, põe-no Ele agora em prática: não coloca a evidência em confronto com mais violência, como podia ter feito; antes pelo contrário, põe termo à violência, ao convertê-la num acto de amor. O acto de matar, o acto da morte, é transformado em amor; a violência vencida através do amor. Tal é a transformação em amor; sobre ela assenta tudo o resto. É a verdadeira transformação, aquela de que o mundo precisa, a única que o pode redimir. Porque Cristo transforma por dentro a violência e a vence num acto de amor, a própria morte é transformação; ou seja, o amor é mais forte do que a morte. O amor permanece» (RATZINGER, JOSEPH – *A Caminho de Jesus Cristo*. Coimbra, Edições Tenacitas, 2006. p. 123-124).

trabalho nos propusemos analisar, proporcionou um manancial de exemplos dos valores cristãos: o seu pensamento revela-nos o encontro com a vontade de Deus, exemplifica a acção do Espírito Santo na vida das almas e, não menos importante, a realidade autêntica e fecunda dos sacramentos.

Portanto, abordar o tema espiritual da mística na vida de uma pessoa concreta é sempre ocasião para, precisamente, nos darmos conta dos desígnios de Deus na história da humanidade. Deus adequa-se à nossa realidade. O sofrimento não é uma escolha.

O martírio místico acontece na vida de Frei Bernardo da Anunciada pelo seu amor a Deus. Antes de querer ser sacerdote queria ser Santo! Esse desejo está profundamente difundido em tudo o que já citamos. É um amante da sua vocação, como monge, mesmo estando com licença e dispensa da vida claustral, para se curar, ou dizendo verdade, para se imolar. Na procura da sua existência humana, a experiência religiosa faz dele um homem de fé que o abarca por completo, ao ponto da sua vida sofrida ser toda para Deus. A doença, *mal de pott*, é a coroa do martírio porque, nesse oferecimento, a sua vida morreu para a vida de Cristo nascer, dentro de si, naquele coração quase insondável.

Aos olhos do mundo, Frei Bernardo aparece-nos como um fracassado. Morre jovem, sem completar o sonho de ser sacerdote. Aos olhos da comunidade monástica e da Igreja, é um baptizado privilegiado por Deus. A vivência da consagração monástica marcou-lhe a vida, como exigência premente, originando a obra de santidade.

Por certo, sendo os nossos tempos contraponto de tudo o que é religioso e transcendente, Frei Bernardo, pela sua experiência, pode-nos mostrar a beleza da santidade, reactualizando-a como um caminho essencialmente feliz e suficiente para o Homem: viver a sagrada escritura como diálogo da vida.

Teologicamente, a mensagem bernardeana assenta numa cristologia completamente formulada a partir da cruz, do sofrimento. Na origem da experiência pessoal, os sinais de santidade foram penetrando no percurso interior, fazendo crescer uma percepção natural que Frei Bernardo depois exteriorizava não apenas no seu olhar mas em tudo o que fazia. A sua forma concreta, alma simples, com uma graça poética, antevia para os que o conheceram, um rumo orientadíssimo para Deus. E essa orientação actuou de forma gradual, por diferentes níveis, até completar o tempo necessário para que a sua missão tivesse o término e se completasse na perfeita união com Deus.

O monge poeta foi místico, não por ter contemplado no seu corpo os estigmas da paixão, ou experiências tão intensas como essa, mas pela interioridade do coração, pela recepção e cooperação na renúncia, pelo sofrimento da própria carne humana, mas na

linguagem divina. Foi mártir na sua experiência de doente, alma vítima, *hóstia em sangue*, pela autenticidade do percurso do caminho da cruz, sempre *aos abraços*, o que pressupõe uma profundidade da realidade vivida.

Desenvolvemos ao longo do trabalho a ideia de *martírio místico*, como novidade na mensagem e vida deste santo irmão que nos precede na glória de Deus. Nessa expressão *martírio místico*, cremos ter encontrado a interpretação e simbolismo da vida de Frei Bernardo, cujo sofrimento amplamente imolativo foi prova. Não faria sentido este trabalho se apenas limitado à recolha de dados biográficos, aliás insuficiência que recusámos de antemão, mas procurámos descobrir e trazer à luz elementos de novidade sobre o Servo de Deus Frei Bernardo, e que poderão abrir portas para futuros trabalhos.

O testemunho de Frei Bernardo da Anunciada, pela sua imolação martirial e poesia mística, serve de exemplo e modelo para uma Igreja que vive os alvares da Nova Evangelização, para uma humanidade que procura Deus e para todos os que buscam um ideal. Mas, a história do monge poeta apresenta-nos uma alternativa para todos os que sofrem ao propor «que com Ele nos deixemos ferir e confiemos no Amor, que é capaz de arriscar desfazer-se da beleza exterior para, justamente desse modo, anunciar a verdadeira beleza»³⁵⁰. Finalmente, é também na cultura que a sua obra poética se torna inoportuna, uma vez que tudo está marcado pelo selo da secularização; a evangelização pode encontrar perfeitamente nas obras de Frei Bernardo um meio de conversão.

³⁵⁰ RATZINGER, JOSEPH – *A Caminho de Jesus Cristo*. p. 44.

ANEXO DOCUMENTAL

ANEXO I

Primeira Carta de Frei Bernardo a Dom António Coelho:

«Tomo a liberdade de me dirigir a V. R. para lhe expor, o melhor que puder, o que eu chamo – “o meu caso” – e para que sobre ele V. R. me diga o que julgar conveniente.

Tendo eu, no princípio deste ano lectivo (sou estudante em Coimbra), sofrido uma crise longa e profunda de desalento; e sendo esse abatimento moral acompanhado de um grande abatimento físico, acordei um dia fisicamente melhor e a lembrar-me não sei como do sacerdócio.

Seria tão bom, dizia eu, se tivesse vocação, dar-me todo a Deus Nosso Senhor! Mas não eu não tenho vocação!... E ficava cheio de pesar! Senti então que a crise tomava outra orientação: de desalento passava a haver luta. A ideia da vocação sacerdotal não me largava e eu... se bem que a acarinhasse, fugia-lhe.

Em tal estado andava, que um dia desabafei com o Presidente do C.A.D.C. de Coimbra (eu sou o Vice. P.), expus-lhe todo o meu tormento e ele desde logo me declarou que, pela facilidade em ser casto, que lhe confessei, e pela tristeza que sentia ao lembrar-me que não tinha vocação para sacerdote, lhe parecia poder afirmar que em tudo isso estava uma prova da vocação que eu julgava não ter. E logo combinou comigo ir expor o caso ao Dr. Cerejeira, virtuoso sacerdote, professor da Universidade de Coimbra.

E este disse-lhe que concordava em princípio com a sua opinião. Ao outro dia fui eu expor-lhe mais detalhadamente este «meu caso» e ele logo me permitiu que encarasse de frente a ideia do sacerdócio, dizendo-me que a primeira coisa a fazer seria tratar da saúde.

Quero ainda contar a V. R. um pormenor interessante: há quase um ano acabei um namoro que tive e que durou perto dum ano. Dele dera parte a minha família, excepto meu pai, e um dia, em férias, em pleno período do mais puro entusiasmo, tive durante dias a ideia de ir para sacerdote, o que a minha mãe e uma das minhas irmãs (únicas pessoas a quem o disse então) aprovaram plenamente, dizendo que sempre julgaram ser esse o rumo que deveria tomar. E sabe V. R.? Eu gostava e não gostava... Andava com tanta seriedade e com tal gosto que eu mesmo me compenetrava de que levaria tudo ao casamento. Mas tinha grande tristeza no fundo, e sentia sempre um vácuo imenso, que à força de me atormentar me venceu, até que um dia, com grande desgosto que tive, terminei bruscamente tudo numa carta que, muito

embora levasse as melhores e mais sinceras palavras, levou também um grande choque. Graças a Deus algum bem lhe fez a convivência comigo. Deus seja louvado por se ter dignado permiti-lo.

Tomada em Coimbra a resolução de vir a ser sacerdote, com a aprovação do Sr. Dr. Cerejeira, que passou a dirigir-me, e do Sr. P. Lopes de Melo, nunca mais duvidei da minha vocação e todos os dias fazia na Sagrada Comunhão a promessa de ser fiel a tão grande graça. Deus sabe que o não tenho cumprido inteiramente!...

Mas agora trata-se de saber que lugar devo ocupar. E é sobre este ponto principalmente que eu peço a atenção de V. R., pois o julgo bem delicado e tenho desejo de, com a ajuda de Deus, Nosso Senhor, o resolver o melhor possível.

Lembrava-se o Sr. Vice-Reitor do Seminários de Coimbra a quem o Sr. Dr. Cerejeira falou, de que eu poderia concluir o curso de Direito e tirar depois Teologia para assim ter mais uma carta comprovativa de estudos necessários para ficar em qualquer lugar como simples sacerdote. Mas porque estou ainda no 1º ano de Direito e porque sinto o desejo de entrar o mais depressa possível no meu caminho, desde logo declarei que não me sorria tal solução. Lembrou-me o Sr. Dr. um curso de Teologia em Roma, mas... Há ainda um mas... que eu não sei dizer mesmo qual seja.

E toda a minha inclinação vai para os filhos de S. Bento. A traços largos conhecia eu a sua vida quando tal inclinação se despertou em mim. Posso mesmo dizer que desde o dia em que o sacerdócio passou a ser o meu ideal, logo os meus olhos e, com eles, o meu coração, se dirigiram para a Ordem de São Bento.

O Sr. Dr. Cerejeira emprestou-me um belo livro histórico *Les Bénédictins*, e ainda há pouco li, por indicação dele e recomendação do Sr. Dr. Pereira dos Reis, o interessante livro *Une journée chez les moines*, que me satisfez quase inteiramente – e digo inteiramente no sentido de que me não falou, como eu desejava, da vida íntima dos noviços.

Li com prazer e uma avidez indescritíveis e só tive pena de que me não permitissem que o trouxesse comigo para ler e saborear em férias.

O serem “pequena igreja”; a variedade de obras a que se dedicam, o que permite uma mais perfeita escolha de especialistas – e é ver a grandeza de tantos dos seus queridos nomes no Papado, na Liturgia, nas Letras, nas Artes, nas Missões, etc!... – a sua maneira especial (se é que assim posso dizer) de serem contemplativos; a sua feição eminentemente artística; um sem número de coisas, enfim, faz com que todas as minhas simpatias sejam para eles, os filhos de S. Bento.

Em mil coisas pequeninas reconheço a necessidade dum jugo suave (há quanto tempo o desejava, lá de quando em quando!) e de me consagrar a Deus Nosso Senhor no recolhimento e apagamento numa cela. Os meus melhores e mais queridos amigos – e que melhor me conhecem – são da mesma opinião. Um certo jeito artístico que eu ponho por vezes nas cositas que escrevo, e um acentuado misticismo que esses escritos testemunham, contribuem também para que a minha inclinação seja essa.

E assim, dizendo eu um dia ao Pe. Lopes Melo (de que falo atrás) que resolvera a minha crise com uma solução – o sacerdócio – ele perguntou-me imediatamente: “só?” E eu tive então de lhe dizer, embora a medo... Tenho alimentado a esperança de vir a ser beneditino. E ele então com o seu jeito facetado, ripostou logo: “Eu bem dizia, de mim para mim: S. Bento ainda há de caçar aquele Bernardo...”.

E deu logo as razões que o levaram a pensar assim: “pequenas coisas exteriores e esse temperamentozito artista que por aí anda...”.

Tendo eu lido durante as férias grandes a *Vida e Obras de S. Francisco de Assis*, magistral trabalho do convertido Joergensen, concebi a ideia de fazer um livrito de versos (tenho escrito alguns de feição mística) intitulado *Cântico de Amor* e todo dedicado a Deus Nosso Senhor.

Numa frase de transição para uma vida melhor, escrevi um soneto que tinha um terceto que impressionou o poeta Teixeira de Pascoais e um jovem poeta, meu amigo, e de que várias pessoas gostaram muito.

*A renúncia é o caminho... e tão custoso
Que eu ergo as mãos p'ra Deus, aflito, ansioso,
Num íntimo prenúncio de fraqueza.*

Aconselharam-me até que o tomasse para legenda, etc.

Com bem pouco se impressionam os que vivem no mundo, o que prova bem a falta de amor de Deus de que enferma o nosso querido Portugal. Esse livrito seria dividido em duas partes: “as criancinhas” a primeira, e para “os rapazes da minha terra” a segunda. E quer V. R. saber? Não dedicaria soneto algum a ninguém. E o próprio livro seria dedicado só a Deus Nosso Senhor.

Poucos sonetos tinha, porém, e não senti nunca saúde nem inspiração para o fazer e por isso não lhe toquei mais. isto vem para dizer a V. R. o que eu sou, pois nesta carta pretende ser, antes de tudo, uma revelação e é por isso mesmo que eu, pouco modestamente,

venho falar de certas aptidões, para que, sentindo-me mais à vontade, mais facilmente possa abrir-me como desejo.

Devo dizer a V. R. que o Sr. Dr. Cerejeira não só consentiu mas até me aconselhou que pessoalmente me dirigisse a um “monge beneditino”, uma vez que era manifesta a minha inclinação por essa Ordem.

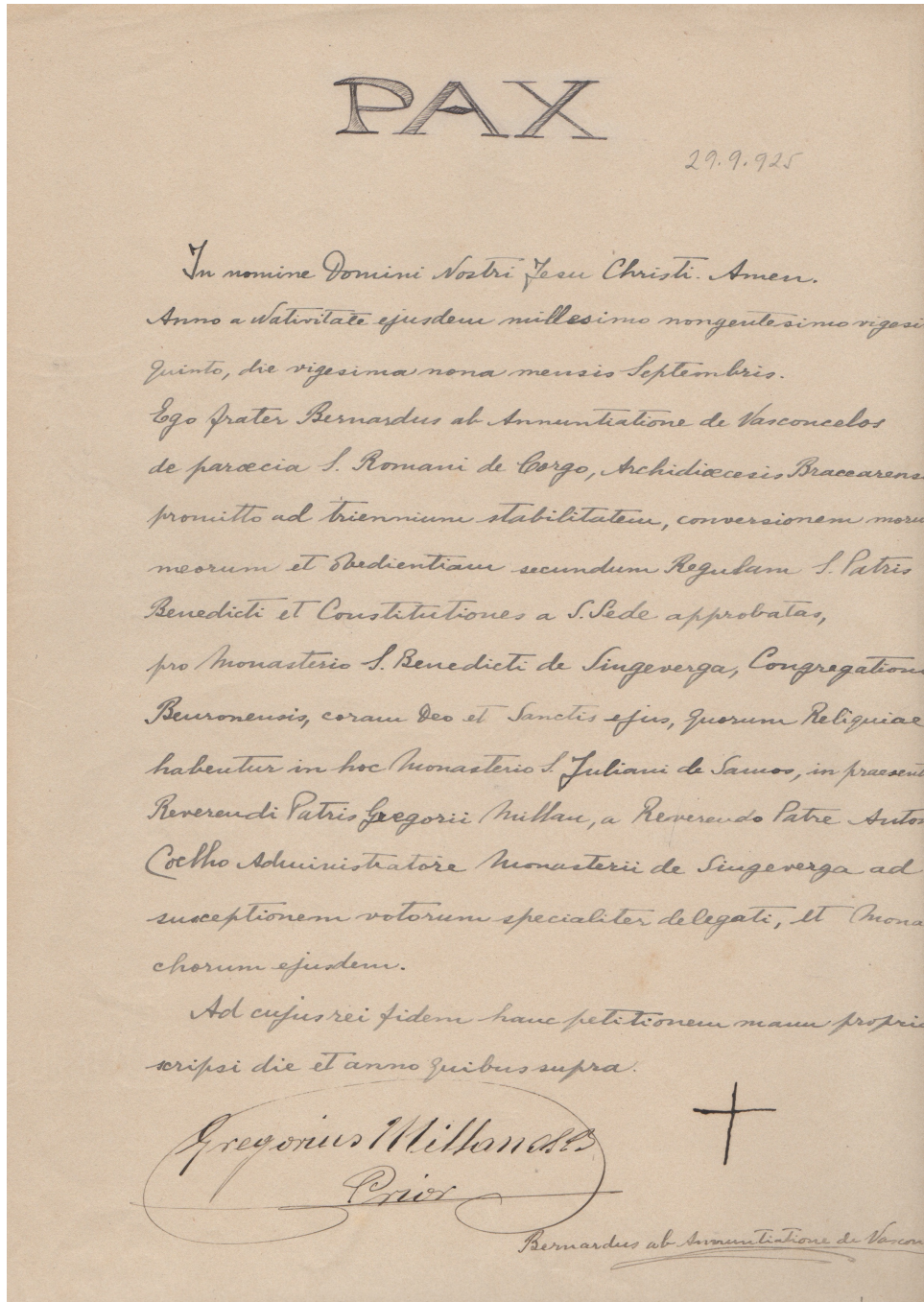
Ele sempre me diz que ainda lhe não parece que eu deva abandonar-me inteiramente à ideia de vir a ser beneditino, pelo que me conhece, e que talvez por aqui anda bastante entusiasmado e muita poesia.

Porque reconheço em mim esse entusiasmo e esse jeito de poetizar as coisas mais sérias, é que eu venho aqui roubar a V. R. alguns momentos hoje, e alguns outros amanhã talvez e depois, se a bondade de V. R. mo permitir e assim for por V. R. julgado conveniente e necessário.

Duas palavras que sejam de V. R. muito me poderão elucidar e talvez até Deus Nosso Senhor se digne mandar muita luz à minha alma por intermédio de V. R. que eu só tenho a honra de conhecer de nome, do livro Liturgia primeiro, e através do Dr. Pereira dos Reis depois» (Carta de 23.12.1923).

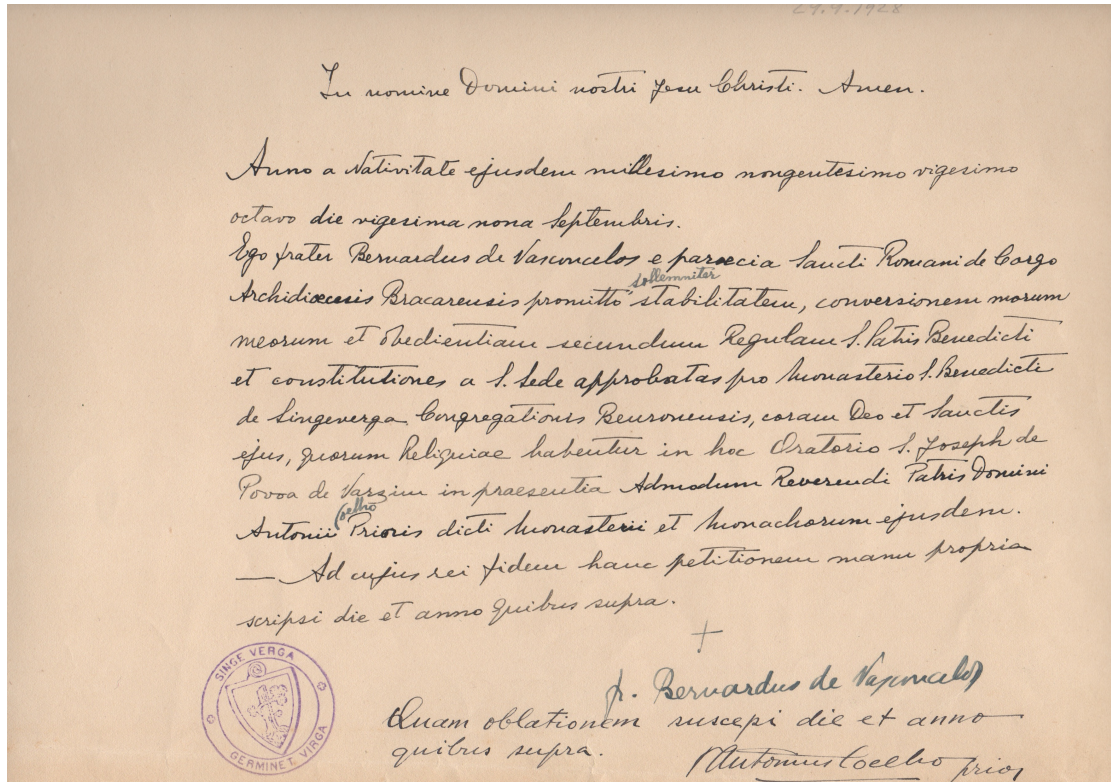
ANEXO II

Carta de profissão – Votos simples (29.9.1925)



ANEXO III

Carta de profissão – Votos Solenes (29.9.1928)



BIBLIOGRAFIA

Fontes Bíblicas

GREEN, JAY P. – *The Interlinear Greek-English New Testament*. United States of America, Hendrickson Publishers, 2005.

Nova Vulgata Bibliorum Sacrorum Editio. Sacros. Oecum. Concilii Vaticani II Ratione Habita Iussu Pauli PP. VI Recognita Auctoritate Ioannis Pauli PP II Promulgata. Libreria Editrice Vaticana, 1979.

Fontes Patrísticas

BENEDICTI, SANCTI – *Regula Monachorum*. Editio Altera Emendata. Belgique, Editions Maredsous, 1955.

BENTO, SÃO – *Regra de São Bento*. Mosteiro de Singeverga, Edições Ora & Labora, 1992.

———, *A Regra de São Bento*. Rio de Janeiro, Lumen Christi, 1990.

CYPRIANI – *Epistola ad Fortunatum, de Exhortatione Martyrii*. Ed. J. P. Migne (PL 4), Paris 1844.

VÉNÉRABLE, BÈDE – *Histoire Ecclésiastique du Peuple Anglais*. Sources Chrétiennes. Paris, Les Editions du cerf, 2005.

VÉNÉRABLE, BÈDE – *Le Tabernacle*. Sources Chrétiennes. Paris, Les Editions du cerf, 2003.

Fontes Medievais

CLAIRVAUX, BERNARD – *Sermons sur le Cantique*. Sources Chrétiennes. Paris, Les Editions du cerf, 1996.

CANTORBERY, ANSELME – *Pourquoi Dieu S'est fait homme*. Paris, Les Editions du cerf, 1963.

HELFTA, GERTRUDE – *Oeuvres Spirituelles*. Sources Chrétiennes. Paris, Les Editions du cerf, 1996.

Fontes Magisteriais

Constitutio Dogmatica de Ecclesia. In: ACTA SYNODALIA SACROSANCTUM CONCILIUM OECUMENICUM VATICANUM II – Vol. III, Pars VIII. Vaticano, 1964. pp. 784-836.

PIUS XI – *Inter Ordinis Sancti Benedicti*. In: ACTA APOSTOLICAE SEDIS – Vol. XXX. Roma, 1938. N° 284-285.

Fontes Teológicas

VASCONCELOS, BERNARDO – *Vida de Amor*. Viseu, Ora & Labora, 2002.

———, *A missa e a vida interior*. Braga, Livraria Pax Editora, 1961; *La misa y la Vida Interior*. Traducción castellana de Diego Manzano Jado. Prólogo de José M.^a Conillera Caballé, PBRO. 2º Edición. Valencia, Editorial Tipografía Moderna, 1943.

———, *Cântico de Amor*. Porto, Ora & Labora, 1982.

———, *Do Ideal Cristão*. Braga, Livraria Editora Pax, 1981.

———, *Your Mass*. London, Scepter, 1960.

A) Estudos

ALMEIDA, FORTUNATO – *História da Igreja em Portugal*. Porto-Lisboa, Livraria Civilização - Editora, 1970.

ALMEIDA, AVELINO; LOURENÇO, M. SANTOS – *O Livro de Ouro do Padre António Vieira*. Porto, António Dourado, Editor Catholico, 1897.

ANCILLI, ERMANNIO – *Diccionario de Espiritualidad II*. Barcelona, Editorial Herder, 1983.

ANTÓN, MIGUEL MARTÍNEZ – *Conocer el Monacato de Nuestro Tiempo*. Zamora, Ediciones Mente Cassino, 2001.

ANDRADE, ANDRÉ M. – *Episcopológico Benedictino Português*. In: MENSAGEIRO DE SÃO BENTO. Ano XI, nº 7. Mosteiro de Singeverga, 1942. pp. 277-292.

ANDERSON, SOPHIA DE M. B. – *Obra Poética*. Lisboa, Caminho, 2011.

ARAÚJO, ANA CRISTINA BARTOLOMEU DE – *As invasões francesas e afirmação das ideias Liberais*. In: MATTOSO, JOSÉ – *História de Portugal, O liberalismo*. Lisboa, Editorial Estampa, 1999.

ARTS, HERWIG – *A Temperança, Virtude Estoíca ou Cristã?*. In: COMMUNIO, Revista Internacional Católica. Ano XVI, nº 5. Lisboa, Universidade Católica Portuguesa, 1999.

BALTHASAR, HANS URS VON – *Só o Amor é digno de Fé*. Lisboa, Assírio & Alvim, 2010.

BÁRBARA, MARIA – *O Bernardo*. Viseu, Edição a cargo da família Vasconcelos, 2002.

Beatificationis et Canonizationis Servi Dei Fr. Bernardi de Vasconcelos, Clerici monachi benedictini. Transumptum Processus Informativi super Vita, Virtutibus et Fama Sanctitatis (= PRO). Arquivo da Postulação (Mosteiro de Singeverga). Braga, 1987.

BRASÓ, GABRIEL – *O humilde e nobre serviço do Monge*. Rio de Janeiro, Edições Lumen Christi, 1980.

BOLETIM PAROQUIAL – A VIDA PAROQUIAL. Orgão do Mosteiro de Tibães. Braga, Edição e administração Livraria Pax, 1933 -1938.

BOLETIM FREI BERNARDO – CAUSA DO SERVO DE DEUS. Orgão sob a direcção dos Monges Beneditinos. Porto, Edição do Secretariado, 1982-2014.

BONHOEFFER, DIETRICH – *El Precio de La Gracia, El Seguimento*. Salamanca, Ediciones Sígueme, 2007.

BOAVENTURA, FR. JOÃO DE S. – *Resposta aos Anonymos de Lisboa, ou Tunda Geral sobre os Pedreiros Livres*. Lisboa, Impressão de J. M. Torres. 1823.

BRITO, FREI BERNARDO – *Monarquia Lusitana*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004. Vol. II.

BRANDÃO, FREI ANTÓNIO – *Monarquia Lusitana*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2008. Vol. III.

CAMELOT, T. – *Ignace D'Antioche, Plycarpe de Smyrne, Lettres*. Sources Chrétiennes. Paris, Les Editions du cerf, 1958.

CARVALHO, PAULO – *Dom António Coelho, apóstolo da Liturgia*. In: ORA & LABORA. Ano 1963. pp. 253-262.

CHARDIN, PIERRE TEILHARD – *O Fenómeno Humano*. Porto, Livraria Tavares Martins, 1965.

CHAUTARD, JEAN BAPTISTE – *El Alma de todo apostolado*. Madrid, Ediciones Palabra, 2014.

COELHO, ANTÓNIO – *O Amor da sua vida*. In: ESTUDOS, Órgão do C.A.D.C. de Coimbra, Ano X. Coimbra, 1933, nº 116-117. pp. 521-525.

———, *Curso de Liturgia Romana*. Tomo I e II, 3ª Edição. Mosteiro de Singeverga, Edições Ora & Labora, 1950.

COSTA, BERNARDINO FERREIRA – *Movimento Litúrgico em Portugal*. Mosteiro de Singeverga, Ora & Labora, 2009.

CORRE, FRANÇOISE – *Ce que l'époque peut entendre*. In: CHRISTUS. Nº 215. Paris, Assas Editions, 2007.

CORREIA, F. CARVALHO – *A Organização dos Estudos no Mosteiro de Santo Tirso*. In: HUMANITAS – Revista do Instituto de Estudos Clássicos. Coimbra, 2011.

DIAS, GERALDO COELHO – *Quando os Monges eram uma Civilização, Beneditinos: Espírito, Alma e Corpo*. Porto, Edições Afrontamento, 2011.

———, *Frei João dos Prazeres, OSB - A polémica Monástica e a Literatura Emblemática*. Separata da «Revista de História». Centro de História da Universidade do Porto. Porto, 1979.

———, *Os Beneditinos e as vicissitudes do Mosteiro de S. Bento da Vitória*. In: ACTAS DO CICLO DE CONFERÊNCIAS – Comemoração do 4º Centenário da Fundação do Mosteiro de S. Bento da Vitória. Porto, Arquivo Distrital do Porto, 1997.

DELFORGE, THOMAS – *Serviteur de Dieu Columba Marmion*. Abbaye de Maredsous, Brepols, 1963.

ELIZONDO, MAURO, – *La Vida Benedictina en el contexto de la Vida Cristiana*. Zamora, Ediciones Monte Cassino, 1990.

FARIAS, JACINTO – *A Fé virtude teologal*. In: COMMUNIO, Revista Internacional Católica. Ano XII, nº 5. Lisboa, Universidade Católica Portuguesa, 1995. pp. 410-423.

FALQUE, EMMANUEL – *Pasar Getsemaní*. Salamanca, Ediciones Sígueme, 2013.

FERREIRA, BENTO ALVES – *In memoriam. D. António Coelho* (notas biográficas). Braga, Livraria Pax, 1939.

FERREIRA, JORGE – *Colégio de Lamego, Oficial da Ordem de Instrução Pública*. Lamego, Edições Ora & Labora, 1996.

———, *Bernardo Vasconcelos, O monge-Poeta*. Viseu, Ora & Labora, 2002.

FREY GIL, DE S. – *Satisfação Apologetica, e quinta essência de Verdades averiguadas e apuradas todas*. Lisboa, 1651.

FRIESENEGGER, VIDAL; SASÍA, JESÚS M. – *Nuevas semblanzas Benedictinas*. Zamora, Ediciones Monte Casino, 1993.

GARCÍA GALLO, A. – *El Consilio de Coyanza*. In: ANUARIO DE HISTORIA DEL DERECHO ESPAÑOL. Madrid, 1950. pp. 275-633.

GAVRILYUK, PAUL – *El Sufrimiento del Dios Impassible*. Salamanca, Ediciones Sígueme, 2012.

GESCHÉ, ADOLPHE – *El Hombre*. Salamanca, Ediciones Sígueme, 2010.

GOFFI, TULLO – *La Spiritualità Contemporanea*. Bologna, Edizione Dehoniane, 1987.

GOUGAUD, L – *Les conceptions du martyre chez les irlandais*. In: REVUE BENELECTINE, n° 24. Belgique, Abbaye de Maredsous, 1907. pp. 361-373.

HÄRING, BERNHARD – *Apesar de tudo esperamos*. Porto, Editorial Perpétuo Socorro, 1972.

HENRY, MICHEL – *Eu sou a Verdade*. Lisboa, Vega, 1998.

HERWEGEN, ILDEFONSO – *Sentido e Espírito da Regra de São Bento*. Rio de Janeiro, Edições Lumen Christi, 1953.

HUDLESTON, ROGER – *The Spiritual Letters of Dom John Chapman*. London, Sheed and Ward, 1953.

HARMLESS, WILLIAM – *Mystics*. United States of America, Oxford University Press, 2008.

HEMPETINNE, JEAN – *Dom Pie de Hemptinne*. Belgique, Editions de Maredsous, 1963.

HILESIUM, ETTY – *Cartas 1941-1943*. Colecção Teofanias. Lisboa, Assírio & Alvim, 2009.

JEDRZEJCZAK, GUILLAUME – *Sur un Chemin de Liberte*. Québec, Anne Sigier, 2006.

JORGE, ANA MARIA C. M. – *A vida monástica na Hispânia durante a Antiguidade Tardia*. In: AZEVEDO, CARLOS MOREIRA (Dir.) – *História Religiosa de Portugal*. Lisboa, Círculo dos Leitores, 2000. Vol I, p. 203.

KURICHIANIL, JOHN – *A Biblical approach to The Rule of St. Benedict*. Nagasandra, ISBF Publications, 2010.

LAPIERRE, JEAN-PIE – *Règles des Moines*. France, Éditions du Seuil, 1982.

LECLERQ, JEAN – *Spiritualité et Culture à Cluny*. Convegna del Centro di Studi Sulla Spiritualità Medievale. Todi, Presso L'Accademia Tudertina, 1960.

LEMOS, J. – *Os Frades, Defeza, Justificação, e Apologia*. Centro de Propaganda Catholica em Portugal. Guimarães, Imprensa Comercial, 1884.

LELLO, JOSÉ; LELLO, EDGAR – *Lello Universal, Dicionário Enciclopédico Luso-Brasileiro*. Porto, Lello & Irmão Editores, 1973.

LINAGE, ANTÓNIO CONDE – *S. Bento e os Beneditinos* (Tradução de Dom Gabriel de Sousa). Braga, Edição da Confraria de S. Bento da Porta Aberta, 1989-1996.

MARQUES, PEREIRA – *O Colégio de Lamego e o C.A.D.C. na vida de Bernardo Vasconcelos*. In: ESTUDOS, Órgão do C.A.D.C. de Coimbra, Ano X. Coimbra, 1933. pp. 630-646.

MARTINS, MÁRIO – *Laudes e Cantigas Espirituais de Mestre André Dias* (Coligadas, anotadas e comentadas). Lisboa, Oficinas de Ramos, Afonso & Moita, 1951.

MATIAS, ABEL – *Colégio de Lamego, 50 ecos beneditinos*. Lamego, Edições Ora & Labora, 1998.

———, (Cord.) *Colégio de Lamego, 150 anos a Formar e a Educar*. Lamego, Edições Ora & Labora, 2009.

MATTOSO, JOSÉ – *L'introduction de la Règle de S. Benoît dans la Péninsule Ibérique*. In: REVUE D'HISTOIRE ECCLÉSIASTIQUE. Lovaina, 1975.

———, *Identificação de um País, ensaio sobre as Origens de Portugal 1096-1325*. Lisboa, Editorial Estampa, 1991.

MARMION, COLUMBA – *Le Christ Idéal du Moine*. Belgique, Abbaye de Maredsous, 1936.

———, *Le Christ Vie de l'âme, L'Esprit-Saint, Esprit de Jésus*. Paris, P. Lethielleux, 1997.

MARTINELLI, PAOLO – *Deus no Coração do Cristão, O mistério de uma crescente presença*. In: COMMUNIO, Revista Internacional Católica. Ano XX, nº 1. Lisboa, Universidade Católica Portuguesa, 2003.

MEIRELES, FREI ANTÓNIO DA ASSUNÇÃO – *Memórias do Mosteiro de Paço de Sousa*. Academia Portuguesa da História. Publicações Comemorativas do duplo Centenário da Fundação e da Restauração de Portugal. Lisboa, 1942.

———, *Memórias do Mosteiro de Pombeiro*. Academia Portuguesa da História. Publicações Comemorativas do duplo Centenário da Fundação e da Restauração de Portugal. Lisboa, 1942.

MENDONÇA, DIONÍSIA CAMÕES – *Da Universidade ao Claustro*. In: ESTUDOS, Orgão do C.A.D.C. de Coimbra, Ano X. Coimbra, 1933. pp. 600-620.

MOLTMAN, JÜRGEN – *El Dios Crucificado*. Salamanca, Ediciones Sígueme, 2010.

NEUFVILLE, JEAN; VOGÜÉ, ADALBERT DE – *La Règle de Saint Benoît*. Sources Chrétiennes. Paris, Les Editions du cerf, 1977.

NESMY, CLAUDE J. – *São Bento e a Vida Monástica*. Mestres Espirituais. Rio de Janeiro, Livraria Agir Editora, 1962.

NETO, VÍTOR – *O Estado e a Igreja*. In: MATTOSO, JOSÉ – *História de Portugal, O liberalismo*. Lisboa, Editorial Estampa, 1999.

NEVES, MOREIRA – *O Cardeal Cerejeira*. Lisboa, Pro Domo, 1948.

———, *O Monge que morreu cantando*. Porto, Ora & Labora, 2010.

OLIVEIRA, PAULO JOÃO DA CUNHA – *A Congregação Beneditina Portuguesa no percurso para a extinção (1800-1834)*. Viseu, Palimage Editores, 2005.

OLIVEIRA, AURÉLIO – *Terra e Trabalho, Senhorio e Gentes no Vale do Cávado durante o Antigo Regime*. Vol. I. Porto, Edições ISMAI, 2013.

OLIVEIRA, TOMÁS GONÇALINHO – *Samos*. In: MENSAGEIRO DE S. BENTO. Ano 1939, nº 8. Mosteiro de Singeverga, 1939.

- PENCO, GREGORIO – *Spiritualità Monastica, Aspetti e Momenti*. Abbazia di Praglia, Edizione Scritti Monastici, 1988.
- PESCH, OTTO HERMANN – *La muerte de Jesus Nuestra Vida*. Salamanca, Ediciones Sígueme, 1992.
- PIÑERO, RAMÓN MOLINA – *Dom Próspero Guéranger. Padre de Monjes e iniciador del Movimiento Liturgico*. Zamora, Ediciones Monte Casino, 1991.
- Plano de Estudos para a Congregação de São Bento de Portugal*. Lisboa, Na Regia Oficina Typografica. 1776.
- PLUS, RAOUL – *La sainteté catholique*. France, Librairie Bloud & Gay, 1928.
- Positio Super vita, Virtutibus et Fama Sanctitatis – Congregatio de Causis Sanctorum, Beatificationis et Canonizationis Servi Dei Bernardus ab Annuntiatione*. Roma, Tipografia Nova Res s.r.l., 2004.
- PRAZERES, FR. JOÃO – *Abecedario Real*. Lisboa, Oficina de Miguel Deslandes, 1692.
- QUEIROZ, FREI FRANCISCO – *O Cardeal Saraiva na Universidade de Coimbra*. In: MENSAGEIRO DE S. BENTO. Ano ? nº 11-12. Mosteiro de Singeverga, 1945. pp. 221-231.
- RAFAEL, FRAY MARIA – *Vida y escritos de Fray María Rafael Arnáiz Barón*. Madrid, PS Editorial, 1984.
- RATZINGER, JOSEPH – *A Caminho de Jesus Cristo*. Coimbra, Edições Tenacitas, 2006.
- SARAIVA, FREI FRANCISCO – *Ensaio sobre alguns Synonymos da Lingua Portuguesa*. Lisboa, 3º Edição, 1838.
- SCHMITZ, PHILIBERT – *La liturgie de Cluny*. Convegna del Centro di Studi Sulla Spiritualità Medievale. Todi, Presso L'Accademia Tudertina, 1960.
- SOUSA, BERNARDO VASCONCELOS (Cor.) – *Ordens Religiosas em Portugal, Das Origens a Trento - Guia Histórico*. Lisboa, Livros Horizonte, 2005.
- SOUSA, DOM GABRIEL – *Escritores Benedictinos Naturais da Cidade do Porto*. Porto, Comemorações do IVº Centenário da Fundação do Mosteiro de São Bento da Vitória, 1997

———, *O voto ultramarino dos beneditinos portugueses*. In: BOLETIM DA ACADEMIA INTERNACIONAL DA CULTURA PORTUGUESA, Separata. Lisboa, Academia Internacional da Cultura Portuguesa, 1966.

———, *Mosteiro de Singeverga. Cem anos, 1892-1902*. Singeverga, Edições Ora & Labora, 1992.

———, *Dom António Coelho*. In: MENSAGEIRO DE S. BENTO. Ano 1939, nº 8. Mosteiro de Singeverga, 1939.

SOLIGNAC, AIMÉ.; MASSEIN, PIERRE. – *Le Monachisme, Histoire et Spiritualité*. Paris, Éditions Beauchesne, 1980.

TOMÁS, FREI LEÃO DE SÃO – *Benedictina Lvsitana*. Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Lisboa, 1974.

TRINDADE, MANUEL DE ALMEIDA; SOUSA, GABRIEL – *Figuras Notáveis da Igreja de Coimbra*. Coimbra, Gráfica de Coimbra, 1991.

VALADARES, FRANCISCO CANAVARRO – *D. Bernardo de Vasconcelos*. In: A VIDA PAROQUIAL. Ano III, nº 8. Mosteiro de Tibães, 1935.

VAZ, ARMINDO DOS SANTOS – *Sede Santos, Porque eu, o Senhor sou Santo*. In: COMMUNIO, Revista Internacional Católica. Ano XXX, nº 4. Lisboa, Universidade Católica Portuguesa, 2013. pp. 391-402.

VILAR, HERMÍNIA VASCONCELOS – *A procura da perfeição longe do mundo: da reforma beneditina à influência Cluniacense*. In: AZEVEDO, CARLOS MOREIRA (Dir.)– *História Religiosa de Portugal*. Lisboa, Círculo dos Leitores, 2000. Vol I, p. 207.

VILLER, MARCEL – *Permanence du Martyre*. In: DICTIONNAIRE DE SPIRITUALITÉ. Paris: Gabriel Beauchesne et ses Fils Éditeurs, 1913. Vol X. col. 732-735.

VIEIRA, DOMINGOS LOURENÇO – *Deus presente na morte?*. In: BROTÉRIA. Vol. 177. Braga, Associação Cultural e Científica, 2013. pp. 327-332.

VOGÜÉ, ADALBERT – *La Règle du Maître*. Sources Chrétiennes. Paris, Les Editions du cerf, 1964.

B) Manuscritos

Bezerro – Actas do Capítulo Geral de 1833. Livro Manuscrito, Arquivo Mosteiro de Singeverga.

Carta Manuscrita de um egresso – Acerca da festa de São Bento. Memórias e trabalhos de D. Gabriel de Sousa. Arquivo de São Bento da Vitória.

Livro dos Instrumentos de posses que se tomarão dos Mosteiros da Ordem de S. Bento deste Reino de Portugal e donde estão trasladadas as Bulas de Reformação do Papa Pio V com otras Provisões pertencentes a dita Reformação – Auto de posse de 1569. Livro Manuscrito de 1596, Arquivo Mosteiro de Singeverga.

Livro dos Capitulos Geraes da Congregação do Glorioso P. S. Bento de Portugal e de suas definições e lições – Capítulo Geral de 10 de Setembro de 1570. Arquivo Mosteiro de Singeverga.

Livro Manuscrito de Visitas, Ordens e Pastorais do Mosteiro de S^{ta} Maria de Carvoeiro – Acta de 1825. Livro Manuscrito, Arquivo Mosteiro de Singeverga.

SARAIVA, FREI FRANCISCO – *Apontamentos Benedictinos, Lista de Bispos depois da Reforma*. Livro Manuscrito, Arquivo Mosteiro de Singeverga.

ÍNDICE

SIGLÁRIO	4
SUMÁRIO	5
INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO I	
OS BENEDITOS EM PORTUGAL: UMA PRESENÇA DESDE OS PRIMÓRDIOS DO REINO E VICISSITUDES DE UM MONAQUISMO EMERGENTE	11
1. Breve exposição sobre a Ordem de São Bento em Portugal	12
1.1 Fundação da Congregação	14
1.2 A Extinção	18
1.3 Refundação	20
2. Espiritualidade Beneditina	23
2.1. Regra de São Bento	23
2.2. Vida monástica e santidade	28
2.3. Martírio e vida monástica	31
CAPÍTULO II	
FREI BERNARDO DA ANUNCIADA, O HOMEM E O MONGE	35
1. A vida de Frei Bernardo: Infância – Casa do Marvão	35
1.1 No Colégio de Lamego	38
1.2 Em Coimbra	39
1.2.1 Membro de CADC	40
1.2.2 Trabalhador estudante	41
1.2.3 Vice-Presidente do CADC	42
2. Vocação	44
2.1 Descoberta vocacional	44
2.2 Orientadores vocacionais	46
2.2.1 Cardeal Cerejeira	46
2.2.2 Dom António Coelho	47
3. Percurso na Ordem Beneditina	49
3.1 Entrada na Ordem	49

3.1.1	No noviciado em Samos	51
3.1.2	Estudos Teológicos	54
3.2	Doença e morte	55
4.	A Causa	59
4.1	O processo de Beatificação	60
4.2	Órgãos da Causa	62
CAPÍTULO III		
A SANTIDADE DE FREI BERNARDO: UMA MÍSTICA QUE SE REVELA MARTÍRIO		
1.	Virtude ou santidade?	63
1.1	As virtudes do Servo de Deus	65
1.2	Conselhos Evangélicos	71
2.	A mensagem da Obra Bernardeana	76
2.1	Correspondência	77
2.2	Obra: Do Ideal Cristão	80
2.3	Poemas	83
3.	Martírio Místico	88
3.1	A experiência mística de Frei Bernardo	88
3.2	A imolação como martírio místico	91
CONCLUSÃO		97
ANEXO DOCUMENTAL		101
BIBLIOGRAFIA		109
ÍNDICE		121

